

Amor d'esposo

narrativa histórica

2ª Edição

Pedro Américo de
Figueiredo e Melo

EU Editora
UFPB



Amor d'esposo

narrativa histórica

2ª edição

Les hommes seront toujours ce qui plaira aux femmes; si vous voulez qu'ils deviennent grands et vertueux, apprenez aux femmes ce que c'est que grandeur et vertu.

J.-J. Rousseau; *Émile*, livro V.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitora MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA MELO DINIZ
Vice-Reitor BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA



EDITORIA DA UFPB

Diretora IZABEL FRANÇA DE LIMA
Supervisão de Administração GEISA FABIANE FERREIRA CAVALCANTE
Supervisão de Editoração ALMIR CORREIA DE VASCONCELLOS JÚNIOR
Supervisão de Produção JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO

CONSELHO EDITORIAL

ADAILSON PEREIRA DE SOUZA (Ciências Agrárias)
ELIANA VASCONCELOS DA SILVA ESVAEL (Linguística, Letras E Artes)
FABIANA SENA DA SILVA (Interdisciplinar)
GISELE ROCHA CÔRTEZ (Ciências Sociais Aplicadas)
ILDA ANTONIETA SALATA TOSCANO (Ciências Exatas e da Terra)
LUANA RODRIGUES DE ALMEIDA (Ciências da Saúde)
MARIA DE LOURDES BARRETO GOMES (Engenharias)
MARIA PATRÍCIA LOPES GOLDFARB (Ciências Humanas)
MARIA REGINA VASCONCELOS BARBOSA (Ciências Biológicas)

Pedro Américo de Figueiredo e Melo

Amor d'esposo

narrativa histórica

2ª edição

Estudo introdutório de
Sebastião Moreira Duarte

Organização, notas e Guia de Nomes de
Silvano Alves Bezerra da Silva

João Pessoa
Editora da UFPB
2019

Direitos autorais 2019 – Editora da UFPB

Efetuada o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA DA UFPB

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do autor.

Impresso no Brasil. Printed in Brazil.

Projeto Gráfico	EDITORA DA UFPB
Diagramação	Jerfson Oliveira
Organização	Silvano Alves Bezerra da Silva
Edição de Texto	Martha Maria Oliveira Bezerra da Silva

Catálogo na fonte:

Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba

M528a Melo, Pedro Américo de Figueiredo e.
 Amor d'esposo: narrativa histórica / Pedro Américo de Figueiredo e Melo, Silvano Alves Bezerra da Silva (Organização). - 2. ed. - João Pessoa: Editora da UFPB, 2019.
 206p. : il. ; 15 x 22 cm. - (Coleção Nordestina, 106)
 ISBN: 978-85-237-1425-3
 1. Literatura Brasileira - Romance. I. Silva, Silvano Alves Bezerra da. II. Título.

UFPB/BC

CDU – 869.0(81)

EDITORA DA UFPB

Cidade Universitária, Campus I - s/n
João Pessoa – PB
CEP 58.051-970
<http://www.editora.ufpb.br>
E-mail: editora@ufpb.br
Fone: (83) 3216.7147

Editora filiada à:



SUMÁRIO

O Brasileiro que queria ser Leonardo.....	9
Sobre Esta Edição.....	15
Prólogo	19
I Provinciano	21
II A Fluminense.....	29
III Doces Prelúdios	37
IV Manoel de Cristo	43
V Noivado	53
VI O Dedo da Sogra	61
VII Desilusões.....	69
VIII Luta.....	77
IX Demonstrações	85
X Em Paris.....	97
XI O Baile.....	109
XII O Sarau	121
XIII O liberto.....	133
XIV Máscara verde	143
XV Desfecho	155
XVI Conclusão.....	167
Guia de Nomes.....	173

Os homens sempre agradarão às mulheres; se você quiser que eles se tornem grandes e virtuosos, ensine às mulheres o que é grandeza e virtude.

J.-J. Rousseau; *Emílio*, livro V.

O BRASILEIRO QUE QUERIA SER LEONARDO

Sebastião Moreira Duarte

Velho texto de introdução à correspondência passiva de J.-J. Rousseau adverte que a história moral de uma nação, ou de uma época, não pode fazer-se sem que por ela perpassa a influência que uma figura de grande nome exerceu sobre os seus contemporâneos. Acontece – prossegue o mesmo escrito – que os feitos daquela personagem, incontestáveis em seu conjunto, tornam problemática a recepção analítica e o acurado entendimento das suas realizações, uma vez que inevitavelmente nos escapam particularidades e nuances que não serão simples detalhes para curiosos.¹

Mude-se o nome, e onde estava Rousseau, ponha-se o autor da obra que ora se abre aos nossos olhos, e enfrentaremos a mesma “empreitada difícil e perigosa”, a de reconstituir o “diálogo estranho e misterioso” que se estabeleceu entre o vulto célebre, os seus contemporâneos e a posteridade.

Pedro Américo de Figueiredo e Melo – o autor de *O brado do Ipiranga*, o quadro mais afamado das nossas artes plásticas (embora não a melhor obra de seu criador), tantas vezes reproduzido nos livros em que aprendemos as primeiras lições da História pátria – Pedro Américo cultivava-se como homem de saber enciclopédico, um Leonardo renascentista replantado nas selvas brasileiras do século XIX. Na construção dessa imagem, alteava-se com particular orgulho, e não é à toa que hoje o temos, na pintura, ao lado de

1 J.-J. Rousseau *ses amis et ses ennemis* – Correspondance publiée par M. G. Sreckeinsens-Moulton. 2 v. Paris, Michel Lévy Frères, 1865, p. iii-iv.

Carlos Gomes, na música, os dois ícones da Arte brasileira do Segundo Reinado. Nem por outra razão foram, os dois, a aposta predileta do imperador Pedro II como “amostras” do país nascente que, mal e mal, forcejava por garantir a própria independência e vencer o seu congênito complexo de inferioridade frente à Europa. Pela mesma razão – *ça va sans dire*, como no caso de Rousseau –, não será gratuita a plêiade de amigos e a pletora de inimigos que lhe beliscaram a fama e fizeram nome em torno de seu nome e seu legado.

Artista do pincel, Pedro Américo também aventurou-se nos terrenos da Filosofia, das Ciências e das Letras. Nesse último campo, deixou quatro obras ficcionais: *O holocausto* (Florença, Tipografia Cenniniana, 1882); *Amor d'esposo* (Florença, Imprensa dell'Arte della Stampa, 1886); *O foragido* (Paris, H. Garnier, 1899); e *Na cidade eterna* (Paris, Aillaud & Cia., 1901), as quais caíram no esquecimento e desapareceram de circulação, e pouca gente sabe, em nossos dias, que o maior de nossos pintores acadêmicos também se expressou através da literatura.

Até o começo do século que passou, os romances de Pedro Américo encontravam-se listados junto com, entre outros, os de Aluísio Azevedo, no catálogo da Livraria Garnier, do Rio de Janeiro. Sucedeu, porém, que o romancista maranhense entrou para o cânon da literatura nacional, e ainda hoje aparece entre os nossos escritores mais lidos e procurados, bem outra tendo sido a sorte do artista paraibano.

Algumas razões podem especular-se, que esclareçam algum tanto tal diferença:

1. Pedro Américo enxergava-se e exagerava em afirmar-se uma espécie de “gênio da raça”. Para tanto, lança mão de meios e oportunidades que estavam ao alcance só de raros de seus contemporâneos. Sem ser propriamente um homem da Corte, manobrou fatos da própria biografia para ver-se e ter-se no “Grupo dos Áulicos” imperiais, conforme deles debochou Sousândrade em

seu *O Guesa* (O Inferno de Wall Street). (Desde logo, não passe despercebido o recalque do epíteto – *Provinciano* – dado pelo narrador ao protagonista deste romance, *Amor d'esposo*, de onde se respigam traços da vida do autor, *provinciano* de medianas posses, ele mesmo). Uma coisa potencializando a outra, em recíproca sustentação, estava aí o prato-feito oferecido à delícia de invejosos e inimigos que ele parecia sentir prazer em atrair e repulsar.²

2. O empreendimento literário de Pedro Américo não serviu a, e não foi servido por, suas realizações no campo das artes plásticas, em que mais ele revelou os dotes de seu gênio. Dispersão de ações, de atenções, de dotes de inteligência? Talvez, se levarmos em conta as notas mais incidentes nos ataques dos seus críticos. Valha aqui o dito antigo: “*Pluribus intentus, minor est ad singula sensus.*” Afinal, não será apenas uma tirada de humor o que já se disse: que, neste país, é proibido ser alvo da consideração pública em mais de um segmento de atividade, intelectual, social, política, econômica, o que seja. (Quem for rico, não será inteligente; quem for inteligente, não será bonito; quem for bonito, não será rico...)³

3. Monarquista, um pouco por “dever de ofício” e gratidão,⁴ Pedro Américo empreendeu a própria criação romanesca na

2 Abra-se vista, no caso, às duas biografias mais “próximas” e favoráveis ao artista, de Luiz Guimarães Jr., *Pedro Américo: Biografia* (João Pessoa: A União/Editora do CCTA, 2015; 1ª edição: Rio de Janeiro: Henrique Brown e João de Almeida Editores, 1871); e de J. M. Cardoso de Oliveira, *Pedro Américo: sua vida e suas obras*. 2. ed. fac-similar. (Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1993); e, dos estudos de crítica, a Luís Gonzaga Duque-Estrada, *Arte brasileira: pintura e escultura* (Rio de Janeiro: H Lombaerts & Cia., 1888); *Impressões de um amador: textos esparsos de crítica* (1882-1909). Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001); além de ao romance *Mocidade morta*. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1993.

3 No dia em que escrevia o parágrafo acima, 18 de junho de 2018, o autor destas linhas ouviu do fundador e ex-presidente da Embraer, engenheiro Ozires Silva, no programa *Roda Viva*, da TV Cultura, a resposta que a ele fora dada por um dos membros do Comitê do Prêmio Nobel, em Estocolmo, quando indagado por que o Brasil não recebia aquele prêmio: “Vocês, brasileiros, são destruidores de heróis”.

4 Por “dever de ofício” e gratidão: o Professor Silvano Alves Bezerra da Silva, especialista na vida e obra de Pedro Américo e coordenador da atual edição dos seus escritos, em comentário ao Autor sobre a passagem supra, reforça o que nela

década em que o governo imperial descambava para o fim. Com o advento da República, decretava-se o espontâneo ostracismo de sua obra (o mesmo se dando com as partituras de Carlos Gomes, seu *partner* de favorecimentos cortesãos).

4. Vazada, além do mais, em uma ideologia catolicona que lhe rendeu medalhas papais mas não lhe aumentou a simpatia dos leitores, a produção literária de Pedro Américo é veículo da clara intenção moralizadora de seu criador. O seu catolicismo eclético-ultramontano ecoava o ideário de Joseph de Maistre e Louis Veuillot e guardava fidelidade aos princípios do Concílio Vaticano I (1869-1870), ao fim do qual foi decretado o dogma da infalibilidade pontifícia. Essa opção consciente e proposital por navegar contra a corrente, e manter-se fiel ao anacronismo e ao atraso, custou-lhe o escárnio do positivismo rascante que avassalava as mentes tidas por ilustradas, mundo afora.

5. Todo o *corpus* ficcional do romancista Pedro Américo, talhado nos moldes do folhetim ultrarromântico, estriba-se na hiperbolização das peripécias, do triunfo da personagem sobre o espaço e os episódios narrados, os quais se multiplicam e se amplificam até as margens do inverossímil. O protagonista desse tipo narrativo encarna o pleno sentido da *virtù* renascentista, seu embate contra, e sua prevalência à, *fortuna*: nada é grande ou mais forte que a força e grandeza do herói, cujos feitos superam todo obstáculo ou sacrifício. A trama termina por se mostrar um exercício aplicado, coerente com a visão do romantismo, cuja

está dito, acrescentando-lhe detalhes informativos: “Pedro Américo alimentava anseios republicanos. Seus melhores e mais influentes amigos (excetuando-se, talvez, José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco), eram republicanos. Ele foi assinante do jornal *A Republica*, empastelado pela Monarquia. Também foi maçom, e as lojas maçônicas estavam repletas de ex-monarquistas e republicanos. Mas, por óbvias razões, não podia proclamar-se republicano. Pode-se admitir a conjectura de que as suas decepções, pessoais e políticas, com o regime monárquico brasileiro o tenham levado a se bandear para o lado republicano. Há uma carta sua, por exemplo, do tempo em que ele negociava com a comissão responsável por implantar o Museu do Ipiranga, na qual afirma estar enfrentando obstáculos com o Imperador, supondo-se, aí, que não lhe perdoaria as relações com os republicanos.”

ontologia se concebeu sob o signo transcendente da liberdade, e logo, do triunfo, acima de qualquer dúvida, da figura condutora do relato. Em sentido contrário, caminhava, desde já três décadas, a estética realista-naturalista, em cuja concepção a figura central sucumbe e é açambarcada pelo espaço narrativo. Mencionemos os exemplos de *Madame Bovary* (1857), *O primo Basílio* (1878), *Ana Karênina* (1877/1878) ou *Dom Casmurro* (1899).

6. Considere-se agora o horizonte, ainda que retardatário, da nossa literatura. Marquem-se as datas (1882-1891) que vão do primeiro ao último romance de Pedro Américo. Já desde *Senhora* (1875), de José de Alencar, ou de *O cacaulista* (1876) e *O coronel Sangrado* (1877), de Inglês de Sousa, passando ao Machado de Assis das *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Papéis avulsos* (que saiu no mesmo ano, 1882, d'O holocausto), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899), chegando a *O Ateneu* (1888), de Raul Pompeia, ou a *O missionário* (também de 1888), do mesmo Inglês de Sousa, e ainda a *A normalista* (1893) e ao *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, e a *Dona Guidinha do Poço* (de publicação posterior, mas escrito em 1892), de Oliveira Paiva, para não falarmos, já um pouco após a publicação de *Na cidade eterna* (1901), da *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio, e fecharmos o ciclo com o Machado de *Esau e Jacó e do Memorial de Aires*, a breve cronologia que recobre a década em que surgem as quatro narrativas do romancista paraibano parecem dizer bastante da desfavorável recepção ao seu legado literário e por que este teve circulação precária, já ao tempo em que vivia o seu autor.

Concluir-se-á, sem maior esforço, que a Pedro Américo de Figueiredo e Melo resta o paradoxo deste traço que alcança os nossos dias, transbordante do conjunto de seus cometimentos de pintor, caricaturista, filósofo, cientista, ensaísta, político e escritor: a obsessão por mostrar-se e ser visto como excelente, a neurótica egolatria de quem a si mesmo se proíbe ser segundo, uma vez que,

de acordo com o mais ultramoderno dos Narcisos, o segundo é o primeiro dos perdedores.

Ressalve-se, em todo caso, para que o mantenhamos na moldura de seu tempo e o compreendamos em suas pretensões titânicas, que todo o projeto de vida de Pedro Américo preenchia-se do seu propósito de colaborar na construção de uma pátria nascente, grande por natureza e destinada a posar grandiosa no conspecto das nações, em razão do trabalho de seus grandes filhos, especialmente dos cultores da Arte imortal.

A literatura publica-se também como registro documental. A obra literária conserva a consciência de um tempo, de seus valores, assim como dos valores, intenções e ações das figuras que, sobrelevando-se aos seus contemporâneos, exerceram influência indelével sobre a história de sua terra.

Sob essa perspectiva, vai o convite à leitura de *Amor d'esposo* e das demais criações literárias de Pedro Américo de Figueiredo e Melo.

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Esta edição de *Amor d'esposo: narrativa histórica*, de Pedro Américo de Figueiredo e Melo, traz modificações em relação à versão de 1886, executada pela Imprensa de L'Arte della Stampa, em Florença, Itália.

Aqui, como nos demais títulos de Pedro Américo sob nossos cuidados, procedemos à atualização ortográfica, e servimos o leitor com um conjunto de referências que visam à mais rápida apreensão das ideias do autor.

Era comum à época, e constante nas obras de Pedro Américo, que os nomes de personalidades estrangeiras, em especial as europeias, viessem vertidos para o português, desde que preservassem a compatibilidade linguística. De tal forma que Michelangelo passaria a Miguel Ângelo, Raffaello Sanzio a Rafael Sângio, Roger Bacon a Rogério Bacon etc.. Guardamos os nomes de personalidades como se acham em suas respectivas línguas, de maneira a preservar a integridade original, e assim facilitar a consulta a qualquer manancial informativo.

Assim como em *O holocausto*, o primeiro romance de Pedro Américo, *Amor de esposo* entrelaça a ficção a passagens da vida do autor, vendo-se neste (assim como naquele) lastros autobiográficos, ora sutis, ora nem tanto. Em razão disso, tomamos duas providências: inserimos nesta edição algumas notas de rodapé com o propósito de favorecer o acesso ao conjunto de informações trabalhado por Pedro Américo, às quais correspondem os algarismos arábicos que se acham após algumas palavras no corpo do texto. Há apenas uma nota de rodapé feita por Pedro Américo, identificada por N. A.. E ao final desta edição incluímos

o Guia de Nomes, em que o leitor encontrará – e na medida em que achar que isso o auxilie – informações adicionais acerca de personalidades, mitos, obras de arte citadas pelo autor.

Silvano Alves Bezerra da Silva
Coordenador editorial

PEDRO AMERICO

AMOR D'ESPOSO

NARRATIVA HISTORICA

« Les hommes aiment toujours ce qui plait aux
femmes ; et vous voulez qu'ils deviennent grands
et vertueux, apprenez aux femmes ce que c'est que
grandeur et vertu. »

J. J. Rousseau : Émile, livre V.



FLORENÇA

IMPRESA DE L'ARTE DELLA STAMPA

1886

Folha de rosto da primeira edição desta obra

PRÓLOGO

A benevolência com que acolheu o público de Portugal e Brasil outros meus devaneios literários, animou-me a dar à estampa estas poucas páginas delineadas quando pintei *A carioca** e a *Visão de São Paulo**.

Nessa época, apesar de muito jovem, já o meu espírito sentia vivamente o que aqui vai escrito contra a quase geral opinião dos solteiros, dos simplórios e dos mal casados, para os quais certos divertimentos condenáveis por suas fatais consequências no seio da família são a coisa mais inocente do mundo; enquanto muitos dos meus companheiros de estudo, quer das universidades de Sorbonne e de Bruxelas, quer do Instituto de Mr. Ganot*, ou ainda da Academia das Belas-Artes de Paris, riam-se da exagerada pureza da minha alma, e, para se divertirem, apostavam que havia de acabar frade ou soprano da Capela Sistina.

Entretanto, não fui uma nem outra coisa; casei-me, e fui feliz na escolha da distintíssima companheira para os trabalhos e os desgostos da vida tal qual eu entendia; ao passo que o mais espirituoso e mordaz dos meus colegas, aquele que melhor representava a opinião geral, e cuja faceta loquacidade exercia-se de preferência contra o meu antecipado puritanismo em matéria de moral conjugal, realizou em si a maior parte das minhas profecias; a ponto tal que, retocando-as anos depois, vinha-me ao bico da pena o nome do antigo e arguto condiscípulo todas as vezes que devia escrever aquele com que crismei o meu protagonista.

A narrativa, que já se firmava em fatos colhidos em assídua observação, ganhou assim em veracidade o pouco que lhe faltava para ser completamente histórica. Até a intervenção

da sogra no desenvolvimento da ação imaginada para ligar uns aos outros os diversos elementos de que se compõe, realizou-se tão escrupulosamente exata, que por assim dizer plagiou o meu pensamento, e transformou em fotografias todos os quadros em que tentei descrevê-la.

Não é, pois, somente uma verdade como ideia, mas uma verdade de fato o que nestas páginas ofereço ao público; e salvo naquelas improvisações acessórias, inevitáveis e mesmo necessárias em um trabalho de concatenação e de efeito dramático, tudo quanto escrevi é a expressão do real tal qual o foi, é e há de ser todas as vezes que o leitor quiser tentar a prova pondo-se nas condições dos meus personagens.

Paris, 15 de julho de 1884

O AUTOR

I PROVINCIANO



Existe na alma humana uma força que, impelindo-a para o ideal, tende a ligá-la ao que lhe falta para ser completa. Eis a origem do amor.

HEMSTERHUYS, *Reflexões*.

Le mariage peut seul faire une vertu de cette passion⁵.

BERNARDIN DE SAINT-PIERRE.

No declive austral da Serra da Carioca, e num lugar onde se avista a lagoa de Rodrigo de Freitas, como uma nesga de prata por entre a face aprumada do Corcovado e o muito mais distante Morro da Saudade, existia há cerca de quinze anos uma chacinha, cujo dono, de origem provinciana, passava entre os conhecidos por um exemplar de moço solteiro, e ao mesmo tempo por um homem predestinado.

Tinha então esse moço apenas vinte e um anos de idade, e bem que de caráter jovial era extremamente grave, comedido e prudente. Chamava-se Fernando. Não fumava, não sabia jogar nem mesmo os jogos inocentes com que os colegas se divertem durante as horas de recreio; não conhecia ocupação fora daquelas

5 O casamento sozinho pode fazer uma virtude desta paixão.” O trecho em questão encontra-se no volume 1 das *Œuvres de Jacques-Henri-Bernardin de Saint-Pierre* (*Obras de Jacques-Henri-Bernardin de Saint-Pierre*). Louis Aimé-Martin (Org.). Paris: Chez Lefèvre, Libraire-Éditeur, 1833, à p. 406.

que lhe eram prescritas pelos seus deveres, nem distração que não fosse rigorosamente honesta.

Na escola onde estudava era sempre considerado o primeiro de sua turma; e os lentes, nos dias em que o Imperador visitava as aulas, questionavam-no de preferência, para darem ao monarca uma boa ideia do próprio ensino.

Essa confiança no seu aproveitamento além de o pôr às vezes em sérios embaraços, obrigando-o, de repente, a grandes esforços de memória, e a lançar mãos de todos os recursos da inteligência para não autorizar juízos desfavoráveis a respeito de si mesmo, granjeava-lhe quase sempre mais ou menos disfarçadas antipatias, em cujas explosões seus colegas expandiam, com ditos mordazes ou chalaças irônicas, a inveja que lhes causava esse primeiro e inofensivo fulgurar do talento.

Então passava o Provinciano – como lhe chamavam – por não ter mais que uma prodigiosa memória em vez de superior inteligência, e uma dissimulação jesuítica em vez de boa índole. Lembro-me bem que, uma tarde, descendo comigo do Corcovado pelo caminho apelidado os canos da Carioca* muitos dos seus antigos colegas do ⁶Colégio Pedro II*, e demorando-se durante cerca de uma hora em casa de Fernando, depois de contemplarem maravilhados a magnífica biblioteca, o herbário, a coleção insetológica e os instrumentos de observação, que ele havia adquirido à força de constância e de sacrifícios pecuniários, ou os desenhos arquitetônicos, os esboços literários e os cálculos matemáticos, em que se manifestava a transcendência do seu engenho, saíram afirmando que tudo aquilo era propriedade e obra de outro; não podendo admitir que um pobre tabaréu viesse dar aos moços da Corte exemplos de aplicação e aproveitamento.

6 Chegado ao Rio de Janeiro em 1855, aos 12 anos de idade, Pedro Américo foi matriculado, pelo Governo Imperial, no Colégio Pedro II, onde estudou por 4 ou 5 meses, antes de ingressar, em 4 de julho daquele ano, como aluno da Academia Imperial de Belas-Artes.

A verdade era, entretanto, que o Provinciano ia firmando cada vez mais a sua reputação de bom caráter e grande talento entre as pessoas de melhor critério, e que aos vinte e dois anos já havia concluído os seus estudos, sendo laureado no meio de um concerto de louvores, com a mais inatacável justiça.

Enquanto a sua inteligência assim demonstrava a própria excelência e cultura, seu caráter manifestava-se em atos de tanta correção moral, que mais de um pai de família lançava-lhe os olhos como para um homem que, sem receio, se podia desejar por genro.

As exigências, porém, da sua imaginação, suas ideias a respeito do ideal da mulher, sua concepção acerca da vida conjugal, e até sua manifesta timidez, eram outros tantos obstáculos à aliança que ideavam, e cujas vantagens materiais já lhe haviam sido sopradas aos ouvidos por hábeis emissários em capciosos e melífluos discursos.

Entretanto, ele amava facilmente, tinha do sexo feminino, tal qual é, uma ideia elevada; não projetava como os egoístas adolescentes uma existência independente da esposa e dos filhos; e se havia no seu espírito uma objeção tácita aos projetos de união que lhe haviam sido revelados, essa explicava justamente por uma imensa sede de amor, um sentimento íntimo de celestial volúpia, que lhe fazia desejar entes demasiado superiores aos tipos da natureza, mulheres anjos, criando-lhe situações imaginárias impossíveis de realizar.

Se acaso comunicava a outros moços os próprios pensamentos acerca assim do casamento como de outras questões sociais, sobre as quais tinha as mais elevadas ideias, eles, para não se confessarem expatriados em regiões que julgavam por demais etéreas, apelidavam-no louco, ou pelo menos original; sendo nisso aplaudidos por muitas pessoas ilustradas, que não compreendiam, nem admitiam, se apartasse um espírito eleito dos modos de conceber da mediocridade.

A essa superioridade intelectual associava-se em Fernando a consciência da sua missão moral na terra, e uma infinita aspiração de felicidade, um inefável sentimento das coisas, que o fazia meditar fortemente nos seus cometimentos, buscando com ansiedade o caminho da virtude através dos mil obstáculos que se lhe antepunham, e amando tudo quanto, por qualquer manifestação harmônica da existência, se afirmava no tempo ou no espaço, fatores indispensáveis de toda a realidade.

De modo que a sua alma era como um vale profundo e sonoro, onde germinavam as boninas da primavera, cresciam os frutos do outono, e vinham sucessivamente ecoar todos os gemidos da humanidade e todas as sinfonias da natureza.

Ai dos homens, porém, que assim nasceram!

Além desses títulos à geral consideração, possuía Fernando outros, que a muitos parecerão de nenhum valor, mas que são de uma incontestável importância na vida social, queremos dizer: a beleza física e a facilidade da expressão oral. Alto, bem proporcionado, forte, de bonitos traços fisionômicos, e mais que tudo eloquente e insinuante, se nunca se achara homem que fosse de todo indiferente ao encanto do seu aspecto e do seu discurso, como lhe seria impossível não despertar grandes simpatias entre as moças, que tudo julgavam pelas aparências, e raramente resistem às seduições da palavra?

De entre as que o amaram algumas houve formosíssimas, a quem outro teria tributado fervorosa paixão: o Provinciano, porém, soube resistir tão bem à tentação de se ligar profundamente a qualquer delas, por as crer inferiores à sublimidade do seu ideal, que durante algum tempo foi designado entre os conhecidos pela expressiva antonomásia de José do Egito. Uma dessas preferiu a estamenha monástica à vida secular não abrilhantada com a posse de um amor como devera ser o de tal homem. Finalmente, concorrendo com sua aparente insensibilidade para a prematura morte de uma das mais formosas donzelas que então

exornavam o pitoresco bairro de São Clemente, moça cujo afeto se lhe afigurava demasiado impetuoso para ser durável, assemelhava-se a qualquer desses vulgares esmagadores de corações inexpertos, que por aí andam a cantar as vitórias ganhas no campo da alheia inocência e da alheia candura.

A pureza de ânimo e a sublimidade do espírito aproximavam-no assim, aparentemente, desses seres vaidosos e covardes dos quais ele na realidade tanto diferia.

Com todo o seu cabedal de convicções requintadas, de aspirações etéreas, de repugnâncias salutareas não era, entretanto, feito para o celibato; e nem os vagos e porém ardentes desejos do seu coração seriam jamais garantias contra as solicitações externas a que muitos, bem que menos sensíveis, cedo ou tarde têm de ceder. Ele é que, na sua inexperiência de mancebo, no meio dos seus pensamentos puramente teóricos, cuidava possuir em si uma força superior à toda a tentação, e à incalculável pressão que a força das circunstâncias exerce sobre a vontade do homem, impelindo-o para aquilo que, muitas vezes, ele nunca imaginava.

Ficara-lhe vivamente exarada no espírito a impressão que lhe haviam causado os poucos saraus, ou bailes, ou banquetes de família a que interviera; e por isso temia todas essas reuniões nas quais nos achamos frente a frente, sob as aparências da intimidade, com pessoas distintas e formosas; como se previsse nelas algum grande perigo para o seu coração, ou algum grande estorvo para a sua liberdade.

Entrou a evitar essas reuniões, não suspeitando a eficacíssima influência do acaso, que nos circunda, à qual nenhum homem se pode furtar.

Sua experiência a respeito de sexo feminino resumia-se na recordação das suas simpatias juvenis, algumas das quais, como vimos, deviam tê-lo abalado profundamente; e nas fáceis relações que a liberdade granjeia a todo o homem nos primeiros tempos da puberdade, as quais, apesar de corresponderem a uma

necessidade da vida afetiva, em geral nenhuma impressão durável deixam-lhe n'alma.

Entretanto, a seta que o havia de ferir já estava acerada: o Destino* ria-se da sua vítima, enquanto esta, semelhante ao vencedor de Pátrocles* diante de Polixena*, ainda se julgava invulnerável.

II A FLUMINENSE



L'homme n'est pas fait pour le célibat, et il est bien difficile qu'un état si contraire à la nature n'amène pas à quelque désordre public ou caché⁷.

J.-J. ROUSSEAU, *Nouvelle Héloïse*.

Como para confirmar o que acabamos de dizer, quis a Providência que por uma tarde de outono, e enquanto muitos fluminenses da planície buscavam pelas alturas da colina alívio aos mil sofrimentos causados pelo calor, desabasse sobre o Rio de Janeiro uma dessas tempestades de que só há exemplo nos países intertropicais, e que se assemelham em seus efeitos a um cataclismo; tal é a violência das comoções por que faz passar a quem foi compreendido na órbita dos seus furores.

Poderiam ser quatro horas. O dia desde a madrugada fora abrasador como o são ali durante os longos meses de verão; e a calma abafadiça que já durava desde algumas semanas, tornando a atmosfera demasiado quente e dilatada para entreter a vida no mais simples organismo, anunciava próximo temporal.

Apesar da altura da colina, as árvores estavam calcinadas, as fontes ressequidas, o ar abrasado, e a vida vegetativa como suspensa à borda de um vulcão. As parmélias e os musgos retorcendo-se sobre si estalavam das rochas graníticas, deixando-

7 O homem não é feito para o celibato, e é muito difícil que um estado tão contrário à natureza não conduza a alguma desordem pública ou oculta. J.-J. ROUSSEAU. *Julie, ou la Nouvelle Héloïse* (Júlia, ou a Nova Heloísa). Paris: Chez Duchesne, 1764, p. 248.

as como escalavradas; e por todos os lados cruzavam-se os raios avermelhados do sol do outono refletidos pelas faces calvas das pedreiras, que assim aumentavam o calor do dia; enquanto ecoava nos ares o monótono retinir das alavancas e picaretas com que os cavouqueiros brocam o granito para o arrancarem da rocha madre.

O firmamento avermelhado e turvo parecia servir de teto a um incêndio enorme.

De repente ergueu-se da banda do mar uma espécie de pampeiro furioso e ardente, que em poucos minutos tornou cinzento o céu, sacudiu a coma das florestas, fez redemoinhar nos ares a folhagem seca e o pó das estradas, d'envolta com um milhão de borboletas e centenares de gaivotas, que não puderam escapar ao torvelinho da imensa onda atmosférica.

No meio daquele caos repentino, que incutia pavor até nos irracionais, a abóbada celeste se foi rapidamente embuçando em nuvens pesadas, negras, conglobadas e ameaçadoras como grandes torres de bronze volatilizado, em cujo bojo rompiam clarões lívidos, e reboavam surdos estouros, que o vento deixava apenas perceber.

Expelido do seio dos elementos, o sol desaparecera por detrás do monstruoso véu, sem deixar de varar de vez em quando aquela massa a um tempo plúmbea, doirada, prateada, fulva, vaporosa, negra, brilhante, prestando ao grandioso quadro o aspecto de uma criação fantástica por vezes indelineável, misto de horror e maravilha, em que a luz e as trevas davam-se batalhas ao som das buzinas da tempestade.

Açoitadas pelo vendaval, as matas vizinhas pareciam um órgão em ruínas tocado por um mau gênio, uma imensa harpa eólia a murmurar melodias aterradoras, uivando, assoviando, mugindo, ululando uníssona com o estrondo dos trovões longínquos e os estalos das árvores que cediam à fúria do ciclone.

Essa monstruosa sinfonia cessou como por encanto. O sol escondeu-se completamente, e tudo pareceu de súbito paralisar-

se sob a ação dos bulhões que, cada vez mais turvos e pesados, se acamavam pelos cabeços dos montes.

Nenhum bater de asas perturbava nas florestas o tremendo armistício, nenhum grito soava nos caminhos, nenhuma cigarra ousava continuar o canto interrompido. Sentia-se a natureza como aterrorada, ofegante, inquieta, à espera de uma catástrofe.

Às cinco horas era completa noite; mas uma noite artificial, sinistra, iluminada a espaços pelo instantâneo lampear da nuvem eletrizada.

Surpreendidos pelo temporal, os passeadores retardados corriam na direção da planície, e os animais selvagens acautelavam-se nos seus antros, como se medissem a grandeza do perigo pela própria ansiedade.

Afinal uma larga faixa de fogo desenhou-se repentina de um a outro extremo do horizonte; e um estampido medonho, atroador, reboante, ecoou pavoroso pelas quebradas do monte, pondo termo a todas as hesitações, e transmutando em uma convulsão infernal aquele espasmo suspensor de todas as graças da natureza.

Em poucos segundos o solo estava ensopado, e as águas do céu misturadas com o vapor da terra, quente e áspero, tinham banhado o seio das florestas impenetráveis, formado córregos pelas estradas um momento antes ressequidas, centuplicando o jorro das cachoeiras, alagado as planícies, turvado as águas límpidas do mar, e esboroados os cabeços da montanha.

Relâmpagos ofuscantes e trovões atordoadores sucediam-se como o fuzilar de medonha artilharia, enquanto o aguaceiro desabava como uma tromba enorme, abrindo algaes na terra, despindo as árvores de suas folhas, farfalhando e rufando sinistro nos tetos das casas, e imprimindo nos ouvidos humanos um soído ensurdecedor e persistente.

De vez em quando riscas de fogo penetravam pelas fendas das portas no interior dos aposentos, e logo novos estampidos

faziam tremer a louça, os móveis, o madeirame, como se uma força subterrânea sacudisse o pavimento.

Os insetos, que o anúncio da tormenta havia expelido dos seus ninhos, e que nesses momentos correm e voam em torno das luzes, por cima das mesas, ou ao longo das paredes, já se iam aquietando, desaparecendo, quando à porta do Provinciano soam pancadas e vozes semelhantes às de quem pedia abrigo. O moço apressou-se em acudir, ao mesmo tempo que o criado o acompanhava com o lume.

– Desculpe-me o incômodo, senhor doutor – disse cortesmente um homem robusto e distinto, trajando roupa de linho, e trazendo em sua companhia uma senhora de meia idade, e uma moça de seus dezesseis anos, sobre cujo vulto a luz artificial ia batendo oblíqua quando a claridade do relâmpago a iluminou francamente.

– Estamos completamente molhados – continuou o pai da moça; – e como a chuva não nos permite prosseguir até a casa, que dista daqui um bom quarto de légua, tomei a liberdade de bater à sua porta...

– Fez muito bem, senhor general, – respondeu-lhe Fernando, que já o havia reconhecido apesar da instantaneidade dos relâmpagos e da deficiência da luz artificial, e sem trair o abalo causado nele pela inesperada visita. – Esta casa d'estudante está às ordens de vossa excelência. O que sinto é que fosse obrigado a buscá-la em tão má ocasião. Tenham a bondade de entrar, minhas senhoras, e desculpem o desalinho do aposento.

E enquanto oferecia-lhes cadeiras, tomava-lhes os chapéus de sol, e mandava abrir estes pelo criado em lugar onde pudessem ir enxugando, relanceou com os olhos diversas vezes o rosto de Helena, a filha do general, de quem já tinha ouvido falar com admiração, tão formosa todos a reputavam.

Na verdade, não parecia terrestre a criatura que ali estava sob os trajes de uma menina; parecia um anjo que tivesse descido

do céu para abonançar a tempestade, cujos rumores já não percebia o jovem Provinciano, graças aos sentimentos que começavam a dominá-lo.

O general, e principalmente dona Flamínia, mãe de Helena, estavam, bem que molhados, satisfeitos e alegres, felicitando-se internamente por terem achado pretexto tão plausível para, sem o menor vislumbre de oculto desígnio, mostrarem ao simpático solitário a filha diletta, a quem mais de uma vez se havia falado de Fernando como de um moço digno da sua mão.

Por seu lado, ele, que jamais se havia achado face a face com uma mulher tão linda, estava enlevado, atônito, sem atinar com os nomes das coisas, procurando em vão encobrir o acanhamento, e cada vez mais perturbado, mais distante do seu natural desembaraço; tal era a fascinação que lhe causava aquela encantadora aparição.

Em um instante ficou-lhe demonstrado quão incompletas eram as suas ideias a respeito da força magnética da mulher, e da fragilidade, não diremos humana, porém masculina. Não teve mais senão um pensamento, que lhe perturbava o discurso, era o de parecer educado, instruído, perfeito como moço e como homem no conceito não somente daquela que ele desejara tornar a ver em sua casa uma e mil vezes, mas ainda dos prezados esposos que não duvidaram, em tão feiticeira companhia, bater à porta de um simples ex-estudante.

Também ela não perdera ensejo para manifestar ao recém-formado a admiração que lhe inspiravam os seus desenhos arquitetônicos, o zelo com que havia organizado a sua coleção de pássaros e insetos das florestas fluminenses, entre os quais figuravam primorosos beija-flores e lindíssimas borboletas; a sua bem provida biblioteca, em grande parte composta de livros raros e de obras ilustradas com riquíssimas estampas; a instrução de Fernando, finalmente, com o qual estivera continuamente conversando acerca de coisas muito diversas do afeto, porém

que pareciam prender menos a atenção de uma menina do que de certo os dotes pessoais do Provinciano.

Afinal, logo que julgaram conveniente, partiram os inesperados hóspedes de Fernando, agradecendo a este o gracioso agasalho, e obrigando-o a prometer-lhes que frequentaria a casa do general, onde havia de encontrar acolhimento condigno ao merecimento de um moço tão distinto.

III

DOCES PRELÚDIOS



Que de parents croient avoir élevé leurs filles lorsqu'ils ont payé leurs maitres!⁸

Mme. BERNIER, *Discours sur l'éducation des femmes*.

Decorrido o tempo necessário para que sua presença em casa de Helena não fosse interpretada desfavoravelmente, foi Fernando visitar o general, o qual o acolheu com todas as demonstrações possíveis de consideração e simpatia, mandando logo avisar à dona Flamínia e à filha, as quais tinham ido em companhia de uma irmã desta, de seis anos de idade, passar a tarde em casa de umas vizinhas, companheiras de colégio de Helena.

A primeira em aparecer foi a moça, apresentou-se na sala corada e ofegante como se tivesse febre, tal foi a pressa com que transpôs a distância que a separava da casa paterna.

Nesta não se limitou, como em casa de Fernando, a manifestar admiração pelo talento alheio, mas quis exibir o próprio, patenteado em riquíssimos bordados, em delicados trabalhos de florista, em noções muito exatas acerca das ciências naturais e particularmente da botânica, em ideias sobre a literatura francesa, sobre a música, e principalmente no conhecimento das obras mais populares de Gounod*, Liszt*, Rubinstein*, Gottschalk* e os mestres italianos, cada um dos quais tinha nela uma admirável intérprete.

8 Quantos pais creram tornar alunas suas filhas quando pagaram seus mestres! Mme. BERNIER. *Discurso sobre a educação das mulheres*. Paris: 1803.

Mais do que de tudo isto era Helena zelosa do seu talento vocal, que ela tendeu ao último requinte do sentimento cantando *Casta Diva**, a cavatina do *Barbeiro de Sevilha**, e particularmente, o Oh mio Fernando! da *Favorita**, que parecia escrito para a sua voz maviosa, perfeitamente educada nas doces modulações da escola italiana.

Em uma palavra, a filha do general não quis deixar nenhuma dúvida no espírito do Provinciano a respeito assim da primorosa educação que lhe haviam dado os extremosos progenitores, como das prendas e dos dotes que a distinguiam, e que não podiam deixar de cativar o coração de qualquer mancebo distinto que os considerasse.

Quando Fernando se despediu estava edificado. Mais do que isto: estava preso nos deliciosos laços de um noivado tacitamente concluído entre o seu coração e o de Helena, e conforme todas as ideias, convenções, tendências e aspirações tanto da parte dele quanto, e principalmente, da família dela.

De modo que, dominado por este pensamento, não passou mais os dias inteiros a *devorar*, como dantes, os livros que se ofereciam à sua curiosidade, a aumentar as suas curiosas coleções de insetos multicores, o seu herbário, a desenhar as parasitas das velhas matas da Tijuca, ou a estudar, quando caía a noite, a órbita dos planetas e as magníficas constelações do céu austral; porém somente a curar das circunstâncias que o podiam tornar amável aos olhos da mulher que ele amava, flor, astro e firmamento de todas as suas contemplações, de todos os seus desvelos, de todas as volições de sua alma a um tempo entusiasta, altiva, melancólica e afetuosa.

Entretanto, em vez de lisonjear-se dos rápidos progressos de um amor fundado sobre tão unânimes simpatias, Fernando sentia por isso mesmo uma espécie de tibieza interna. Parecia-lhe que o seu coração era capaz de uma paixão maior, que lhe faltava uma contrariedade a combater, um obstáculo a vencer, para

que lhe fosse dado provar as profundas comoções dos grandes conquistadores. Quisera ter a glória dos batalhadores ousados, saborear as satisfações da vitória longamente disputada, ao passo que a realidade ia, por assim dizer, pondo-lhe nos lábios taças sobre taças de não sonhada ambrosia, ou desdobrando diante dos seus passos um verdadeiro paraíso terreal, onde só lhe faltavam, para ser completo, os contentamentos do heroísmo virtuoso. No seu conceito, o noivado devia ser a conclusão de uma epopeia, e nesta figurar o noivo como Hércules* nas suas grandes empresas, isto é, como potência inicial, sem padrinhos nem insufladores.

Foi sob a espécie de pesar causado por considerações desta natureza, que ele pegou na pena e escreveu a seu velho amigo e antigo mestre e tutor ⁹Manoel de Cristo*, comunicando-lhe os seus sentimentos e resoluções acerca de Helena, cujos pais o venerando homem conhecia do tempo que o general, então muito influente na política, administrara a Província da Paraíba, onde passara Fernando a maior parte de sua infância. E não somente referiu-lhe o que sentia e pretendia, mas pediu-lhe conselhos e, sendo possível, a sua aprovação.

Enquanto, porém, esperava a desejada resposta continuou a frequentar a casa de dona Helena, com quem por diversas ocasiões jantou, cantou ao piano, jogou e dançou, estreitando assim, mais e mais, os laços que o prendiam à formosa menina, e que, finalmente, não tardaram em os reduzir a dois noivos declarados.

E já estava marcada a época em que devia efetuar a almejada união, preenchidas algumas das formalidades usuais para que tudo corresse conforme os ortodoxos escrúpulos do pai da noiva, quando, por uma tarde de primavera, em que Fernando passeava em companhia da futura esposa e da futura sogra veio o criado entregar a este uma volumosa carta.

9 Pedro Américo introduz, aqui, como personagem do romance, o seu avô, o maestro e compositor Manoel de Cristo. Ver MANOEL DE CRISTO no Guia de Nomes.

Depois de pedir vênia às duas senhoras o Provinciano rasgou-lhe o invólucro, folheou rapidamente as oito ou dez páginas que a compunham, olhou para o nome que a firmava, e não podendo lê-la atento ao comprimento dela, dobrou-a e guardou-a, dizendo simplesmente às companheiras que era de seu velho amigo Manoel de Cristo.

– Oh – disse dona Flamínia –, lembro-me bem do seu amigo, um excelente homem, bom coração e grande talento, elegante, bonito, corajoso, e amigo íntimo de meu marido; porém singular quanto às suas ideias a respeito de esposos. Nunca me hei de esquecer de certos recados que passou a... a uma amiga minha, por ter ela ido... uma vez ao baile contra a vontade do marido, de um original que queria reduzir a mulher a uma freira, e o casamento a um convento onde não houvesse festa além das ladainhas que reza o abade...

E continuou a falar neste tom, sempre a propósito de Manoel de Cristo, até que, compreendendo Helena o quanto havia inoportuno nas palavras de sua mãe, o principal sentido das quais era uma advertência doutrinal ao futuro genro, impugnou docemente protestando ideias muito consentâneas a respeito do consórcio, desenvolvendo-as lucidamente, e concluindo por se declarar pronta para esposar, quando casada, todas as determinações do marido, não com a cega resignação da monja, mas como se deve seguir um protetor e amigo, em quem se resumem afinal todos os afetos, unidos à ilimitada confiança de que são credores os próprios pais.

Encantado de um pensar tão justo a respeito dos profundos compromissos que deviam em breve vinculá-la ao seu destino, porém persuadido que semelhantes declarações eram, porventura, inspiradas do desejo de o agradar, retirou-se Fernando menos alegre naquela tarde, cogitando nas reflexões de dona Flamínia, diametralmente opostas às sugestões do seu sentimento pessoal, e recolheu-se meditativo ao aposento, onde o esperava o sossego necessário à leitura de uma missiva aparentemente importante.

IV
MANOEL DE CRISTO



Era como o astro errante, que deixa após si uma réstia luminosa.

J. KRATSENS, *Nachdenkend*.

Antes de passar ao conteúdo desta carta, será bom dizermos ao leitor quem era esse Manoel de Cristo, cujo conselho Fernando invocara, mas agora começava a recear por o prever demasiado severo, ou mesmo radicalmente contrário aos fatos consumados.

Manoel de Cristo era um pernambucano conhecido em toda a sua província natal, na Província da Paraíba, nas do Rio Grande do Norte, do Ceará, e ainda em outras, pelo seu grande talento de compositor de música sacra, pela sua coragem, pelas suas ideias adiantadas, pelos seus serviços à causa pública, pelas suas inúmeras relações com os homens sumos do país, por numerosos acontecimentos sociais e políticos a que ligara o próprio nome, e, finalmente, por todos os dotes que exornavam a sua grande alma de artista e patriota.

Exclusivamente dedicado à política e à família durante a primeira metade da sua longa vida, em que o Brasil ainda lutava para sair das faixas coloniais, foi obrigado por profundos desgostos a encerrar na esfera da arte a prodigiosa atividade do seu espírito, cujas criações musicais não tardaram em ultrapassar os limites das primeiras igrejas que as acolheram, para em outras menos modestas – onde ainda hoje são executadas e passam por composições de

mestres estrangeiros – irem atestando a alta doutrina e a nobre inspiração do grande músico pernambucano.

Era tal a magia do seu nome, que festa não abrilhantada pela orquestra, ou simplesmente pela presença de Manoel de Cristo, não era festa: parecia que lhe faltava a primeira condição da existência, isto é, a ação de um astro vivificador, de um príncipe em torno do qual houvesse uma corte, e os júbilos que desperta as radiações de um gênio em todo o esplendor da sua glória.

Conta-se que um dia em que Manoel de Cristo havia chegado com sua orquestra à vila de Itabaiana, onde pela primeira vez devia abrilhantar as novenas de Nossa Senhora, que ali se celebravam com extraordinário aparato, os presos de uma cadeia vizinha à casa em que se hospedara o grande mestre revoltaram-se, gritando em altas vozes que queriam vingar-se das injustiças sofridas durante o tempo que ali estavam; e já começavam a arrombar as paredes do edifício quando, apresentando-se-lhes o comandante da guarda e sucessivamente o subdelegado e o juiz de direito da comarca, para os convencerem da conveniência de se aquietarem, eles lhes responderam que a ninguém se renderiam se antes da noite não fossem soltos e declarados livres de toda a imputação.

Apenas soube do motivo daquela vozeria ameaçadora mandou Manoel de Cristo formar a orquestra e tocar duas ou três sinfonias de sua invenção. Todos aqueles homens de má catadura, entre os quais havia muitos facinorosos conhecidos por irreduzíveis, puseram-se como encantados a ouvir o som dos instrumentos com uma atenção cheia de pasmo. E quando a música parou declararam que punham o seu destino nas mãos daquele que lhes havia feito provar no inferno do cárcere os êxtases do Céu.

De feito, daí a duas horas os verdadeiros criminosos estavam separados dos inocentes; e estes, postos em liberdade por conselho de Manoel de Cristo, proclamavam-no juntos ao povo, que já o amava sem o conhecer pessoalmente, juiz supremo das contendas públicas pelo tempo que se demorasse em Itabaiana.

Outra vez os habitantes do extremo ocidental da Província da Paraíba se levantaram contra uma lei nova acerca do recenseamento da população¹⁰, que reputavam um meio disfarçado e pérfido de os escravizar. Mandadas as forças disponíveis do Governo para combaterem os amotinados, por toda a parte começavam a ser batidas, quando Manoel de Cristo¹¹ arrogou a si o direito de os apaziguar. Montou a cavalo, dirigiu-se sem uma arma nem um único companheiro para os pontos mais revolucionados, e em menos de quinze dias, com a magia de sua pessoa e as seduçções da sua persuasiva palavra, tranquilizou completamente uma região imensa, habitada por um povo inculto e indomável!

Tal era o autor da missiva que Fernando a princípio esperara com ansiedade, mas que agora receava ler.

O moço puxou para junto de si a lâmpada do trabalho, à cuja luz havia escrito na noite antecedente graciosos versos à sua amada Helena, e começou a leitura do papel.

...Aplaudindo a todos os teus esforços para conquistarem um lugar honroso entre os moços mais prestimosos da atualidade – rezava este – não posso deixar de te fazer, já que me pedes, algumas reflexões sugeridas ao meu espírito, tanto pela experiência da minha

10 O trecho faz referência à Lei que instituiu o Censo de 1851. Este, que seria o primeiro censo nacional, pretendia incluir todos os cidadãos natos e naturalizados, escravos e estrangeiros. A Lei determinou o estabelecimento de registros civis regulares e óbitos anuais, o que repercutiu negativamente em parte da população, que a viu como uma manobra para “escravizar gente de cor”, gerando revoltas em várias partes do Império, como na Paraíba do Norte, no Ceará, em Sergipe e, sobretudo, Pernambuco, que a apelidou de *a lei do cativo*. Em 29 de janeiro de 1852, um decreto suspendeu a realização do censo e do registro civil. Em 1872, realizou-se o primeiro censo brasileiro.

11 N. A. Não foram somente estes os fatos que ilustraram a longa vida de meu saudoso avô Manoel de Cristo. Tencionando, porém, expor em outro trabalho a história do insigne mestre pernambucano, deixo para então a tarefa de oferecer à gratidão patriótica a memória dos sucessos que tornaram singular aquela grande existência; cujas radiações se propagaram ao longe, e cuja recordação ainda está viva no interior de muitas províncias do norte do Brasil, onde lhe servem de auréola a mais sincera admiração e saudade.

vida quanto por muito desejar que sejas feliz na escolha que parece teres feito de uma mulher para tua esposa.

Não há dúvida que encontraste uma criatura a muitos respeitos digna de ti, bem que as informações que dela me deste pareçam-me antes inspiradas do desejo de me pintares o teu ídolo com as formas com que se esculpe na tua imaginação de namorado. Pensa, porém, maduramente...; e antes de tomares uma resolução definitiva reflete nos inconvenientes que encontrarias, talvez, na tua aliança com uma família distinta, é verdade, ilustre pela posição política, porém na qual nem tudo – permite-me que to diga – é nível.

Dona Flaminia, a autora material e talvez moral da tua deusa, é uma senhora ativa, orgulhosa, de grandes recursos intelectuais, de um passado brilhante, mas nem sempre límpido, e, por consequência, com todos os elementos necessários para dominar pela palavra e pelo exemplo sua filha, e por meio desta a ti próprio. Além disto, foi educada por estrangeiras, com quem aprendeu manhas e máximas contrárias aos costumes puros e severos de nosso país, onde se faz da honra a base real da família.

Cuidando esposar a mulher a quem amas, a quem queres sacrificar teu futuro e tua liberdade, achar-te-ias, pois, a braços com a influência de futuros parentes, cujo predomínio poderia perturbar profundamente a paz da tua existência, quer arrancando de contínuo a esposa à tua autoridade e ao teu afeto, quer obrigando-te a reações desagradáveis.

De entre as qualidades que atribuis a dona Helena – que eu conheci tenra demais para a poder julgar – só acho uma verdadeiramente apreciável: é ser pobre como tu. Mulher mais rica que o marido é uma calamidade em casa. Acrescentarei mesmo que nunca desejes possuir mais do que o necessário para viveres independente. O supérfluo aos esposos é como as asas às formigas: só serve para os perder.

Assim, tenha a moça de quem me falas com tamanha admiração hábitos simples, e inclinações adequadas, em vez da mania dos falsos esplendores com que tantas tentam encobrir as misérias da alma.

Mais do que o luxo e a influência perniciosa dos maus parentes vale, na ordem dos perigos domésticos, a beleza da mulher. Homem casado com mulher extraordinariamente bonita deve-se considerar um temerário que tentasse atravessar um campo de lobos com uma cabrinha embaixo do braço.

Acima, porém, de todas as causas de desventura para o homem namorado da própria esposa, devemos considerar o hábito imoderado (o qual começa quase sempre pelo moderadíssimo) dos saraus, dos bailes, e de outros divertimentos congêneres, em que a mulher formosa, exibindo-se sob os seus mais sedutores aspectos, faz entre as falanges masculinas o efeito de uma cantárida dentro de um copo de vinho que passasse de boca em boca.

Se não tiveres energia para cortar a tempo as asas a esse dourado escarabeu que te anuncia tão festivamente a eternidade da tua próxima dor, manda gravar no cemitério das vergonhas profundas um epitáfio para ti, ou então resigna-te a andar de praça em praça com uma máscara de Minotauro no lugar da tua cabeça.

.....

Finalmente, pensa bem antes de dares a tua palavra; mas se acaso já a comprometeste não recues: sê um marido exemplarmente amigo de tua mulher, e o *juiz, pai, protetor e confidente único* da criatura que escolheste para mãe de teus filhos.

Se descobrires inconvenientes na convivência dos novos parentes, nada de condescendências: afasta-te deles como sempre te afastaste dos maus colegas.

Com esta remeto-te a *Fisiologia do matrimônio**, do grande Honoré de Balzac*, para que a leias atentamente antes e depois de te casares. Acharás nesse livrinho grande parte das ideias que professo acerca do delicado assunto, exceto no que se refere aos usos da família francesa, os quais diferem muitíssimo dos usos da família brasileira.

.....

Impressionado tanto pelas reflexões desta carta quanto pela recordação do que na última tarde ouvira dos lábios de dona Flamínia, sentiu-se Fernando como abalado, e nem sequer pode dormir durante um minuto sem ser atormentado pelos maus sonhos, que acompanham os espíritos inquietos nas horas em que o corpo carece de repouso.

Quando se levantou, em vez de tecer o ramalhete de magnólias, dalias, camélias, resedás, mogorins, lírios brancos ou de simples rosas, com que provava Helena que o seu primeiro pensamento lhe era quotidianamente consagrado, almoçou e foi passear, quase sem fim nem rumo, pelos caminhos e veredas que em diversos sentidos serpeiam por todos os lados daquele sistema de montes, que vai do Corcovado à Tijuca.

Buscando a solidão, cuidava ir encontrar uma confidente em cujo seio pudesse derramar o fel das suas dúvidas, e a quem pedisse força para refrear a paixão, suspender as últimas resoluções, e procrastinar, sendo possível, o instante dos solenes e inquebrantáveis juramentos.

O êxito de semelhante colóquio foi-lhe negativo. O espetáculo da vida vegetativa, as sombras e os bálsamos da mata, o retinir dos pássaros, as blandícies da folhagem, de cujas ramas pendiam frutos agrestes e flores mais belas que as das chácaras fluminenses, o reboar longínquo do mar a repetir-se em ecos amortecidos pelas quebradas dos montes, todas as vozes da natureza e todas as pompas daquela solidão ornada, viçosa, perfumada, embriagadora, dissiparam-lhe as sombras da imaginação, e ocasionaram-lhe saudade da mulher que o amava, e que, porventura, sem suspeitar a ingratidão dele, estava ansiosa por lhe protestar ainda uma vez o próprio afeto.

Guardou impaciente a carta que em vão tentara reler, atirou num despenhadeiro a brochura de Balzac, de que lera ao acaso algumas páginas cheias de azedume contra as esposas, e tornou para a casa com a pressa de quem buscava um tesouro perdido.

Chegando ao seu aposento, encontrou uma carta de Helena, na qual a formosa criança se queixava da falta que seu noivo lhe fizera durante *todo aquele interminável dia*, em que ela e a família embalde o esperaram para irem juntos à cidade escolher um piano, presente especial de sua mãe no dia do almejado consórcio.

Estava ele a contemplar a odorosa missiva, a beijá-la, e a colher as pétalas de violeta que a autora lhe pusera entre as pequeninas páginas, quando ouve a voz argentina, e sente os passos ligeiros, e vê o semblante risonho e faceiramente queixoso de sua querida Helena, a qual não pode deixar de lhe manifestar de modo eloquente e diante da mãe, que a acompanhava, a tristeza gerada no seu coração pelo insólito procedimento de Fernando naquele dia, que seria amargurado para ela se não terminasse tão ditosamente.

– Aposto que tudo foi obra daquela carta de ontem – disse sorrindo-se ironicamente dona Flaminia. – Pois tu hás de provar a teu noivo, que um marido pode ser feliz sem fazer da mulher uma recolhida.

V NOIVADO



O gioia! O ineffabile allegrezza!
 O vita intera d'amore e di pace!
 O senza brama sicura ricchezza!¹²

DANTE, *Paradiso*, Canto XXVII.

Oito dias depois dos incidentes que acabamos de resumir, os dois noivos nada mais tinham que desejar além da continuação da sua felicidade. Foram então habitar uma chácara na qual pouco tempo antes morara o ministro de França, homem solteiro, e de um grande gosto relativamente à escolha e ao adereço de uma habitação.

Para que não sofresse a risonha fisionomia do aposento, verdadeiro tálamo nupcial em que não se encontrava um adorno que destoasse no meio dos esplendores da paisagem e das graças da arquitetura, tomou Fernando por criado um velho dinamarquês acostumado a servir em distintas casas estrangeiras; deixando ao antigo fâmulos o domínio da cozinha, onde não obstante a sua cor preta ostentava tão altos talentos, que a dona da casa nunca se viu forçada a manchar seus róseos dedos no preparo das mais esquisitas iguarias.

Das janelas da fachada principal daquela espécie de *chalet* suíço, um dos primeiros deste gênero que se construíram no Rio de Janeiro, avistava-se a cidade, os subúrbios não encobertos pelos

12 Oh! júbilo! Oh! inefável felicidade! / Oh! vida inteira de amor e de paz! / Oh! sem desejos eternal riqueza! DANTE, *Divina comédia*, Paraíso; Canto XXVII. Padova, Itália: Tipografia Della Minerva, 1822, p. 679.

morros adjacentes, e os campos que bordam a Baía e vão morrer ao pé da grandiosa Serra dos Órgãos; ao passo que da varanda do lado oposto, onde estava colocada a mesa de jantar, descortinavam-se as pendias marítimas dos montes da Gávea, da Tijuca, do Pão de Açúcar, e por cima delas um horizonte incomensurável.

A manhã e a tarde eram um maravilhoso complexo de aromas inebriantes, de gorjeios inimitáveis, e de fulgores extraordinários; e a noite, além das mil cintilações do céu e das matas, um rumorejar contínuo de cachoeiras, um perene farfalhar de folhas e palmas odorantes, apenas dominado de espaço em espaço pelos amortecidos roncões do mar.

Eram as horas da poesia concreta, dos sonhos de fogo, da embriaguez do coração, e das sublimes volúpias, em que os jovens esposos se entregavam à vertigem dos íntimos enlevos e das divinais confidências, até esquecerem o mundo de frouxel que os embalava.

Pouco pesaram, pois, no ânimo do Provinciano as reflexões do velho Manoel de Cristo, cuja justeza era tão cabalmente confutada pelas eloquentes qualidades da jovem esposa, pela sua extraordinária doçura, pelo acerto dos seus juízos a respeito dos mais sérios assuntos domésticos, e finalmente por seus contínuos protestos de amor exclusivo e inextinguível.

Fernando parecia ter razão. A íntima convivência com aquela mulher tão moça porém tão exemplar, que voluntariamente se insulara das suas numerosas relações de solteira, que se apartara de sua irmã menor, a quem amava extremosamente, e de seus queridos pais, a quem adorava, para provar ao moço a sinceridade do seu afeto, radicanando-lhe cada vez mais no espírito a convicção de que havia encontrado na terra o anjo dos seus sonhos, acabara por persuadi-lo que estavam satisfeitas as suas mais ardentes aspirações de esposo.

Passados aqueles primeiros tempos do noivado, em que a vida é só ventura, e o ser feminino, perdendo as asas que o transformavam em anjo de inocência humaniza-se, e torna-se

verdadeiramente mulher, franqueando ao homem que deveras o ama o inexaurível tesouro dos seus carinhos, confundindo a sua existência com a existência dele em momentos de êxtases inefáveis, nos quais um e outro como que se penetram física e moralmente, perdendo a consciência da própria individualidade para, semelhantes ao Criador, transmiti-la a um novo ser. Passada essa quadra de realidade inebriante, em que o ideal toma corpo e a matéria se deifica, cuidou Fernando em prosseguir nas suas nobres ocupações a que devia sua posição, e das quais contava tirar a prosperidade material de sua casa, e por consequência novos motivos de contentamento para a amada esposa.

Nesse intento começou a escrever para os principais periódicos da Corte artigos sobre ciências, e a se preparar para concorrer à vaga de uma importante cadeira na capital do Império; duplo exercício no qual como podia o ajudava Helena, e que não tardou em trazer-lhe as grandes satisfações a que têm direito a sabedoria e o talento.

Proprietário afinal da cadeira que ambicionava, ciente do próprio mérito, ponderando com um justo prazer o fruto pecuniário do seu trabalho quotidiano, e a consideração de que o rodeavam os discípulos, as pessoas gradas e o próprio Soberano, parecia-lhe às vezes que havia de durar eternamente tanta ventura.

Quando, porém, passava-lhe pelo espírito a lembrança de que um dia, forçosamente, quer por uma circunstância, quer por outra, cessaria aquela felicidade, sentia confranger-se-lhe o coração, e penetrar-lhe n'alma uma férula insuportável. Como se temesse então tentar a Deus, ou, como dizem alguns, *magnetizar o mal*, invocava todos os pensamentos que pudessem dissipar-lhe na imaginação a pequenina sombra, após a qual surgia aureolada e semelhante a um astro de esperança a imagem risonha do presente, e com ela a ideia de que, fossem quais fossem as surpresas do futuro, a realidade era só doçura, serenidade e amor.

É que aí estava a terna esposa, cujos meigos sorrisos dissipavam-lhe prestes a passageira melancolia, ou faziam coro com a angélica alegria dos filhinhos, duas louras e lindas crianças que o céu lhes mandara como penhor do recíproco afeto, e eloquente demonstração do quanto se amaram, e ainda se haviam de amar.

Satisfeito e tranquilo, orgulhoso de possuir tal amiga, estimado e considerado até à popularidade, gozando do sossego indispensável à total aplicação da sua inteligência e da sua energia, fácil tornou-se-lhe aumentar a pequena fortuna que possuía; o que não cessou de fazer até o ponto em que, acaso lhe falecessem outros recursos, ela lhe pareceu garantir uma honesta independência.

Quando algum acontecimento o afligia durante as horas consagradas ao ensino, ele procurava abreviar a ausência do lar da família, tão certo estava de tornar para o seio da harmonia doméstica, e, por consequência, da verdadeira paz humana.

Às vezes encontrava Helena a bordar ou a coser rodeada das tenras crianças, que o festejavam com os júbilos filiais próprios da inocência; outras vezes a regar ou colher as flores de sua predileção, algumas das quais a arte do esposo soubera variegar caprichosamente, ou ainda se entreter na biblioteca de Fernando, que ela considerava como a principal fonte de sua prosperidade.

De vez em quando reunia à mesa os mais próximos parentes e os melhores amigos, os quais se retiravam encantados e saudosos daquela abençoada casa, onde parecia reinar eternamente o amor em sua primeira e viçosa juventude.

A felicidade de Fernando tornou-se entre eles tão axiomática, que servia de exemplo contra a opinião dos propugnadores do celibato como do único estado consentâneo à liberdade e às aspirações do homem.

Entretanto, alguns esforços lhe haviam custado mais de uma vez a manutenção do precioso sossego que todos invejavam, e do qual não era um pequeno fator a sua natural prudência. Ao obsequioso desejo, por exemplo, dos pais de Helena de hospedarem

perpetuamente os dois consortes para os aliviar do maior peso da vida material, opôs Fernando as resistências inspiradas dos mais justos escrúpulos de sua consciência, cobertas com o manto de manifesta gratidão. Ao repetido convite de hospedar ele próprio um primo de Helena, mocetão de seus vinte e oito anos, que voltara vitorioso do Paraguai, mas que por circunstâncias políticas estava brigado com o general, opugnou alegando os pequenos cômodos de sua casa, e, principalmente, os inconvenientes de parecer esposar uma causa contrária às convicções e ao melindre do venerando sogro. À invasão sempre crescente de conhecidas indiscretas de Helena, que se deleitavam em bisbilhotar na vida dos vizinhos, e contar casos tendentes a gerar mútuas desconfianças no ânimo dos mais exemplares casados, opunha outros tantos exemplos edificativos tirados quer da história universal, quer de casos que lera, ou de sua própria experiência, e ao mesmo tempo as reflexões estigmatizadoras do péssimo costume que tem muita gente de criticar e maldizer as ações alheias.

Não era, pois, sem um vivo sentimento de orgulho, que ele podia, em cada momento da existência, exclamar mentalmente, como o divino poeta ouvindo as sinfonias e contemplando as magnificências do Paraíso:

Celestial delícia, inefável alegria,
Oh! vida inteira de amor e de poesia,
Existência de virtude e de pureza,
Oh! sem desejos eternal riqueza!

VI
O DEDO DA SOGRA



Não há bem que sempre dure.

Rifão português.

Naquele engano d'alma ledó e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito.

CAMÕES, *Os Lusíadas*.

Alguns anos se haviam passado nas gratas ilusões de uma ventura inalterável, quando diversas circunstâncias muito naturais vieram interromper a paz daquela casa, onde parecia ter-se descoberto o segredo de perpetuar as alegrias de um feliz noivado.

Os dois filhos de Fernando, Mário e Armida, haviam transposto as contingências da primeira infância, e começavam a manifestar uma inteligência própria para despertar nos parentes as mais lisonjeiras esperanças; ao passo que a fortuna dos esposos havia crescido a ponto de lhes permitir novos gozos. Nessa situação os surpreendeu a morte do general, que deixava Helena de posse de mais alguns contos de réis, e dona Flamínia a braços com uma filha de dezessete anos, formosa e namoradeira. Chamava-se Laura.

Para fugir às tristes recordações que lhe traziam à mente a própria morada, e aos inconvenientes que acarreta consigo o isolamento de uma viúva e uma órfã de pai, resolveu-se dona Flamínia a propor a Fernando para viverem reunidos,

usufruindo todos igual e fraternalmente os bens que possuíam, e que juntos em comum formavam uma boa fortuna para uma casa de costumes morigerados.

Naturalmente afetuoso, considerando-se como o cabeça moral da família viúva, que ele podia e em homenagem ao amor da mulher e à memória do saudoso sogro devia proteger, ou amparar, e desejando restabelecer os contentamentos domésticos de Helena, consideravelmente diminuídos pela perda do amado progenitor, não se opôs Fernando à desejada reunião, e antes a apressou com solicitude. Porventura lhe anteciparia ela a restauração da sua completa felicidade, abalada pela dor que acabava de pungir a todos.

Enganou-se. Apenas passado o período agudo das recíprocas ternuras causadas pelo luto, começaram as íntimas de dona Flaminia a reparar na simplicidade a que havia o Provinciano acostumado Helena, e a aconselhar a esta que se vestisse mais ricamente, exigisse carruagem, fosse às reuniões da boa sociedade, frequentasse a casa delas, amigas de sua mãe, desse saraus, atendesse às requintadas variações da moda, e, uma palavra, se tornasse mulher superior, filha de general, esmaltando a existência com os deleites do seu tempo e da sua idade, e não permitindo lhe dessem quinaus de elegância simples pobretonas, que elas viam com inveja estarem desfrutando muitas dessas regalias da fortuna e do bom gosto.

Atendendo antes à conveniência de procurar noivo para a filha solteira, não reprovou dona Flaminia as imprudentes sugestões das suas amigas, e antes as corroborou com as próprias, tendentes a demonstrarem a Helena que ela estava na flor da idade, era formosíssima; e tendo agora a quem confiar os filhos, à noite, podia sem receio ausentar-se de casa, quer na companhia do marido, quer na da irmã. Ou ainda das suas melhores conhecidas; renunciando sem inconveniente àquele isolamento, que ninguém compreendia em pessoas de tão boa posição e fortuna.

Embalada nos sonhos da mais invejável felicidade, estava Helena bem longe de sentir espontaneamente a falta que lhe

teriam feito tais atributos da ventura aristocrática durante mais de sete anos de consórcio; porém a presença de gente íntima em sua casa, diminuindo-lhe os momentos de convivência exclusiva com o marido, foram pouco e pouco acostumando-a a eliminá-lo dos conselhos da sua consciência; e eis como deixou implantar no próprio ânimo a dúvida, às vezes passageira, às vezes duradoura, de que ela, porventura, não passava de uma vítima das muitas ilusões que, pelo passado, converteram em aparente felicidade o contínuo sacrifício da sua beleza e da sua juventude.

Acostumados a andar de colo em colo, e aos sorrisos de tantas faces diversas, Mário e Armida não eram mais um obstáculo para que a mãe, confiando-os à vigilância de outrem, se ausentasse de casa para acudir aos convites de bailes, saraus, jantares, e outras festas de família, que começaram a lhe ser dirigidos com a mais graciosa insistência.

Para completar o novo aspecto moral e físico daquela casa, aí estava Laura com uma biblioteca romântica das menos escrupulosas, com um cortejo de namorados a espreitarem-na a todas as horas do dia, e com os inconvenientes resultantes da sua maneira de pensar, do seu temperamento ardentíssimo, e dos efeitos produzidos na imaginação dos conhecidos pela sua manifesta independência.

De modo que tudo, ou quase tudo, conspirava para transmutar em alegria rumorosa e ostensiva a plácida felicidade do Provinciano. Semelhantes às nuvens contrariamente eletrizadas, que movidas por correntes atmosféricas opostas produzem as tempestades, estavam preparados os elementos necessários para que não tardasse em desfechar alguma comoção moral aí onde pouco antes só reinava sossego e paz doméstica.

As explosões não se fizeram esperar. Prevendo as consequências da situação em que o puseram as circunstâncias e a sua complacência, quis Fernando mudar-se para a cidade, pretextando a necessidade de residir perto dos seus discípulos e da sede das suas principais ocupações, e cedendo gratuitamente a

chácara, que já então lhe pertencia, a dona Flamínia pelo tempo que ela desejasse. Esta, porém, opugnou-se, aduzindo em seu auxílio razões diametralmente opostas às do genro, e declarando-lhe que por motivo nenhum se resolveria a deixar a companhia de sua filha casada, *cuja saúde exigia muito maiores cuidados* do que, dizia ela, imaginava Fernando.

Maravilhado desta última asserção, aos seus olhos injustificável, mas atribuindo-a a alguma apreensão exagerada acerca de uma ou outra leve oscilação na saúde de Helena, não lhe deu o Provinciano maior importância, e até a havia esquecido, quando começou a notar na esposa uma tibieza insólita a seu respeito, e cada dia mais pronunciada. Assustado, não sabendo a que atribuir semelhante mudança no caráter de sua querida mulher, e não obtendo desta nenhuma explicação plausível acerca do estranho fenômeno, começou a crer que fosse realmente sintoma de alguma terrível moléstia, que nem parentes nem médico lhe queriam revelar; quando um dia, voltando de suas ocupações na cidade e entrando no quarto onde costumava estar Helena, achou-a abraçada com a mãe, e com os olhos rubros como quem tivesse chorado.

O seu primeiro impulso foi de a abraçar com a efusão antiga, porém reteve-o o gesto das confidentes, que parecia exprimir uma misteriosa perturbação. Um sopro glacial correu-lhe pela medula dos ossos; e enquanto ele se afastava sem proferir palavra que traísse semelhante abalo, disse-lhe a sogra energicamente:

- Está vendo ao que está reduzida a minha filha?
- Mas pelo amor de Deus – exclamou Fernando impaciente;
- o que tens, Helena? Por que não me dizes o que tens?!...
- Trate de não acabar com ela! – retorquiu duramente dona Flamínia, levantando-se e abandonando o aposento de Helena, enquanto esta soluçava de braços sobre o sofá escondendo o rosto.

Fernando esteve durante dois minutos a olhar para ela, sem coragem, sem um pensamento determinado, em um caos de suposições temerárias e de dúvidas atrozes, retirando-se afinal para

o gabinete de trabalho profundamente inquieto, e sem saber o que melhor lhe conviria fazer para desvendar o terrível mistério, de que dona Flamínia acabava de revelar a existência do modo mais positivo e brutal.

Não jantou, e à noite, quando foi para o leito, não pode dormir uma hora sequer. É que o andar das coisas havia transformado a hora da refeição e da amenidade em convênio de reticências, suspiros e ditos ambíguos, que geravam tristeza e consternação no ânimo do Provinciano; ao mesmo tempo que no tálamo conjugal as íntimas expansões da volúpia e do amor se haviam transmutado para a esposa em insuportáveis sacrifícios.

Depois de algumas explicações cheias de azedume, em que a sogra o acusou de um sensualismo brutal nos seus arroubamentos amorosos com Helena, determinou-se Fernando a se mudar com esta e os filhos para a cidade, onde, com o tempo, esperava reconquistar a paz de seu espírito demonstrando à casta companheira, com uma temperança de cenobita, o quanto eram infundadas as imputações de crasso materialismo, que, depois de tantos anos de acrisolado amor, gravavam implacáveis sobre ele.

VII DESILUSÕES



Cascavé mordendo a gente,
Não há mais o que fazê;
Embarde se bebe as pena.
Do macuco milagroso:
Contra o cuspe venenoso
O remédio é se morrê.

JOSÉ PAULO, *Caboclo paraibano*.

Uma vez ausente da sua soberba chácara, que a companhia dos parentes, e principalmente de umas desocupadas e cavilosas senhoras que ali iam passar dias inteiros, havia convertido em verdadeiro purgatório de culpas não consumadas, tudo pareceu serenar; e já iam os esposos entrando no gozo de uma completa reconciliação, atestada por mútuos desabafos de ternura, quando outra circunstância inopinada e tão fatal quanto a primeira, veio de novo toldar a limpidez daquela vida, não já como outrora de ilimitada ventura, mas de mágoas sanadas pelos salutareos conselhos assim da razão como das conveniências sociais.

Um incêndio acabava de destruir a casa de Fernando em Santa Tereza; e dona Flamínia, a quem a herança do falecido general mal chegava para passadio e vestuário, salvando apenas da voragem umas joias de Laura, ficaria com esta na situação mais precária do mundo, se não tivesse um parente que se condoesse da sorte de ambas.

Apesar do prejuízo que acabava de sofrer, talvez por descuido alheio, pôs-se Fernando a cogitar do modo de acharar semelhante dificuldade, que a recordação convertia-lhe em um verdadeiro problema.

Dona Flamínia estava abatida pela recente desgraça, e declarava-se pronta para renunciar às suas veleidades de governar o coração de Helena. O desgosto e o reconhecimento pareciam tê-la modificado profundamente. Talvez fosse sincera.

Mas sua filha solteira? Laura era por demais independente, admirada, voluntariosa, para sacrificar os próprios caprichos ao interesse alheio. Além disso, estava familiarizada com as licenciosas criações da literatura moderníssima, e não havia no seu conceito bem algum superior ao baile, ao *pick-nick*, à esgrima, à equitação, aos passeios noturnos em numerosa companhia, e a outras tais invenções com que as senhoras que são ou passam por honestas, olvidando o verdadeiro papel da mulher na constituição da família e da sociedade, se vão insensivelmente confundindo com as que não o são e nem querem passar por o ser.

Sabia-o Fernando, mas nem por isso mesmo temia que, deixando-a entregue à fraca tutela da viúva, então reduzida a uma criada grave da própria filha, esta não compromettesse levemente, mais cedo ou mais tarde, a reputação da família à que ele se havia ligado.

Quando o espírito do homem se acha atormentado por circunstâncias irremediáveis só uma ilusão o diverte. Foi o que aconteceu ao Provinciano, concebendo a esperança de modificar gradualmente as libertinas tendências da cunhada, até as transformar de todo. A leitura de bons livros, os passeios em companhia de gente sensata, a audição de espetáculos escolhidos, o exercício do piano e do canto, e principalmente o exemplo de Helena, então quase totalmente dedicada à educação de Mário e Armida, operariam o desejado milagre: afastá-las do mau caminho a que as arrastaram as suas péssimas

inclinações fortificadas pelas condescendências maternais e pelas más companhias, e guiá-las-iam insensivelmente ao ponto de convertê-la aos hábitos temperados da irmã, e ao amor do sossego doméstico.

Como, porém, a invasão de semelhantes ilusões no seio da alma nem sempre é subitânea, e, ao contrário, encontra frequentemente relutância no próprio espírito que as invoca, não foi difícil à cunhada de Fernando perceber a repugnância deste em hospedá-la permanentemente. Para vencê-la, apressou-se em lhe anunciar que estava desposada com o próprio mestre de equitação, rapaz estrangeiro e de bom aspecto, que lhe parecia realizar um dos melhores tipos dos romances que ela lera.

Todas essas circunstâncias unidas às solicitações de Helena, terminaram por decidir o Provinciano a preparar em sua casa os cômodos necessários para receber dona Flamínia e sua filha solteira.

A primeira em lhe demonstrar quanto houve insensato nessa resolução foi esta. Apenas no seu novo aposento, começou a achar pesada a involuntária vigilância da família; e de dois excelentes quartos em que habitava com a mãe no primeiro andar, mudou-se para os chãos da casa, onde entrou a receber uma infinidade de amigas de colégio acompanhadas dos respectivos maridos ou dos primos, cada qual mais pressurosa em convidá-la para reuniões e divertimentos de todo o gênero, e em dar-lhe conselhos de toda a espécie; sem que entre tantas obsequiadoras houvesse uma capaz de medir a inoportunidade da ocasião para distrair a moça, cujo noivo a observava atentamente.

Organizaram-se então passeios a cavalo, almoços nas florestas da Tijuca, banhos ao luar, jantares no Jardim Botânico, tudo na ausência dos dois cônjuges, que no conceito daquela gente despreocupada e alegre não passavam de uns pobres de espírito, para quem ainda não tivesse sido inventada a verdadeira civilização.

Entretanto, do contágio das ideias foi nascendo entre os mais íntimos conhecidos de Fernando uma corrente de desejos e aspirações difícil de suspender, e que não tardou em invadir o coração de Helena, confrangido por uma desanimadora tristeza durante as repetidas ausências da festejada noiva.

– A culpa de não estar ela conosco é do marido – dizia Laura às companheiras daquelas funçanatas, que iam-na fazendo baixar de preço na alheia estima. – Aquilo é um carrasco!

Este nome tornou-se entre elas o apelido constante do pobre Provinciano, o qual começou a figurar entre os conhecidos como um homem de más entranhas, inspirado de um ciúme tirânico, que sacrificava a quiméricas suspeitas a virtuosa esposa, e cujas qualidades nunca poderiam dissimular tamanhos defeitos.

A florente saúde e a frescura fisionômica de Helena aí estavam, entretanto, desmentindo esse injusto boato, que as melancólicas reticências tanto dela quanto de dona Flamínia nos momentos em que um desmentido formal era indispensável para restabelecer a verdade, tendiam a confirmar.

Isto se passava na época em que se começou a introduzir no Rio de Janeiro as bonitas e provocadoras prostitutas estrangeiras, que mais tarde invadiram toda a cidade, e foram progressivamente enfraquecendo a moral pública. Para as acolher, muitos prédios de aspecto vulgar foram transformados em magníficos albergues bordados de jardins, onde, à noite e sob mal cobertos caramanchões, rugem ainda babilônicas orgias.

Um desses focos de dissolução estava situado de modo que lhe poderia devassar os lúridos mistérios quem subisse aos sótãos da morada de Fernando. Era dali que, durante as ocupações do cunhado, ia Laura contemplar os empíreos que sonhava; era diante daquelas cenas exemplares que ela demonstrava à irmã a grandeza das privações, da abnegação e dos sacrifícios que a importuna honestidade, encerrando-as no estreito casulo da família, exigia delas.

Sem nenhuma ocupação obrigatória que lhe prendesse o espírito, e demasiado feliz para ter algum problema positivo que lhe moderasse o adejar da imaginação, sentia Helena um inefável deleite em ouvir as falaciosas práticas, à que porventura, como casada, atribuía muito mais extenso significado do que poderiam ter na mente de uma simples aspirante às delícias do amor anti-platônico. E como nunca a mulher é mais infeliz do que quando de nada carece, ficava a cismar longamente em tudo aquilo, e considerando consternada a distância enorme que separava a sua sorte da verdadeira felicidade.

Não foram necessários mais de três a quatro meses dessa existência alucinada, para torná-la de novo pensativa, nervosa, sonhadora, e bem que carinhosa para os filhos, de uma frieza manifesta para com Fernando, que já havia começado a perceber a vizinhança de todos esses sintomas precursores da tempestade que outrora ele pudera dissipar, mas que tarde ou cedo tinha de rebentar medonha sobre aquele teto infeliz.

Os filhinhos como que adivinhavam o perigo. Quando o Provinciano voltava de suas ocupações fora de casa, e se recolhia triste e solitário ao seu gabinete de trabalho, eles o abraçavam ternamente, acariciando-o com a melancólica efusão de quem consola um grande desgraçado.

Um dia, em que saía a chamado do ministro do Império para presidir aos exames de uns estudantes, ouviu, já longe de casa, uma vozinha de criança a gritar atrás dele: – Papai! Papai! Voltou-se: era a pequenina Armida, que lhe trazia a gravata e o chapéu.

Vieram-lhe as lágrimas aos olhos ao abraçá-la a um tempo com amor e reconhecimento, ao passo que a alma se lhe cobria de vergonha, atinando com a causa da estranha curiosidade dos conhecidos, que o tinham visto passar em tamanho desalinho.

Quando foi noite, e enquanto Laura e Helena espreitavam dos sótãos o pouco que se descortinava de luzes, perpassar de

gente e tinir de copos lá na casa das eternas orgias, entrou no quarto em que dormiam os tenros filhinhos, e depois de os contemplar por algum tempo como se quisesse embebê-los em seu coração, desatou a soluçar abafadamente.

VIII

LUTA



Nel fior degli anni. Mi sovvien del tempo.
 Che mi scendesti in seno. Era quel dolce
 E irrevocabil tempo, allor che s'apre.
 Al guardo giovanil questa infelice
 Scena del mondo....¹³

G. LEOPARDI, *La vita solitaria*.

A extrema prudência de Fernando dissuadira-o sempre de separar o próprio leito do leito da esposa, bem que as mais das vezes o tálamo conjugal se lhe convertesse em álveo de crudelíssimos dissabores. Naquela noite, porém, em vez de ir se deitar acendeu as luzes de seu gabinete, e pôs-se a escrever até muito depois da hora em que Helena costumava recolher-se.

Estranhando esta semelhante mudança nos hábitos constantes do marido, e receando alguma resolução radical da parte dele, levantou-se da cama, onde estivera durante cerca de uma hora, e pondo um roupão por cima de si, atravessou o toucador, o terraço que o separava do gabinete de estudo, único ambiente em toda a casa onde àquela hora havia luz, e entrando neste foi se recostar ao ombro do marido, em cuja face fixou o olhar como quem tinha piedade dele. Depois lhe pegou nas mãos com uma

13 Na flor dos anos. / Lembra-me o tempo/ Que desceste em meu peito / Era tão doce / Tempo irrevogável que agora se abre / Ao olhar juvenil esta infeliz cena do mundo. G. LEOPARDI. *A vida solitária. Poesie de Giacomo Leopardi (Poesia de Giacomo Leopardi)*. Milano: Edoardo Sonzogno Editore, 1874, p. 67.

espécie de violência, e disse-lhe em voz sufocada e trêmula: – Eu sou tão desgraçada!

Esta explosão de dor e ao mesmo tempo de afeto foi tão repentina, tão inesperada, que Fernando ficou um momento estupefato, como um homem que tivesse perdido subitamente a voz e o entendimento. Recobrando, porém, prestes a possessão de si mesmo, encarou a consorte com aparente serenidade, pediu-lhe que se assentasse junto dele, e depois de lhe beijar as mãos, que apertavam as suas, perguntou-lhe:

– E sou eu a causa da tua infelicidade?

– Não – respondeu-lhe ela largando-lhe as mãos e cobrindo o rosto com as dobras do roupão, entre as quais ondeavam as louras madeixas dos seus cabelos soltos. E pôs-se a chorar amargamente.

– Dize-me, Helena – tornou-lhe Fernando levantando-se para melhor falar e pondo na estante o papel que tinha sobre a escrivaninha, – o que te falta para seres feliz? Não és amada como mulher nenhuma? Não tens dois filhinhos tão lindos e inteligentes que fazem inveja a quem os vê? Não vives junto à tua mãe e à tua irmã sem jamais lhes seres onerosa? Não possuis uma boa casa adornada e alegre como poucas poderá haver no Rio de Janeiro? Não tens a minha biblioteca, onde estão as obras mais primorosas de De Musset*, De Lamartine*, Feuillet*, Manzoni*, Ugo Foscolo*, e dos nossos mais mimosos poetas? E um dos melhores jardins privados desta cidade, com tantas flores raras; e um pomar com os mais excelentes frutos que pode gerar o solo da nossa terra? Falta-te acaso quem te aprecie, e a cada momento da existência te renda as maiores homenagens a que tem direito uma mulher, embevecido nas harmonias do teu piano, nas melodias da tua voz, no fulgor dos teus olhos e no esplendor da tua beleza? Quem no mundo poderá, neste sentido, rivalizar contigo? Tens mágoas que te atormentem, dores que te aflijam, dívidas que saldar, palavra imprudente que cumprir, algum problema, enfim, que resolver contra os ditames da tua consciência ou a honra do nosso nome?... Fala! Se sou eu

a causa das tuas penas e o objeto dos teus maus sonhos, para que me parecesse tão formosa e tão pura quando eu te vi pela primeira vez, ou, criando-te assim Deus, para que te puseste no caminho da minha pobre existência?... Fala!... Quão diversa estás do que eras quando tínhamos por única riqueza a esperança, e por única sociedade o testemunho mútuo do nosso amor! Então um novo livro na minha biblioteca bastava para alimentar durante dias a tua inocente curiosidade, uma flor demais no nosso jardim era um ornato para a tua existência, uma nova ópera na estante do teu piano enchia-te a alma de júbilos profundos como os sentimentos que despertavam em mim os ecos da tua voz; e finalmente o nascimento de um filho tu o consideravas como a aparição de um anjo que viesse encher tua casa de celestial poesia e teu coração de incomparável ventura!... Para que prestaste estes ouvidos, destinados a colher os meus protestos de amor e as harmonias da natureza e da arte, às enganadoras palavras de quem te pintava insensatas fantasmagorias com as cores da possibilidade? Para que gastaste o lume destes olhos cor do céu lendo páginas envenenadas, nas quais aprendeste a sacrificar a realidade da tua vida a fantasias de escritores sem consciência nem moral, crendo que haja na terra homens de éter, e amor maior que o meu? E por que encheste a imaginação, outrora tão casta (desculpe-me que to diga), de insana volúpia e de quiméricos desejos?... Não me respondes?... Eu sei que queres ir aos bailes ruidosos, aos *pick-nicks*, às cavalgadas matinais – obra-prima do noivo de Laura, – comparecer nessas reuniões que fazem a delícia dos solteiros e dos mal casados; sei que me crês um homem expatriado do meu século porque não acho prazer em dançar com outra mulher que não tu, nem em te ver dançar com outro homem que não eu... Sabes, entretanto, o que é uma dessas grandes festas de salão a que costuma ir a tua irmã?

– É uma reunião onde se dança, se conversa... inocentemente
– disse Helena com afetada singeleza e enxugando o rosto.

– E onde os corações vazios vão se encher do que lhes falta.

– Meu Deus! Será um grande delito buscar um pouco de alegria,... saltar, pular?

– Não fora delito se o salto nunca ultrapassasse as raia do honesto, e o pulo não expusesse quem o dá a escorregar no precipício da desonra.

– Desonra! Mas quem pensou jamais em se desonrar em qualquer dessas reuniões de gente distinta?! Dona Amália não vai a todos os bailes que há, não anda sozinha, não é conhecida como uma das primeiras moças da sociedade, e não é amada do marido?

– É detestada. E é justamente por isto que ele a afasta de si, achando-se feliz de ter tempo para estar com que lhe apraz.

– E dona Clarinda não é livre como um homem, não vai a toda a parte, e entretanto já se desonrou?

– Isto é caso diverso. Fala-lhe de perto e verás se há marido capaz de suportar semelhante hálito, nem simpatia que resista a tal desencanto.

– E a viscondessa, tão bonita, tão branca que parece uma boneca de cera, terá porventura mau hálito que explique de modo análogo a liberdade que lhe dá o visconde?

– Tem um tumor canceroso interno, ao qual deve aquela falsa brancura, e que a torna repugnante a quem souber disto. Ainda ontem foi declarada perdida pelo doutor Pederneira!...

– Pois seja como for – disse finalmente Helena esquivando a continuação da revista – o que eu sei é que o baile é como um banquete, um passeio em companhia de pessoas educadas, uma festa de família, onde se encontram os amigos de infância, retemperam-se os sentimentos do coração, e como que se volta à adolescência da vida – continuou ironicamente – tão cara aos maridos apaixonados...

– Aos bons maridos nada é mais caro do que a serenidade do amor, a inalterabilidade dos sentimentos de recíproca estima, que cimentam a paz do consórcio e impossibilitam os dramas domésticos. Ouve, Helena – continuou Fernando, imprimindo

novas inflexões ao discurso: – Há quase oito anos que eu te amo como no dia do nosso casamento, isto é, com todas as forças da minha alma e toda a ternura do meu coração. Se é ou não pura verdade tu mesmo o dirás. Enquanto vivias ausente das companhias indiscretas, das pessoas imprudentes, das solteironas arrefecidas, e dos pretendentes em disponibilidade, foste feliz, foste mãe, foste um anjo de paz a abrigar-me sob tuas asas benfazejas... Hoje, que admitiste na tua intimidade a serpente tentadora, és uma reprodução de Eva: no meio da tranquilidade doméstica, verdadeiro paraíso terreal em que Deus te colocou para seres minha fiel companheira, estás à procura do fruto que há de perder a ti e a quem quer te salvar. Eis ao que te reduziram os maus exemplos de tua irmã e de tuas amigas.

– Pois seja – disse Helena com ar de quem estivesse sob o peso de uma resignação obrigatória; – eu me privarei de tudo: não irei ao baile, não visitarei a mais ninguém, e se tal é o teu gosto – continuou acerbamente levantando-se do sofá e saindo do gabinete – meter-me-ei num convento para não ver pessoa alguma.

– Nada – retorquiu-lhe Fernando –, eu não exijo semelhante coisa. Eu desejara ser-te útil, viver em paz com a mãe dos meus filhos; mas já que isso não é possível sem o sacrifício das tuas aspirações, vai, frequenta a sociedade que te aprouver. Porém, quando te arrependeres não te queixes de mim, nem procures uma reconciliação impossível!

Estas últimas palavras quase não foram percebidas por Helena, que já havia desaparecido antes de serem terminadas.

Quando acabou de as pronunciar assentou-se Fernando no sofá do qual se havia levantado a esposa, e cujo encosto estava ligeiramente borrifado das lágrimas dela, e ali ficou imóvel e abatido, com os olhos fixos no pavimento, onde parecia-lhe errarem pontos avermelhados e luminosos quais os fosfenos de um febricitante. Depois se recostou como quem desejava dormir, e procurando superar as apreensões da sua desperta imaginação invocou todas

as ideias que, tranquilizando-lhe o espírito, pudessem dissipar-lhe os temores que, talvez sem razão, dominavam-lhe todos os pressentimentos.

IX DEMONSTRAÇÕES



...yo nada espero.
Voló el placer dulcíssimo, hechicero,
Con los delirios de la edad primera.¹⁴

J. A. MATTIN, *El suspiro*.

Semelhante ao homem perseguido por uma sombra pavorosa, para o qual não há repouso possível, esteve Fernando até a madrugada sem poder dormir, tendo diante do espírito as recordações da sua passada felicidade mescladas aos maus pressentimentos que o assombravam, e à ideia de que, esposo e pai, isto é, vítima das ilusões da mocidade e da tirania da natureza, ele não passava de um condenado ao cárcere perpétuo do dever e do sacrifício.

E continuou desacordado, com a mente povoada de fantasias medonhas, evocando o passado, em que lhe sorria a imagem da pura e casta Helena de outrora, acompanhada dos filhinhos, louras e tenras criaturas que àquela hora dormiam os mais tranquilos sonos da vida; ou prevendo, calculando, exprobando a si mesmo a temeridade dos próprios juízos acerca da esposa, e ao mesmo tempo felicitando-se da perspicácia com que parecia os ver confirmados. E com o coração cheio de amor

14 ...eu nada espero. / Voou o prazer dulcíssimo, feiticeiro / Com os delírios da primeira idade. J. A. MATTIN, *O suspiro*.

e queixume, crendo ver chegado o momento da conflagração doméstica que ele previra, assim esteve à espera da doce claridade do dia, a qual lhe trouxe afinal um pouco de paz ao ânimo tão profundamente abalado.

Saiu então a passear no jardim, onde já zumbiam as abelhas e gorjeavam os pássaros; e ali se demorou até a hora em que o criado o procurou para lhe servir o café.

– Já o serviste à senhora dona Helena? – perguntou-lhe Fernando.

– Não senhor – respondeu o rapaz –, a senhora dona Flamínia não quer que ninguém a acorde antes do meio-dia.

Soaram dez horas. Sentindo-se abatido, mas sem o menor sinal de sono, tornou o Provinciano ao gabinete de estudo, e começou a folhear uns livros em que se recordava ter lido algumas páginas acerca dos bailes de salão; quando batem-lhe à porta os dois filhinhos, alegres e contentes, e logo após dona Flamínia trazendo a fisionomia alterada por uma comoção cuja natureza é fácil adivinhar.

– Mamãe está com enxaqueca, e hoje não quer almoçar – disse Mário beijando a mão de Fernando.

– Mas titia Laura já deu a ela a empada que ficou do jantar – acrescentou Armida, imitando o gesto do irmão.

– Já sei, meus anjos, – respondeu-lhes Fernando os abraçando. – Vão tomar fresco no jardim, que eu já os chamo para o almoço.

– Com que, meu caro genro, – começou dona Flamínia, fechando a porta aos netos, que saíam – quer reduzir esta casa a um monastério, e minha filha a uma recolhida?

– Não, senhora, eu quero fazer desta casa um lugar de paz em vez de um cenário de melodramas, como já começa a ser, e como a senhora deveria ter previsto e procurado e prevenir, tanto quanto eu procurei.

– Ora essa! Querer que minha filha vá às reuniões de gente distinta é, porventura, tecer algum enredo melodramático?!

– Senhora – continuou gravemente Fernando –, as suas convicções, os seus gostos e os seus interesses relativamente ao futuro de Laura são muito diferentes dos meus, para que possamos considerar todas essas funções sob o mesmo aspecto. A senhora encara o baile, por exemplo, como um divertimento inocente, distinto, onde as senhoras casadas não olham para os cavalheiros com quem dançam, e quando voltam para suas casas só trazem a alegria que viram reinar em torno delas, a alma impregnada dos perfumes que respiraram, e o coração transbordando de ternura para os próprios maridos; os quais, por seu turno, estiveram como uma pedra diante das damas formosas com quem dançaram e conversaram, e a quem, se não fossem uns santos, dirigiriam os galanteios que lhe viessem à cabeça. Eu, pelo contrário, considero todas essas assembleias de homens e mulheres juntos, principalmente as noturnas, como solenes orgias veladas pelas aparências da honestidade; como parênteses mais ou menos duráveis abertos na vida conjugal, às vezes pela imprevidência dos esposos, às vezes pelo tédio que lhes causa a vida doméstica; como suspensões momentâneas de todas as convenções, de todas as conveniências e de todos os deveres sobre os quais repousa a instituição do consórcio; como a negação, finalmente, de toda a sinceridade nas promessas dos noivos e no juramento dos casantes. Engane-se quem quiser se enganar: eu tenho a esse respeito ideias tão positivas que ninguém m'as poderá modificar.

– Porque é um poço de ciúme – disse-lhe dona Flaminia, levantando as sobrancelhas e fazendo com a boca um expressivo momo.

– O ciúme é a mais sincera homenagem do amor ao objeto amado. Mas prossigamos – continuou Fernando com aparente tranquilidade.

– Qual é o homem que tendo a liberdade de apertar pela cintura uma mulher formosa como Helena, e voar com ela pelos ângulos de um salão ao som de uma valsa lasciva de Strauss* ou de Metra*, que tendo a boca unida aos ouvidos dessa mulher, respirando-lhe o hálito de rosa, sentindo-lhe o arfar do seio escultural, a brandura do contato aveludado e eletrizador das suas espáduas néveas, dos seus braços de Diana*, e das suas pequenas mãos de Aracne*, única parte completamente coberta do seu busto tentador; acolhendo nas próprias retinas o olhar meigo e fascinador dos seus olhos cor do céu, e as pérolas alvíssimas que desfiam os seus delicados sorrisos; recebendo nas próprias faces os eflúvios de perfume que derrama em torno do seu ser embriagador; e os beijos fugitivos de uma madeixa doudejante dos seus opulentos cabelos de ouro; ouvindo finalmente o farfalhar diamantino da sua voz meiguíssima; qual é o homem, pergunto eu, que, vendo-se rodeado de visões mais ou menos assim, inquietas e sensuais, mergulhado em ondas de luz e de aromas inebriantes, poderá furtar-se à irresistível tentação de manifestar a tal mulher a admiração e o amor que ela lhe inspira? Qual é o cavalheiro que, nessa situação incutidora de uma insondável volúpia, não terá alguma eloquência, e qual a dama que não terá alguma sensibilidade? Qual é o marido que não traiu mentalmente ao menos cem vezes a própria fidelidade, e a esposa que não apunhalou ao menos mil vezes a fé jurada?

– Ora – disse dona Flamínia levantando-se, – eu também fui moça, e nunca achei quem me dissesse uma graça. Isto é ser o pior dos pessimistas!

– O pior dos pessimistas? Longe disso: é conhecer a história do coração humano; é dizer o que passa em mim, em nós, em todos durante esses desejados momentos, cuja mágica realidade nos causa uma ventura incomparável, e nos fornece recordações duradouras e adúlteras... Neles, o homem, por mais generoso que seja, que não tenta seduzir não é homem; a mulher, por fria

que seja, que se conservar casta não é mulher, é um anjo (como a senhora o foi), ou antes um pedaço de gelo resistindo indiferente à ação continuada de uma fornalha.

– Mas tudo isso é uma gratuita suspeita – retorquia dona Flamínia, enfadada da nervosa facúndia do genro –, não há ninguém que pense assim.

– Não há ninguém que pense assim? Ouça esta passagem de um dos melhores observadores contemporâneos desses fenômenos sociais, Octave Feuillet: “Se só se fosse aos salões para dançar – diz ele no seu *Mariage dans le monde** – passada a idade de 22 anos ninguém os suportaria, e frequentados apenas por crianças de colégio se haviam de fechar para sempre. Essas reuniões apresentam, porém, outro atrativo, e vem a ser o que resulta dos galanteios aí permitidos, e que constituem a sua verdadeira razão de ser. Em geral, a dança é um mero pretexto, uma ocasião para que se exerçam livremente. O que o homem neles busca, e a mulher de bom grado encontra, é aquilo que se chama um interesse do coração, não obstante representar este órgão em semelhante coisa um papel bem secundário... Acontece mesmo deparar-se-lhe esse interesse espontaneamente; porque está na atmosfera, porque é uma coisa fatal; e é impossível a um homem que não dança...” – quanto mais ao que dança! disse Fernando entre parênteses. – ...que não joga e entretanto não é um estúpido, passar horas e horas em um salão sem se sentir invadido pelas culpáveis tentações do tédio... – “Se as mulheres não tivessem homens com quem dançar – diz outro conhecedor destes assuntos – com toda a certeza a paixão da dança lhes passaria de repente. O prazer de pular é, por conseguinte, coisa muito secundária. Como, porém, o baile lhes oferece mil ocasiões de exibirem as próprias graças com que inflamam a imaginação varonil, como permite-lhes ouvirem impunemente palavras açucaradas, acompanhadas de apertos de mãos, mesmo sob os olhos dos seus maridos ou dos seus pais, elas o amam como o colegial ama a empada de camarão no dia de castigo...”

– Um livro de Paulo de Kock*?! – exclamou dona Flaminia, lendo o nome deste autor na capa da brochura. – Paulo de Kock é um perverso que tudo envenena!... Eu o conheço a fundo, não por o ter lido, mas pelo que tenho ouvido Laura contar.

– Então vejamos a *Physiologie du mariage* de Honoré de Balzac. Abramo-lo ao acaso...

– Já sei; é uma infernal diatribe contra as mulheres. E de que autor: um devasso!... Foi o grande presente de noivado que lhe mandou o tal nosso amigo Manoel de Cristo, e que o senhor atirou no meio das florestas do Corcovado para que eu o não lesse... Pois eu o li e reli!

– Abramos outro – continuou Fernando, recordando-se do incidente, de que ele se crera até então testemunha exclusiva e única; – é o *Homme-femme**, de Dumas Filho*, excelente opúsculo que acaba de ser publicado, e que...

– É inútil. Um livrinho em que o autor aconselha aos maridos que ao menor aceno do ciúme assassinem suas mulheres. Laura já o leu!

– Pois bem; permita-me que lhe leia o que William Jerold* – que passa por um dos mais argutos escritores ingleses – escreveu acerca do cotilhão, isto é, a respeito daquela parte do baile pela qual certas senhoras, que nas suas casas e em companhia dos maridos às oito horas da noite estão caindo de sono, fracas e delicadas a ponto de não poderem servir uma chávena de chá, atravessam uma noite inteira a pular, esperando contentes e despertas, sem darem sinal de cansaço, até a hora em que o sol vem lhes iluminar as faces abatidas do esforço e envilecidas das comoções inconfessáveis...

– É justamente por ser a coisa mais inocente do mundo.

– A palavra não parece prová-lo, já que *cotilhão* vem de *cota*, *saiote* ou *saia de baixo*, e que em francês *gostar do cotilhão* significa *gostar das saias*...

– Isto é envenenar a linguagem. Não pode haver relação entre objetos tão desconformes! – atalhou dona Flaminia.

– E se eu provar que a há, com o testemunho dos mais autorizados autores? Se eu provar que o cotilhão é uma contradança em que, de algum modo, descendo a ridículas e maliciosas condescendências, a mulher como que se despe a meio... moralmente; deixando ao cavalheiro preferido a esperança de, com algum esforço mais da parte dele, vê-la completamente nua?

– Eu só me rendo ao dicionário, que é o único livro escrito com imparcialidade.

Com a satisfação do pescador que obriga o peixe a cair-lhe na rede, foi o Provinciano tirando da estante os melhores dicionários etimológicos que possuía; e depois de ler a confirmação do quanto acabava de avançar acerca das grandes analogias do nome e da ideia, abriu o grande *Dicionário Universal do XIX século*, de Larousse*, e começou a ler em voz pausada e alta: – “O cotilhão é a parte mais interessante de um baile ou de um sarau, aquela para a qual se reservam os mais intrépidos foliões e os mais desenfreados saltadores. É o momento em que o acanhamento desaparece, o prazer começa, e o namoro segue o seu livre curso. Com efeito, se as outras danças se concedem a qualquer um, não acontece o mesmo com o cotilhão, para o qual os pares se prometem desde o começo da noite, e às vezes muitos dias antes. *Escusado é acrescentar que nessa escolha o coração tem tanta parte como as pernas.* É, porém, na execução das chamadas *figuras*, que se revelam os sentimentos que alternativamente agitam as diversas damas, como, por exemplo, a simpatia, a indiferença, o amor etc. De modo que *sob esse folguedo, aparentemente tão infantil e tão frívolo, escondem-se complicadíssimas comédias*; e é o que justifica a preferência que lhe dão todas as mulheres... O cotilhão não constitui somente a paixão das adolescentes e das moças feitas, ele o é ainda das que já ultrapassaram a idade dos prazeres, e para as quais se assemelha a um *verão de São Martinho*...”

Aqui dona Fláminia fez um gesto de impaciência como quem queria sair; não podendo, porém, vencer a resistência que

lhe impunha a imobilidade do genro, que sem querer escorava a porta com o espaldar da poltrona, lançou-lhe um olhar cheio de despeito, e suspirou como quem acabava de receber no coração uma seta envenenada.

Fernando assumiu um ar de fleumatismo, e continuou: – “Assim, uma mulher de 45 anos, que não ousaria dançar uma simples quadrilha, com a maior facilidade do mundo se deixará persuadir que sua presença é indispensável à organização de um cotilhão, e tributará uma gratidão ilimitada ao homem que lhe fez saborear ainda uma vez as embriagadoras comoções da valsa... É que todas, moças ou matronas, aí encontram as sensações que compõem a vida da maior parte de entre elas, e às quais ligam tanto maior importância quanto o consideram um *fruto proibido, que se pode colher na presença de todo o mundo...*” – Desculpe-me – acrescentou Fernando cortesmente –, não fui eu quem escreveu isto, foram homens imparciais e autorizados na matéria.

– Foram estrangeiros maliciosos e maldizentes – respondeu-lhe a sogra, que estava ansiosa por se ver livre daquela catadupa de citações esmagadoras. – Entre nós não há um só escritor que fale assim.

– Existem, e até mais incisivos. Já o velho Visconde de Cairú* dizia:

É o baile um alcouce disfarçado,
Onde o esposo trai a esposa incauta,
E esta a ele rende em mesa lauta
A desonra por prêmio do pecado.

– Eu falo dos modernos.

– Também os há; e a prova aqui tem num recente periódico de Pernambuco, onde aliás a depravação dos costumes ainda não progrediu como na Europa e aqui na Corte: – “O baile para nós – diz o sr. Alfredo Falcão, autor do artigo – é o lupanar mascarado. A mulher que se entrega aos redemoinhos imorais da valsa célere não conhece o sentimento do pudor. Solteira causa-nos dó, casada

asco. E esta, cremos, deve ser a opinião de todo o homem honesto. A mulher modestamente preparada para a família será a grande virtuosa; educada nos bailes e nos romances será sempre relapsa e asquerosa.” – Já vê – disse o Provinciano, rematando o importuno sorites e cedendo a passagem à dona Flamínia – que a maledicência, se o é, não tem pátria, e que, desejando até hoje amparar contra ela a reputação de minha mulher, eu não mereço ser apelidado carrasco, como já o fui, nem ainda o pior dos pessimistas. Folgarei, porém, muitíssimo que Helena, seguindo o exemplo de sua mãe, me prove, indo repetidamente ao baile, que nenhum dos escritores que acabamos de consultar fala a verdade.

X
EM PARIS



Une jeune femme qui entre dans le monde
de n'y voir que ce qui peut servir à sa
vanité; et l'idée confuse qu'elle a du
bonheur et le fracas de ce qui l'entoure
empêchent son âme d'entendre la voix
de tout le reste de la nature.¹⁵

VOLTAIRE, *Traité de métaphysique*.

Atribulado por contínuas comoções do mesmo gênero, enfraquecido pelas insônias, e laborado de dúvidas acerbas, não tardou Fernando em ceder à ação do calor, das exalações, e do trabalho intelectual a que o submetia a vida de professor e a morada na cidade. Depois de procurar inutilmente alívio mudando de médico e residência, resolveu-se a abandonar por alguns meses, ou anos, o Rio de Janeiro. Mas opondo-se a família à ida dele para Minas Gerais, conforme desejava e lhe haviam aconselhado os seus melhores amigos, decidiu-se a partir para Paris.

No estado em que então se achava de abatimento físico e moral, era-lhe indiferente visitar aquela cidade, e mesmo a Europa inteira, caso se restabelecesse. A pressão, porém, dos que o rodeavam, e que a possibilidade de uma próxima catástrofe

15 Uma jovem que entra no mundo vê apenas o que pode vir de sua vaidade; e a ideia confusa que ela tinha de felicidade e o ruído do que a rodeia impede sua alma de ouvir a voz de todo o resto da natureza. VOLTAIRE, Tratado de metafísica. *Œuvres de Voltaire (Obras de Voltaire)*. Paris: Lefèvre Libraire/Werdet et Lequien Fils, 1829, tome 37, p. 278.

havia tornado zelosos e ternos, e, principalmente, o desejo que desde muito Helena manifestava de visitar a maravilhosa capital, confrangeram-no a preferir a escolha da família. Confiou os seus haveres a um parente desta, pessoa altamente colocada no foro fluminense, e partiu com todos os seus, levando na alma as úlceras do passado, sobre as quais espalhava de quando em quando o bálsamo da esperança, e sempre o orvalho de uma consciência pura.

Fossem, porém, as novas condições climáticas, fosse a serenidade que lhe traziam ao ânimo os cuidados da estremecida esposa, ou ainda estas coisas juntas, o que é verdade é que poucos meses de demora na capital da França bastaram para, com um regime terapêutico mais simulado que real, restabelecê-lo completamente.

E agora, que estava na cidade por excelência, no centro intelectual da Europa, onde fervem os elementos constitutivos da civilização e do progresso; agora que não tinha deveres de mestres que cumprir, nem horas de serviço público que observar, era necessário consagrar o tempo e a saúde à observação de tudo, quanto merecia o seu estudo, e à contemplação de tudo quanto se oferecia à admiração do homem culto; não se apressando em abandonar um foco de ideias, de instituições, e de prazeres morais, tão fecundo para quem cogita, quanto agradável para quem busca os altos gozos da civilização.

Além disso, os dois filhinhos já estavam em idade de encetar o estudo das humanidades, e era mister aproveitar o ensejo para os ir educando conforme os sistemas preconizados na capital da França. Nesse intento foi Mário colocado no *Liceu Luís o Grande*, e Armida no *Sagrado Coração de Jesus*, duas das mais recomendáveis escolas do mundo.

De contínuo entregue ao estudo dos problemas que podiam interessar sua pátria, ou à contemplação de outros assuntos dignos da atenção de um homem de altos espíritos, não refletiu Fernando nos inconvenientes que oferece aos estrangeiros abastados uma

longa demora na sedutora capital. Talvez mesmo os ignorasse. Quem vai porém a Paris sem nenhuma missão determinada, quem não tem uma ocupação de caráter exclusivo e especial, ou não é forçado por motivos particulares a viver longe dos *boulevards*, dos teatros, dos cafés, dos concertos, de todos os lugares, enfim, onde melhor se exibem as seduições da vida parisiense, vida exuberante de encantos e mistérios. Quem é posto assim, desprevenido e incauto, nos meandros daquele satânico Éden, onde brota por toda a parte, como sarçal agreste, a árvore da ciência do bem e do mal, de cujas viçosas ramas pendem provocantes os pomos fatais, não pode deixar de se transviar, aceitando a taça das bacantes, e trocando por ondas de ambrosia o cálix das passadas e talvez involuntárias abstinências.

O próprio Fernando começava a perceber os efeitos daquele existir babilônico, que lhe rumorejava em torno, e a planejar uma viagem aos principais pontos da Europa, para em seguida regressar à saudosa pátria, quando recebe do banqueiro Fould*, de quem tivera constantes provas da mais obsequiosa deferência, o convite para frequentar os seus salões, onde os grandiosos bailes se sucediam durante os últimos dois meses de inverno.

Foi como um desses raios que não matam, mas atordoam e alteram as faculdades, tivesse-lhe caído em casa. Nem Laura, nem dona Flamínia, nem mesmo Helena – a mais moderada das três – admitiria mais a possibilidade de deixar Paris sem ter ao menos uma vez assistido a uma dessas festas de salão a que, no seu conceito, todas as brasileiras iam sem o menor inconveniente.

Não haveria mais reflexões, nem argumentos, nem dicionários capazes de suspender a corrente da imaginação feminil inflamada pela ideia de um baile em Paris, desse empíreo terreal na capital das capitais, na pátria das modas, dos *leões*, das *pchuttes* e das *horizontais*. Era necessário ir ao baile, contemplar uma vez, que fosse, os voluptuosos sorrisos de uma ventura cujo encanto

requintara na proporção do tempo durante o qual fora em vão desejada.

Ver de perto a aristocracia parisiense envolta nos fulgores da sua glória e nas pompas da sua riqueza, conversar com senhoras celebradas na imprensa universal pelos seus dotes físicos ou pelos seus talentos, dançar com os príncipes e marechais, ter por par o marquês de Caux, mestre-sala das Tulherias, ou o conde Marfori*, favorito da rainha d'Espanha; merecer talvez a preferência de tão nobres cavalheiros entre tantas damas conhecidas por sua formosura; aparecer em público de braços nus e colo descoberto, mostrar as graças do corpo sob cascatas de rendas de *chantilly* salpicadas de flores de Constantino; ouvir cumprimentos lisonjeiros de lábios desconhecidos, e ser apontada como uma das mais raras belezas americanas; furtar-se por muitas horas ao amor exclusivo de um homem que não podia mais aparecer-lhe à imaginação com os atrativos da novidade, para entregar-se às sensações do tempo em que era solteira, tais eram as aspirações do tempo em que era solteira, tais eram as aspirações de Helena, como o são as de quase todas as senhoras, mesmo irrepreensíveis, em cujo coração penetrou o desejo de voltar nos folguedos da adolescência.

A menor oposição da prudência as irrita como se fora uma gratuita imposição da tirania; e nas reações que desperta não é raro ver erguida contra si a falange das conselheiras ordinárias e extraordinárias, que em todas as emergências deste gênero voluntariamente militam em favor da pretensa desgraçada.

Acrescia, no nosso caso, que nenhuma razão nem pretextos justificariam a recusa de um convite tão lisonjeiro, a não ser os escrúpulos do brasileiro, os quais no próprio conceito dele, e graças ao universal exemplo, já começavam a parecer ridículos.

Para encurtarmos a história, bastará dizer que daí a poucos dias o aposento das “americanas”, como as apelidavam, estava reduzido a um laboratório de modas, a uma parada de chapeleiras, ajustadeiras, cortadeiras, de especialistas de todo o gênero, que

vinham, iam, falavam, criticavam, legislavam, cortando na bolsa alheia, enchendo os ares de todos os termos técnicos de suas especialidades acompanhados de gritinhos, risos, exclamações e protestos dignos da fecundíssima imaginação gaulesa.

Nesse sucumbir contínuo, no meio do bulício de todas aquelas profetisas do bom gosto, legisladoras universais do retalho e das caveiras desmioladas, figurava o pobre americano como uma simples hipótese, um parêntese vazio, ou um simulacro de homem, ao qual, fora das *considerações pecuniárias*, não fosse possível atribuir sentido na ordem das coisas.

À hora da refeição não tinha palavra que dizer, nem espíritos com que pudesse acompanhar os voos da fantasia feminina despertada pelo gênio das mágicas artífices. Laura estava inspirada, Helena cheia de entusiasmo, e a própria dona Flaminia, em quem os magníficos coletes das irmãs De-Vertus não puderam disfarçar completamente o volume do ventre, como enlevada perante as maravilhas da arte parisiense!

Quando tudo parecia pronto, ainda foi necessário invocar o indispensável concurso de mais uma autoridade na matéria que lhes dominava os pensamentos, isto é, a autoridade do cabeleireiro, desse grande mestre na arte de enfeitar uma cabeça oca. Não se resumiu, porém, nessa arte o seu talento: o abalizado explorador das protuberâncias do crânio, e indagador da idade dos clientes, explicou-lhes a importância que tinha na vida moderna a teoria das tinturas, das pomadas, dos perfumes, dos cosméticos e mais drogas e artimanhas com que, segundo se diz, Ninon de L'Enclos*, madame de Pompadour*, Manon Lescaut* e outras célebres cortesãs realçavam os dotes que lhes havia dado a natureza, ou escondiam os importunos atestados da idade. Deveremos ajuntar que fê-lo com tanta eloquência, que daí em diante tornou-se um fator indispensável da felicidade daquela casa, onde todos, exceto o dono dela, estavam completamente convertidos aos usos da grande metrópole.

Iniciadas assim nos segredos da alta elegância, familiarizadas com os princípios imortais da ciência de cativar os corações alheios por meio do trapo e do arame; sabendo que era permitido mostrar o busto quase inteiro, a forma da espádua aveludada, ou a finura do tornozelo aristocrático, sem ofender nenhuma conveniência social, o que mais lhes faltava, estrangeiras ricas e desocupadas, para serem felizes? Faltava-lhes a comparticipação de Fernando à convicção de que o baile era uma festa inocente, um complemento indispensável à felicidade da gente civilizada, da gente digna do seu século. Faltava-lhes a esperança de assistirem a um baile com ele contente, com ele a bailar sorrindo-se, com ele a aparecer e desaparecer nas salas e corredores de uma grande galeria esplendidamente iluminada, ora com um conhecido a falar de jogos e corridas, ora com uma dama ao braço, alegre e não curando da própria esposa, sem buscar esquivar-se a esse delicioso passatempo, flexível, de flor ao peito, simples e natural, enfim, como um peixe dentro d'água ou uma ave de galho em galho.

Como nenhuns raciocínios pareciam demovê-lo do sentir contrário, e em vez de se mostrar contente assemelhava-se a um homem constrangido à resignação, as três senhoras o acoimaram de querer caminhar contra o seu tempo, de ter nascido velho, refratário aos costumes da boa sociedade, insensível às seduções da moda, às graças feminis e aos excelsos deleites da civilização.

– Deixemos as seduções da moda, e os altos deleites da civilização – respondeu Fernando a Helena – e falemos da beleza e das graças do teu sexo. Quanto te enganas acerca dos meus sentimentos a tal respeito! Ignoras que eu adoro a mulher em geral, isto é, o centro estético e sensual de todas as reuniões em que ela entra; adoro-lhe a juventude, a meiguice, a sensibilidade; adoro-lhe as qualidades morais, se as tem, e as perfeições físicas, se as percebo.

– Mas adoração é um termo místico, que não exprime o meu pensamento: eu as amo ternamente, profundamente; eu as amo com tal ardor, que diante delas a minha existência se transforma

em martírio, a minha vida em pranto. Eu as admiro e as amo a um tempo; mais do que isso: eu as idolatro e desejo; eu vivo consternado por não lhes poder exprimir todos os sentimentos que despertam em mim, e o insondável sofrimento que me ocasiona a indiferença delas. Eu lamento não possuir o dom da perfeita eloquência e da absoluta ubiquidade, para as persuadir de me quererem de preferência a todos os homens. Eu sofro por não poder envolvê-las todas no meu ser, absorvê-las no meu seio, e embebê-las na minha alma! Eu sou um desgraçado quando penso que elas envelhecem e morrem sem me terem conhecido e amado; que eu próprio ocupo um lugar determinado no universo, onde, semelhantes às flores da tarde, elas desabrocham e murcham sem que eu as possa colher; e uma porção ilimitada do tempo em que é dado a outros, talvez menos sensíveis do que eu, arrebatá-lhes o tesouro das carícias que me seriam destinadas se eu fosse o único homem na terra.

– Eu invejo a quantos pelo passado as apertaram contra o seio, e detesto os que pelo futuro me hão de roubar o direito de lhes dizer que as amo com toda a ternura do meu coração.

– Diante de uma mulher bela, chame-se Termusa* ou Aspásia*, Heloísa* ou Margarida de Borgonha*, eu ardo num inferno de suposições, de anelos, de amor, de ciúme, de misticismo, de platonismo e de sensualismo a um tempo, que me consome a alma enquanto o corpo parece insensível à ação do incêndio que me devora. Um olhar não indiferente, que me lançasse, fora para mim como um banho de mágico orvalho; um sorriso dela parecer-me-ia o desbarato instantâneo de todos os obstáculos que me separam da completa felicidade!

– Petulantes viúvas ou tímidas donzelas, esposas pudibundas ou lascivas cortesãs, todas essas nectárias da vida real e sensível adornam-se as longas insônias que ocasionam a tua indiferença; todas me sorriem ou põem ao alcance dos meus olhos cobiçosos de beleza, dos meus dedos ávidos de sensações deleitosas, do meu peito sedento de felicidade as suas prendas tentadoras. E, guiado

pela insensatez da minha fantasia satânica, sigo-lhes os lineamentos, sorvo-lhes os perfumes, colho-lhes os sorrisos, roubo-lhes os beijos e desfruto-lhes os delíquios de sensuais loucuras, com uma inefável ebriedade em que aos amantes, aos maridos, aos noivos e aos sedutores ficam frustradas as primícias do prazer que lhes causaria a exclusiva possessão de ventura a que aspiram.

– De modo que nesses momentos a um tempo deliciosos e pérfidos sou eu o verdadeiro e único noivo, raptor, esposo, possuidor, enfim, desses adoráveis seres, em cujas platônicas ou lascivas irradiações então me consumo como uma pobre falena de amianto e sensitiva que o destino houvera colocado sobre a boca do Hékla*.

– Como poderei eu resistir aos encantos da mulher bonita a quem, num baile, me foi dado durante alguns minutos apertar contra o meu peito; da mulher a quem pude dizer durante esses momentos de voluptuosa alucinação, que lhe admirava o porte, a doçura dos olhos, a pequenez da boca, o melífluo da voz, ou a graça do pé?

– E se ela me ouviu complacente, e sorriu-se, se ela, lançando-me o magnético olhar, demonstrou-me que era sensível à minha lisonja, como poderei eu mais bani-la dos meus sonhos durante noites e noites, anos e anos, ou séculos de existência que eu tivesse?

– Não é, pois, por estoicismo nem por natural misantropia que eu evito os bailes: é justamente pela razão contrária. É porque jamais quisera sacrificar à outra mulher o amor que me inspiras, apesar da tua ingratidão; é porque não acho consentâneo às minhas ideias nem à constante aspiração da minha alma divorciar-me de ti durante um segundo; e sei que nessas promíscuas reuniões não há esposos, há *damas* e *cavalheiros*, isto é, homens e mulheres que se buscam com ardores instintivos, embora velados pela aparência da maior simplicidade.

– Nunca pretendi ser uma exceção às leis gerais da espécie humana. Os sentimentos que acabo de te confessar tão incompletamente não me são exclusivos: todos nós, homens ou mulheres, vivemos mais ou menos sob o império deles. Oh! Não te creias superior à lei comum... O contágio bastaria para os despertar em quem os ignorasse em si próprio. Em saindo do baile trarás a cabeça cheia de recordações infernais, ao passo que a tua imagem começará a figurar nos sonhos daqueles que aprenderam a desejar-te no fulgor dos teus olhos e no encanto da tua pessoa.

XI
O BAILE



Atenta às vozes, que o prazer lhe entranham,
 E à frase cortês,
 Que lhe entorna a lisonja nos ouvidos,
 Vai descuidosa
 Dando fé a processos fermentidos.

GONÇALVES DIAS, *Últimos cantos; o Baile*.

O baile é a antecâmara da alcova.

Fora completamente inútil enumerarmos aqui as diversas peripécias que constituem um baile. Todos sabem que apenas chega uma senhora à entrada dos aposentos destinados a uma função desse gênero, é acompanhada por um dos homens que fazem mister de introdutores, e cujo braço lhe serve de guia e arremeda proteção até aonde for necessário introduzi-la. Sem que o seu mais próximo parente, seja pai, irmão, ou marido, tenha mais direito do que qualquer outro homem à vigilância ou à posse dela, que se esposa, filha ou irmã, que era, passou a ser simplesmente uma *dama*. Qualquer oposição a essa lei cobriria de ridículo aquele que a tentasse. De modo que, para não se fazer num baile o efeito de um original, é necessário porem-se de parte todas as considerações contrárias às praxes consagradas pelo tempo, e mantidas pelos interessados propugnadores dessas metafóricas orgias.

Foi o que fez Fernando, bem que a esplêndida formosura da esposa, realçada pela riqueza do vestuário e pelas luzes dos salões, exacerbasse-lhe o sacrifício que desde tanto tempo se exigia dele.

Apresentado aos principais amigos do banqueiro parisiense, e por estes a muitas das mais lindas senhoras ali presentes, não tardou em ser arrastado ao círculo das mais interessantes; e antes como um estrangeiro de distinção do que como um simples cavalheiro, foi requestado pelas mais desejosas de dançar e conversar com o simpático americano, cuja tez morena e cujos olhos negros pareciam-lhes exprimir os ardores de uma alma crestada pelo fogo de paixões desconhecidas.

Desde então não teve mais tempo nem ocasião de cuidar exclusivamente da própria esposa, já envolta em turbilhão semelhante ao que agora o arrastava. Apenas de quando em quando a via passar ao braço de um cavalheiro, vestida da quase absoluta nudez do seu busto de jaspe e rosa, exornada de pérolas e sedas lavradas, radiante como um astro no meio dos olhares que a seguiam a um tempo cobiçosos e pasmos. Ao passo que ele, obrigado pelas conveniências de salão a cortejar as damas com quem dançava, ou as que aceitavam-lhe o braço no intervalo de duas danças consecutivas, parecia absorto na prática de semelhante banalidade, sem mais curar da deslumbrante companheira, que começava a ser proclamada a mais formosa dama do baile.

No meio, porém, daquele caleidoscópio de sensualismo, em que os braços magníficos e os colos primorosos, quase completamente nus, faziam o efeito de amostras provocadoras do quanto se escondia excelente e irresistível sob o mistério do desconhecido; ao perpassar daquelas aparições tentadoras, algumas das quais pareciam figuras ideais animadas pelo gênio da volúpia; dentro daquela vasta estufa, enfim, saturada de fragrâncias excitantes, inundada de luz, e adornada de flores de todos os climas, seu coração a seguia, sua alma a observava, bem que por vezes se sentissem ambos cativados por tantas seduições.

Entre as damas com quem dançou havia uma que era casada com o velho duque de Rosières, antigo escudeiro de um dos príncipes de França e homem de um passado brilhante, porém decaído em consequência de graves perdas de dinheiro. Essa senhora realizava o que pode chamar o tipo feminino francês em toda a força da juventude e da elegância parisiense. Era loura, esbelta, graciosíssima, instruída, espirituosa, a única que disputava à Helena a primazia entre tantas senhoras formosas, e em cujos olhos, grandes e azuis, o olhar de Fernando involuntariamente se embestia como num abismo de misteriosos êxtases. Também não lhe parecia indiferente o brasileiro, a julgar pela expansão da fisionomia com que ela acolhia as suas palavras e o seu olhar, raramente impressos de equívoca lisonja.

Deveremos acrescentar que, se entre os franceses as estrangeiras distintas são objeto de um culto especial, e por consequência de atenções extraordinárias, não acontece diversamente com os estrangeiros entre as francesas, as quais em geral lhes atribuem – mormente se são sul-americanos, e elas observam a delicadeza e a extrema doçura com que falam às damas – qualidades especiais, que até certo ponto faltam aos europeus, em geral menos atenciosos e melífluos.

Persuadidos da recíproca indiferença dos esposos brasileiros, tanto eles quanto elas não viram mais em ambos coisa diversa de dois entes destinados a caírem no concubinato, que nas classes elegantes das grandes capitais, chamem-se Paris ou Viena, Londres ou Berlim, forma a base dos costumes e explica a frouxidão dos laços de família.

Apesar da diferença de idade que a separava do marido, jamais cedera a duquesa de Rosières a outro homem o lugar – constantemente vazio – a que tinha direito o velho duque no leito conjugal; razão porque ele a adorava e a tinha como uma exceção entre as senhoras do seu conhecimento, não se opondo a nenhum desejo daquela “pérola de mulher”, como a chamava.

Ora, as mais das vezes a virtude feminil é como a abstinência monástica: só a impossibilidade de quebrá-la a explica. Tanto sabia disso o fidalgo francês, que trazia contínuo a sua pérola numa filigrana de precauções admiráveis. Para as evitar imaginou a jovem fidalga um pequeno estratagemma, a que decerto não ousaria recorrer se fosse consorte de um homem moço; era de ligar-se de amizade à sedutora estrangeira, sobre a qual tinha a vantagem de seis ou oito anos de menos. O próprio duque foi o mensageiro da simpatia que inspirava à sua joia a interessante brasileira, a quem convidou para os seus saraus íntimos, declarando-lhe que ela muito os honraria, e pedindo-lhe trouxesse em sua companhia Laura, dona Flaminia e Fernando, aos quais apressou-se em reiterar pessoalmente o obsequioso convite com uma efusão cavalheiresca.

Não contente de haver assim lançado os alicerces do *eldorado* que imaginara, aproveitou a duquesa o ensejo para assinalar à atenção da nova amiga um seu irmão, o conde de Perlins, capitão de lanceiros de seus 29 anos de idade, com o qual, aliás, já havia Helena dançado, e que passava na corte das Tulherias por um dos mais espirituosos diretores de jogos de salão.

Além dessa prerrogativa essencial dos grandes conquistadores de corações em disponibilidade, possuía o jovem conde uma bonita figura, realçada por um ainda mais bonito uniforme. E outros segredos de cativar as simpatias mulheris, como, por exemplo, a ciência do vestuário, das modas, dos perfumes, da linguagem figurada das flores, da alta equitação, variadíssimas notícias acerca das linhagens, esplendores, virtudes, e fraquezas aristocráticas; numa palavra, o conhecimento de tudo quanto podia prender a atenção de uma mulher sequiosa por encontrar na terra um homem vazado nos jitos da sua imaginação.

Ora, o pretendente, principalmente se faz dos salões o campo de suas justas, tem sobre o marido as vantagens da novidade e do mistério. Ao passo que este involuntariamente se exhibe à própria esposa com todos os defeitos da espécie e todas as

imperfeições individuais, aquele lhe atua sobre a imaginação como um ente ideal, um cadinho de perfeições, um favo de benevolência. A injusta comparação ilude-a, a ela, saudosa da poesia que lhe foge, e deixa-lhe no espírito a convicção de que o estado passageiro e profundamente mendaz do homem que procura cativar-lhe o ânimo, é o estado normal do ente que se lhe deparou como uma exceção na terra.

O marido que pudesse desiludir a própria esposa, fazendo-lhe ver que o mortal destinado a traí-lo dorme de boca aberta, torna-se atediado e tedioso durante o dia, ralha e sofre, carece de abluções para estar limpo, porque é feito de lodo como todos os outros, e está sujeito às mais prosaicas necessidades da vida material. O marido que pudesse assim desencantar o futuro algoz da sua paz e da sua honra, poderia dormir tranquilo, ou mesmo levar sua mulher ao baile sem demasiado temor dos inevitáveis assaltos a que vai expô-la.

Essencialmente feminina, deixou-se a brasileira seduzir pela locução fácil e ornada do elegante oficial, o qual, para prendê-la ao braço o mais que lhe fosse possível, começou por contar-lhe a história da maior parte das senhoras mais ricas ou formosas que ali estavam; passando depois a ilustrá-la acerca dos principais salões da grande cidade, e acabando por lhe desdobrar a sua vasta erudição acerca da arte da perfumaria, arte que ele parecia ter estudado como os principais cabeleireiros da Europa.

Descendo das generalidades às aplicações usuais da ciência de Criton*, de Pinaud* e do douto Debay*, disse-lhe que, semelhante à harmonia das sete notas musicais e das sete cores da pintura, existia uma harmonia entre os diversos tipos de perfumes.

Assim, por exemplo – continuou o conde – o heliotrópio, a baunilha, a flor de laranjeira, formam pela sua reunião um acorde perfeito, como as notas *dó mi sol* na música; o mesmo acontece com o *vetyver*, o *patchouly*, o limão, a verbena, bem que o cheiro desta última domine o daqueles. De tal modo que em um perfume

composto de todos os quatro, a verbena representará a nota mais aguda. Pelo contrário, os cheiros que não se harmonizam entre si produzem no olfato a mesma impressão que faz ao ouvido uma discordância fonética. Assim, o beijoim misturado ao cravo e ao timo produzirá um cheiro desagradável.

Acima de todos os perfumes que aumentam os atrativos da mulher, deve-se, porém, considerar o hálito do seu corpo, desse delicado laboratório onde se encontram esquisitíssimas fragrâncias, que é mister não profanar com as grosseiras essências produzidas pela indústria humana. Para justificar a inesperada asserção aí estava a formosa brasileira, o suave rescender da qual, no dizer dele, excedia tudo quanto havia produzido a arte dos mais sumos perfumistas.

Passando à teoria do toucador, explicou-lhe a maneira de preparar os banhos “calidérmicos”, aos quais Laís*, Frineia*, Aspásia, Cleópatra*, Poppe* e outras belezas da Antiguidade deviam a conservação de suas graças físicas; concluindo por lhe explicar a maneira como, com alguns extratos e um pouco d'água, cada qual podia ter em sua alcova a maravilhosa “fonte de Juvêncio*”.

É necessário dizermos, que desde o começo da noite a estrangeira impressionara o capitão de lanceiros a ponto de ele lhe confessar a mais entusiástica admiração, acrescentando que jamais vira perfeição igual nas reuniões da corte napoleônica. De modo que as recomendações já encontraram Helena predisposta em favor do aventureiro galã, cujos subsequentes discursos acerca de assuntos tão variados acabaram de conquistar-lhe o coração.

Enquanto estes pequenos incidentes se consumavam, estava dona Flamínia absorta nas graças de suas filhas, principalmente nas de Laura, que já haviam encontrado admirador na pessoa de um viúvo pertencente à aristocracia da opulência, homem ainda moço, da privança do Imperador,

e que era considerado pelos conhecidos como o único rival do marquês de Appony na arte de trincar um peru.

Chamaram-no por antonomásia o senhor *de la brioche*, apelido que ele terminou por adotar transformando-o no de *De Labriosche*, para tolher-lhe o ridículo de um maligno gracejo.

Há na história da mulher, ou melhor, do animal racional de ambos os sexos, um período de secreta e insondável melancolia; é aquele em que a fibra muscular começa a perder a irritabilidade normal sob a ação do fluido nérveo, ou, por outra, quando a sensibilidade psicológica já não encontra intérprete fiel no aparelho físico, meio reduzido a uma simples peça anatômica. É a quadra das grandes decepções da alma a contemplar a sonolência do organismo outrora tão desperto, do misterioso aparelho que pelo passado disputava-lhe o império da vida e a preeminência do amor, que exigiu muitas vezes o sacrifício da razão, e impôs a pujança da própria vegetação ao frio calcular das conveniências e da moral. É a época em que, semelhante à pena d'água, que se despega e cai enquanto a ave continua a librar-se nas alturas do espaço, o ser humano sente-se aviltado pela consciência viva da precariedade dos próprios órgãos, e se consterna pela certeza de que está prestes a deixar a verdadeira vida da humanidade, para entrar na conta dos inválidos da espécie.

Aqueles que souberem o que isso é saberão quais razões induziram, principalmente, o doutor Fausto* a vender a alma a *Mefistófeles*. É uma atroz miragem, um pesadelo aterrador para o que começa a descortinar a deliciosa fonte onde se banha Susana* que o há de repelir. A senectude, coisa natural e veneranda, aí vem chegando como uma túnica de gelo infusível sobre um peito incandescente, ou como uma pele de pestífero sobre os ombros de um noivo. Namorado daquilo que o repele, o velho esposo dos desejos estende a mão, como o decrepito Davi*, à lira despedaçada, e não tem força para celebrar com uma simples

melopeia o último consórcio do seu coração, não obstante as ternas carícias que lhe prodiga alguma piedosa Abisague*.

Não há palavras que pintem essa desesperadora situação, em que, muitíssimas vezes, enriquecida dos cabedais da imaginação e da memória, a juventude do sentimento se acha enclausurada numa couraça tanto mais repugnante quanto são profundas as rugas atestadoras dos seus gloriosos combates.

É por isso, é pelo susto que lhe incutem os primeiros acessos da decrepidez física, que o homem de certa idade saboreia com requintada lascívia os poucos frutos que lhe é permitido colher no cobiçado pomar. E que às vezes, surpreendido pela caducidade orgânica antes da decadência da sensibilidade moral, ainda se deleita em contemplar os folguedos com que a juventude, semelhante à andorinha revoando num belo dia de primavera pela superfície de uma formosa campina, expande sem esforço a sua alegria perante o voluptuário altar.

Privada mais cedo que o homem das credenciais do seu valor – os atrativos materiais sobre que firmava a sua força – também se sente a mulher mais depressa do que ele invadida pela aviltadora tristeza, aproveitando o menor ensejo para minar-se nos pequeninos triunfos, ainda imaginários, que atribui à fascinação das suas amigas moças; triunfos iriados de uma inefável malícia que a arrebatava, porque lhe retraça os deleitosos sucessos da própria juventude.

Era o que acontecia a dona Flamínia ao ouvir, assim, as exclamações que arrancava de todos os lábios a extraordinária beleza de suas filhas, como os discursos com que mais felizes lhes tributavam diretas homenagens.

Mas, fosse porque esse espetáculo lisonjeasse-lhe o amor próprio de mãe e de brasileira, fosse por uma inclinação natural da sua índole, o que é verdade é que o reverso da medalha lhe escapava, e que todo aquele doudejar dos sexos em torno de um objeto que os podia consumir, como a flama à fascinada mariposa,

afigurava-se lhe um brinquedo infantil, ou, quando muito, um devaneio inocente de platônica volúpia.

Inundada de ufanía por se ver, finalmente, rodeada de todos os seus em uma dessas reuniões que constituíam o ideal da sua imaginação, e que realizada em Paris redobrava de valor no seu conceito, não enxergava, como a criança diante de um quadro de grande mestre, além da superfície das coisas. E nem talvez admitisse, se lho dissessem então, que sob os episódios que contemplava absorta havia coisa diversa da perspectiva de um noivo para sua filha solteira, e da afirmação incontestada da liberdade a que tinha direito a casada para provar ao marido a própria castidade. A sua ilusão a esse respeito era tão completa, que apenas se recolheu à carruagem, o seu primeiro cuidado foi de perguntar a Fernando com entoação a um tempo vitoriosa e irônica:

– Então, está convencido de que um baile é a coisa mais inocente do mundo?

Esta pergunta fez o genro, em quem também os incidentes da deliciosa função haviam encurtado como por encanto a natural perspicácia, lembrar-se do erro que cometera descontinuando a observação dos fenômenos que lhe interessavam, para dar atenção aos meigos sorrisos e às animadoras palavras da duquesa de Rosières. Exprobando-se uma fraqueza que o envergonhava perante a consciência, limitou-se a responder:

– Tem razão, é a coisa mais inocente do mundo. Eu é que sou malicioso.

Entretanto, daí a poucos dias, e antes de se avistarem no castelo de Rosières, as mesmas personagens se encontravam nos salões de Napoleão III*, de onde se espalhou rapidamente a fama da beleza das duas fluminenses, que prestes se tornavam objeto da geral curiosidade onde quer que aparecessem.

XII O SARAU



Quem prefere ao próprio lar
A morada do vizinho,
De ser feliz em seu ninho
Não se poderá gabar.

Não havia maior ventura para dona Flamínia do que ouvir a fama pública aclamar os dotes estéticos de Laura e Helena, “o maior adorno dos bailes do Imperador”. Quando lhes tributavam louvores pela imprensa, andava a altiva matrona pela casa munida dos periódicos que encontrava, como de um troféu, a ler e reler em voz alta os estrondosos elogios, que as enchiam de orgulho. Era a ebriedade da glória feminina no seu mais alto grau, ao mesmo tempo que, para o extremoso marido de Helena, aquele brilhante preito à formosura não passava de um meio solene, e entretanto aparentemente banal, de que lançavam mão os respectivos redatores para manifestarem às lindas estrangeiras os seus sentimentos peculiares, e se irem assim insinuando no coração delas.

Felizmente fechavam-se depressa os salões das Tulherias, o que obrigava os seus frequentadores a procurarem outros divertimentos menos brilhantes, para irem passando o tempo e a primavera até chegar o estio, que lhes oferecia novos modos de iludirem o tédio da existência.

Ora, as reuniões íntimas da duquesa de Rosières eram de dois gêneros: em umas tocava-se, dançava-se, recitavam poesias, passeava-se nas alamedas do parque, se fazia calor, e, se não, terminavam com o chá tomado nas magníficas estufas do

castelo, onde reinavam as deliciosas fragrâncias, e desabrochavam as mais caprichosas flores de todas as partes do mundo. Em outras, o divertimento se resumia aos jogos de mesa, na leitura de fragmentos escolhidos, e na conversação espontânea, que se protraía até a hora da despedida, quase sempre sucessiva, durante o verão e nas noites de luar, a um passeio no bosque.

Este devaneio ao ar livre constituía uma particularidade de que o velho escudeiro não se podia eximir, graças aos ataques de asma, que de contínuo o atormentavam, obrigando-o, para não evidenciar a própria senectude, a afetar uma profunda admiração pelas belezas do luar e pelas cintilações do firmamento.

Dissemos *graças aos ataques de asma*, e talvez erramos. O velho fidalgo sabia do efeito desses passeios à noite sobre os nervos da jovem esposa, cujo histerismo calmavam; e por isso ainda mais os encomiava nos seus discursos acerca das graças da natureza, e dos inconvenientes da existência nos aposentos fechados.

O ar livre, a frescura das sombras do arvoredor, o refletir-se do céu estrelado nas águas do lago, o rumorejar das cascatinhas artificiais, e a doçura dos sentimentos expressos sob o mistério da folhagem escura e fresca, constituíam a nota particular dessas reuniões originais, cuja simplicidade estava longe de reproduzir o que se passava durante as brilhantes festas do castelo no tempo em que o dono dele era moço, mas nem por isso deixava de ter incomparáveis encantos.

O baile serve para as expansões da simpatia nascente; os pequenos saraus, os saraus uniformes como os do duque de Rosières servem para estreitar esse primeiro laço, e irem pouco a pouco convertendo-o em sentimentos mais profundos. Chamam-se íntimos, e isto basta para convencer de uma certa intimidade recíproca a quantos os frequentam. Há aí a mesa de jogo, onde se cotovelam durante horas as damas com os cavalheiros, e onde os pés contam ao coração inimitáveis epopeias. Há menos pretendentes a um trono devoluto; há os jogos de prendas, que,

habilmente dirigidos, podem resumir eternidades de malícia sob o véu da mais cândida inocência; há ensejos mais oportunos para quem colocou num objeto determinado a mira dos seus desejos; há, enfim, a benevolência mútua, que dispensa as etiquetas do vestuário, e permite avaliar melhor os tesouros da natureza. A própria monotonia concentra os sentimentos. No castelo de Rosières havia coisa melhor que tudo isto: havia o passeio no parque, com o qual todos contavam.

Fernando ignorava-o, como ignorava que durante o baile do palácio Fould fora ele, talvez, o mais ingênuo dos homens, por oferecer apenas às setas da encantadora duquesa um coração recalçado pelo desprezo da mais ingrata das esposas. A um tempo esmagado sob o peso de antecipadas exprobrações, ferido pelo ressentimento, e animado de uma esperança tentadora, não duvidou aceitar o gracioso convite, e às horas emprazadas lá estava com as senhoras da sua família, a quem todos os convidados da duquesa fizeram tão gracioso acolhimento como ela e seu marido.

Essa primeira reunião foi mais festiva que as outras: houve mais cerimônia, mais solenidade; e os gentis-homens dos vizinhos castelos a ela compareceram para contemplar as duas distintas americanas, de cuja formosura já se falava em torno. Lá estava igualmente o conde de Perlines, que chegara antes de todos, e o senhor De Labriosche, que não se fizera esperar muito.

Fernando desprezava os homens louros e afeminados. Tinha-os por demasiado mimosos para poderem dominar a fantasia feminina, e se fosse mulher nunca se deixaria seduzir por um ente cujo exterior disputasse ao sexo gentil a preeminência das graças físicas e a debilidade intelectual. Os eloquentes, por feios que fossem, esses é que ele temia. A experiência ensinara-lhe que tais homens eram em geral perigosíssimos, e que nenhuma mulher resistia totalmente aos prestígios de uma língua tangida pelo gênio, e banhada pelo néctar de um simulado ardor.

Por isso não reparou no desvelo com que era Helena tratada pelo irmão da senhora de Rosières, e antes achou natural da parte de uma pessoa da família que o obsequiava. O viúvo, pelo contrário, impressionou-o como um homem de espírito, um verdadeiro sagitário de salão, que sabia angariar a complacência de uma senhora distinta, e cujo empenho em ser agradável a dona Flamínia denunciava nele alguma intenção mais remota. E como Laura o evitava, por achá-lo demasiado maduro e diferente dos Armandos*, Rafaéis* e d'Artagnans* de sua predileção, só Helena, aparentemente, estaria exposta aos seus assaltos.

Com uma constância digna do melhor êxito, pôs-se Fernando a observá-lo, não deixando passar incidente que não fosse longamente analisado, e comentando mentalmente tudo quanto, de perto ou de longe, arremedasse no lépido viúvo uma tentativa de conquista.

Enganou-se. Se o coração dele batia era realmente por Laura; era ela quem o prendia; e se procurava a companhia de dona Flamínia ou de Helena, o sincero De Labriosche queria somente achar intermediário, queria expandir-se, queixando-se-lhes da indiferença da moça, e deixando-lhes entrever uma grande simpatia, que o tempo e o consentimento dela podiam transformar em honestíssima paixão.

Antes, porém, de conseguir o desejado efeito dos seus desabafos passaram-se dias, sucederam-se saraus do mesmo gênero, reuniões em casa de outras pessoas distintas, visitas entre os conhecidos, entrevistas casuais. E tudo foi progredindo conforme o sistema natural dos acontecimentos: Helena acabara por aceitar os cultos do conde de Perlines, o viúvo por pedir a mão de Laura, e o próprio Fernando por se deixar enredar na teia de um amor que um dia ou outro, se progredisse, tinha de o lançar num abismo de remorsos.

Mal suspeitava o involuntário namorado da duquesa Rosière que a sua própria perspicácia ia precipitando a ordem dos

fatos, e favorecendo a prossecução dos sucessos que ele procurou impedir enquanto teve livre o alvedrio, mas que agora o contavam entre os seus principais progenitores. Na verdade, dirigindo a atenção para um objeto sem significado, perdera de vista pontos essenciais do quadro que lhe interessava, até o momento em que, namorado da formosa fidalga, sentiu-se cúmplice de um delito cuja ideia de contínuo o assombrava.

Quis recuar evitando as reuniões noturnas do fatal castelo e projetando repentino regresso à pátria; porém a astuta parisiense desmanchou-lhe todos os planos com um traço de gênio: interessando Helena numa empresa de beneficência que terminaria por um baile mascarado nas magníficas salas da Sociedade dos Filhos de Apolo, da qual De Lamartine, Victor Hugo*, Pradier* e Sandeau* eram sócios fundadores. Ainda mais: partisse ou não para a sua terra, a fluminense havia de aceitar o encargo de patrocinar essa obra de caridade, cujas promotoras se contavam entre as mais nobres damas de França, e cujo produto pecuniário era destinado às órfãs desvalidas do bairro.

Fernando reputava quais divertimentos indignos de gente honrada as festas em que são admitidos os disfarces carnavalescos. Tinha asco às senhoras que se mascaravam, e como axiomática a cegueira do marido que uma e mais vezes prestou à própria mulher as armas necessárias para o traspasar. Um baile de máscara era, no seu conceito, uma forja de mais ou menos imediatas infidelidades conjugais, a que só escaparia, talvez, o homem casado com algum crocodilo.

A rápida evolução dos acontecimentos íntimos iam-no, porém, convencendo, finalmente, não da inocuidade desse gênero de folia mundanal, mas da relativa insensibilidade de sua mulher às tentações que costumam arrastar ao abismo as mais incautas. Ao cabo de alguns meses de forçada experiência e infrutuosa observação, parecia-lhe Helena uma flor perenal, cuja corola e cujo perfume poderiam resistir indiferentes ao dardejar de muitos sóis

de estio. E ele próprio já se sentia menos que outrora melindroso em sua meticulosa observância das práticas de que depende a pureza moral da família.

Graças à parcial anestesia resultante dos encantos da sedutora francesa, e da prolongada aplicação do ânimo a objetos de exclusivo afeto, começava a crer-se uma exceção à lei que fulmina os maridos desatentos, e ia deixando adormecer a vigilância nesse ilusório frouxel. Demais, no que respeitava à ida de Helena a um baile de máscara, de que lhe serviriam resistências contrárias ao desejo de todos, e repugnâncias que ninguém compreendia? Se ela era realmente sobranceira às setas indignas de feri-la, não seria o uso momentâneo de uma máscara que havia de a transformar.

Era pelos fins de fevereiro, e por consequência alguns meses depois do baile em casa do banqueiro. As tempestades do inverno estavam a cessar, e a primavera aí vinha com a bonança favorável às travessias do Atlântico. Deixar Paris naquela conjuntura sem um motivo justificável aos olhos de Helena e de toda a família, interpondo talvez um insuperável obstáculo à união de Laura com o opulento senhor De Labriosche; parecer negar-se a uma empresa filantrópica, só porque se julgava incapaz de resistir por alguns dias mais às seduições de uma mulher bonita, não era, porventura, convencer-se a si mesmo de uma debilidade de ânimo indigna do seu caráter?

Ora, graças à cautela com que procedia o conde de Perlines e às francas declarações do viúvo, nenhuma suspeita coonestaria mais o ciúme do exemplar marido. Para toldar-lhe a tranquilidade só lhe restava, pois, o receio de romper ele próprio a paz conjugal, que, depois de mil vicissitudes parecia-lhe, finalmente, ter chegado a uma razoável serenidade. Ainda mais: reconhecia-se réu de lesa fidelidade desde que virtualmente se alistara no rol dos traidores. E isso o fazia desejar esquivar-se às acusações da sua severa consciência, não pela impossibilidade material de persistir

no pecado, mas por um rompimento franco e leal com as coisas que podiam transformar este em delito.

Essa aspiração a um heroísmo tão sublime era igualmente alimentada, força é dizê-lo, por um sentimento menos nobre, e vinha a ser o temor de subministrar à consorte, em cuja pureza ele acabara por crer, pretextos para quebrar o juramento que lhe fizera perante os sacrossantos altares.

Fôramos incompletos se deixássemos de iluminar outros fatos que se passaram na sombra, mas a história dos quais nem por isso é menos essencial à inteligência da nossa narrativa.

O primeiro desses fatos era a resistência de Helena em se entregar aos desvarios de um amor de que ela até certo ponto duvidava, não atribuindo à veemência com que o conde simulava uma ardentíssima paixão, a sinceridade necessária para abandonar-se a um homem distinto pelo nascimento, embora, mas demasiado *parisiense* para lhe inspirar a necessária confiança. Ele poderia traí-la.

Acolhendo todas as suas demonstrações de ternura, aceitando os protestos do formoso gentil-homem, acendendo-lhe a imaginação com as artes sutis que a natureza parece inspirar ao sexo frágil para cativar o forte, mais de uma vez lhe passara pela mente a lembrança terrível de que, porventura, esse moço de palavra tão persuasiva, de modos tão gentis, de olhos cor do céu e cabelos cor de ouro, não merecia a imensidade do sacrifício que exigia dela.

Além disso, a ideia de trair um marido que ela cria exemplar, e se pode dizer sê-lo-ia em quaisquer conjunturas dependentes da sua vontade, também lhe repugnava à consciência, ainda não tisonada pela sanção da perversidade material. No seu conceito, Fernando era, como de feito, uma vítima do amor que lhe votava.

Todos esses pensamentos juntos ao receio de ser um dia abandonada pelo esposo e pelo amante, e às tendências naturais de um temperamento apaixonado e meridional, transformavam-

lhe as horas de repouso num inexplicável tédio. Acrescia que não tinha confidente além de Laura, cujos conselhos não pecavam por prudentes, e a essa mesmo ela temia revelar toda a extensão do incêndio que a consumia.

De modo que, entregue à maior perplexidade, subjugada por afetos tão contrários, assombrada por temores tão vivos, abalada por contínuos sustos, tendo diante de si, de um lado a imagem serena do marido e dos filhos como objeções importunas à ventura que sonhara, do outro o homem que se lhe deparara como um tipo de perfeição, e que começava a impacientar-se com as hesitações dela, não era de admirar que se considerava a mais desventurada das mulheres.

A paixão, porém, que lhe inspirava o irmão de sua amiga bradava mais forte que as considerações que a intimidavam, não a deixando invocar virtudes para furtar-se à tentação de imolar-se aos arroubamentos de um amor tanto mais caro quanto em si era viva a consciência dos sacrifícios que exigia, e das contingências à que se expunha. O abismo a fascinava.

Também os sentimentos despertados pela deslumbrante estrangeira na alma do elegante oficial não duraram muito no estado de pura aspiração. Os parisienses estão acostumados às aventuras rápidas como a leitura de um jornal ou a audição de uma nova comédia. Os romances longos aborrecem-nos. A paciência e a constância não são feitas para quem vive, como tantos deles, de corridas, de champanhe, duelos e telegramas. O conde era destes.

Para vencer a hesitação da brasileira, lançou mão de um expediente muito velho na história dos amores ilícitos, porém de uma eficiência nunca desmentida. Helena cometera a imprudência de confiar ao papel algumas das suas expansões íntimas, e ele, a quem esses escritos confidenciais foram dirigidos em resposta às suas cartas, não duvidou ameaçá-la de os comunicar a Fernando, caso persistisse no ânimo dela a tediosa relutância. Antes, pois, de ter provado as delícias do fruto proibido, já havia o coração

da incauta esposa experimentado a tirania da serpente tentadora; e sua consciência media quantas decepções trazem os amores que exigem crimes para se alimentar, comparados àqueles que se contentam com a sublime monotonia da fidelidade.

Menos infeliz não se cria a duquesa. Formosa como Helena e mais que ela jovem e rica, ligada a interesses de família a um homem quase decrépito, vendo, por consequência, passarem uns após outros os dias da sua juventude sem as ternas consolações do afeto conjugal correspondido, sentia-se afinal arrebatada por um pensamento duplamente adúltero, mas por isso mesmo duplamente ofuscador, o de possuir exclusivamente o coração de Fernando; ao passo que o brasileiro, em quem ela crera encontrar os ardores do Aconcágua e a impetuosidade dos grandes rios da América, simulava por sua inexplicável inação a languidez do Sena ou a temperatura glacial do Monte Branco. Mas sabia quanto é difícil utilizar os fogos dos grandes vulcões, ou desviar o curso dos rios caudalosos!

A própria Laura não estava satisfeita. A literatura rasgara-lhe n'alma horizontes demasiado vastos, e deixara-lhe o coração demasiado sedento de liberdade e poesia, para lhe permitir que se alegrasse com a perspectiva de um casamento em que o maduro mas nédio De Labriosche não havia de representar, à semelhança do duque de Rosières, o papel de mero contemplador dos tesouros da própria esposa. A esse respeito tinha ele ideias bem claras, mais de uma vez expressas com uma franqueza que não admitia a menor dúvida.

A única feliz, porque considerava pouco duráveis as resistências da filha solteira, era dona Flaminia, que ignorava o quanto a sua impaciência de lhe achar noivo concorrera, com a sua imprudência em preconizar constantemente no seio da família a vida ruidosa como preferível à placidez doméstica, para colocar todos os seus sobre uma cratera cuja existência ela nem ao menos suspeitava, mas que cedo ou tarde havia de erupção medonha.

Entretanto, o duque continuava a dar saraus em companhia de sua “pérola”, e o capitão de lanceiros ia levantando novos troféus à sua glória de conquistador, para se consolar das dificuldades que encontrava em colher o apetecido pomo de origem transatlântica.

Tais eram os elementos constitutivos dos quadros que tentaremos descrever para rematar a nossa histórica narrativa.

XIII
O LIBERTO



...que tormento!
 Ter... preso o coração,
 E abafar o seu livre pensamento!
 Não se poderá gabar.

SOUSA VITERBO, *Harmonias fantásticas;*
*A morte do escravo.*¹⁶

Dissemos no começo desta narrativa, que Fernando era servido por um homem de sangue africano, e bastante hábil cozinheiro. Convém lançar um raio de luz sobre essa humilde existência, toda votada ao dever e à lei moral.

Natural dos sertões do Ceará, fora esse homem vendido, ainda na idade de três anos e meio, a uma certa Eulália, senhora rica da cidade d'Areia, onde estudou Fernando a música, as primeiras letras e o latim sob a direção do célebre Manoel de Cristo, então no auge da sua fama. Como morava este parede em meio com a nova senhora do escravinho, tinha o estudante repetidas ocasiões de aquilatar o mau tratamento que cabia por sorte ao infeliz, sobre quem, desde que transpôs a idade de oito a dez anos, começou a recair boa parte do serviço da casa. Chamavam-no Azamor, nome de um cão velho que morrera dias antes da chegada do pretinho à Areia, onde se dizia que a mãe deste acabava de falecer em consequência de um bárbaro castigo.

16 *Harmonias fantásticas*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1875, p. 136.

Posto que não fossem excepcionais estas circunstâncias na história da escravatura, contudo nada mais natural do que a compaixão que não tardou em despertar a sorte do órfão no ânimo de Fernando, cuja idade não diferia muito da dele, e cuja sensibilidade sobrelevava a todas as outras notas do seu caráter.

Vestido de uma simples camisa de algodão, tão tismada e sórdida que parecia uma dessas túnicas alcatroadas com que os marinheiros se cobrem durante as tempestades, porém muito mais unta e luzida, passava Azamor o dia a limpar a casa e o quintal, a tratar dos porcos que se cevavam para as ocasiões de festas, a cortar a grossa lenha em pequenas achas para a cozinha, a carregar água para o banho das crianças e mais usos da família, e finalmente a arear os talheres para a mesa. Tudo sob a inspeção da cozinheira, africana autoritária e cruel, que não perdia ensejo de exercer sobre ele a prepotência de todos os subalternos aviltados pela consciência de nada valerem.

Ora, teria o crioulinho doze anos de idade, quando veio dona Eulália a dar por falta de umas colheres de prata, que herdara dos pais; sem que a ninguém senão a Azamor, então copeiro da casa, se pudesse acusar de furto com iguais aparências de justiça. Quis a fatalidade que esse fato coincidisse com o aparecimento de uns vinténs nas mãos do rapaz, o qual em vão declarou reiteradamente, chorando e gritando, que aquele dinheiro lho havia confiado o estudante da casa vizinha, com pedido de lhe trazer um corupião quando fosse à floresta buscar lenha.

Sem mais averiguações foi Azamor castigado, e tão barbaramente, que da aula de latim, onde estava dando lição, o discípulo de Manoel de Cristo ouvira distintamente os gritos dele por espaço de uma boa meia hora.

Quando Fernando soube que concorrera, bem que indiretamente, para aquela injustiça atroz, sentiu como empenhado o seu pundonor, e não teve a tal respeito outro pensamento senão o de inquirir do fato relativo ao desaparecimento das colheres,

as quais, graças às pesquisas por ele sugeridas, foram afinal encontradas no curral dos porcos, marcadas por colmilhos destes, e cobertas por húmus resultante dos restos da mesa que para ali se atiravam.

Não se cifrou nisso a generosa energia do estudante, que conhecia bem a probidade do escravo; e antes, continuando a presenciar com íntimo confrangimento as violências de que constantemente era vítima aquele infeliz, concebeu a ideia de o libertar, e nesse intuito foi economizando o quanto podia da pensão que lhe dava a família para estudar, até o momento em que uma dolorosa circunstância veio apressar a realização daquela obra de misericórdia.

Como várias outras pessoas da cidade, acabava Azamor de ser acometido de bexiga maligna, e o curandeiro chamado para tratar dele declarava que o caso era desesperado. Nesta conjuntura, desejava dona Eulália ver-se livre do pestífero, fosse por qual sacrifício fosse, ao passo que ninguém o queria hospedar em semelhante estado. Sabendo disso, mandou Fernando oferecer-lhe cem mil réis pela carta de alforria do doente, o qual foi imediatamente posto em uma rede, e levado à palhoça de uma parda velha e caridosa conhecida pela graciosa antonomásia de *Craveiro*, a quem tempos antes Manoel de Cristo havia confiado, mediante modesta remuneração, mais de um escravo acometido de enfermidade contagiosa.

Ninguém poderia descrever a alegria do pobre Azamor quando, convalescendo da terrível moléstia, soube que com esta cessara para ele o cativeiro. O reconhecimento que esse fato radicou-lhe no coração foi tão grande, que jamais quis o liberto se apartar do seu benfeitor, acompanhando-o, servindo-o com a maior dedicação, e nem por hipótese admitindo a possibilidade de separar-se daquele que lhe havia feito provar e saborear as inefáveis alegrias da liberdade, e que no Rio de Janeiro mais de

uma vez, em conjunturas difíceis, não duvidou consultar o seu humilíssimo juízo.

Inteligente e perspicaz, pressentira, desde os primeiros agastamentos da esposa de Fernando, toda a extensão do mal que ameaçava envenenar para sempre a existência do amado amo. E quando este procurando ocultar aos estranhos as aflições que o consumiam, tecia panegíricos às virtudes de Helena, ele o contemplava tristemente sem quase poder abafar no seu peito os sentimentos despertados pela deplorável desarmonia.

Mas quem era ele para tentar opor-se aos progressos de tamanho infortúnio, ou somente manifestar a sua mágoa perante tão doloroso espetáculo? Apenas ousava redobrar de afabilidade para com Mário e Armida, multiplicando ao mesmo tempo o seu desvelo no serviço daquela casa, outrora berço de amor e concórdia.

Uma vez atribuindo a exigências pecuniárias de Helena as desavenças que começavam a repetir-se entre os consortes, aproveitou a primeira oportunidade para declarar a Fernando que renunciava à pequena paga que recebia mensalmente pelos seus serviços. E como o amo lhe respondesse que longe de a suprimir tencionava ao contrário aumentá-la, ele tornou para a cozinha com os olhos arrasados em lágrimas, e perdido num abismo de suposições cada qual mais inexplicável.

Tais eram os sentimentos do pobre manumisso enquanto se achava na sua pátria, se é que também existe uma pátria para os homens marcados com o ferrete da escravidão. Uma vez, porém, no país alheio, onde a ignorância da língua nacional e a estranheza dos costumes o forçavam a concentrar a mente na observação dos fatos que se sucediam sob o teto protetor, a mudez se lhe tornou insuportável: era necessário desabafar. A humildade da sua posição aí estava, é verdade, como um obstáculo às nobres aspirações do seu ânimo, a impossibilidade de se exprimir no idioma da terra como uma invencível barreira à comunicação das suas ideias, e o

receio de incorrer em alguma falta resultante da própria natureza intelectual, como uma objeção constante às justas expansões do seu coração de amigo.

Dessa luta cruel de sentimentos tão opostos saíram espontâneos os protestos da consciência. Um dia em que o conde de Perlines tentou fazê-lo mensageiro do seu amor, pondo-lhe nas mãos uma carta destinada para Helena, e uma moeda de ouro a título de remuneração do infamante serviço que lhe pedia, ele recuou indignado, e mostrando-lhe uma faca de trinchante que trazia sob o avental, disse-lhe estas palavras significativas:

– Olha, *Monsiú*, Nhonhô *bon*, Nanhã *bonne*, mas Azamor *non bon*. Se *Munsiú* duvida, Azamor mostra que sabe *couper viande!*

Outra vez, percebendo que uma das criadas de Helena deixara-se corromper para o mesmo fim, aproveitou o primeiro ensejo e disse confidencialmente à sua ama:

– Nanhã, esta *madamioselle* não é digna de estar em casa de gente boa, não; esteve ontem a falar mal de todas as minhas senhoras. E quando Nhô Fernando saiu pra ver a experiência do balão Nadar*, ela pôs na cabeça um guardanapo com duas pontas fingindo dois chifres. Se eu fosse Nanhã mandava ela embora.

Perguntando-lhe então Helena se era verdade que ele ameaçara com uma faca o capitão de lanceiros, o liberto respondeu-lhe:

– Foi tão verdade como há de ser todas as vezes que algum estrangeiro acreditar que uma brasileira, como minha senhora, é capaz de desonrar o seu nome. – Ironia involuntária, que não podia deixar de impressionar a fluminense.

Esse desejo de desviar dos queridos amos a espada de ¹⁷Dâmocles*, que pendia ameaçadora sobre a cabeça de ambos, não deixou de lhe custar grandes desaires. Com efeito, habituados à dissolução dos costumes na grande capital, os companheiros

17 No original consta “espada de vvff”, claro descuido tipográfico. Optamos, então, deixar em seu lugar espada de Dâmocles, expressão muito comum à época.

de serviço revoltaram-se contra o que eles apelidavam “infame espionagem”, e conspiraram contra a importuna sentinela. Foi necessária a imparcialidade, ou antes a energia de Fernando – a quem, entretanto, ele nada havia revelado – para que, continuando a servi-lo, também pudesse continuar a velar, como uma atalaia perene, sobre a reputação daquele lar, que o bom fâmulos, semelhante a Tirteu* no primeiro dia do comando, não sabia se defendesse com o ferro ou com as harmonias de sua alma.

Vendo aproximar-se a noite do baile de beneficência, o liberto estava inquieto, assustado, como se pressentisse um inevitável desastre. Dar-se-ia que um mau sonho agitava-lhe o espírito, e um mau espírito apoderara-se-lhe dos membros. Sem saber por quê, girava pelos aposentos, saía de uma sala, entrava em outra, abria inutilmente uma porta, fechava uma janela, voltava uma e mais vezes no lugar que ocupava de costume, sem fim, sem consciência do que fazia. E olhando de quando em quando para seus prezados amos com uma melancolia tão veemente, que Fernando não pode deixar de lhe perguntar o que queria aquilo dizer.

– Ah, meu senhor da minha alma! – disse-lhe, pondo as mãos sobre o peito como André Chenier* sobre a fronte –, a gente faria melhor de nunca ter vindo a este país...

– Então por quê?

– Porque na nossa terra sempre se estaria mais tranquilo.

– Pois brevemente lá estaremos.

– Quem me dera que fosse antes de anoitecer! – concluiu Azamor, suspirando profundamente.

Esta última resposta e este suspiro não deixaram de abalar a sensibilidade de Fernando, e antes o fizeram crer que o liberto, fosse por qual meio fosse, sabia da última carta que lhe dirigira a senhora de Rosières. Para o tranquilizar e ao mesmo tempo lavar-se da nódoa que lhe afetava a consciência, mandou-o esperar pela

seguinte resposta, que foi traduzindo audivelmente em português à medida que escrevia:

Senhora Duquesa,

Recebi o bilhete em que me diz que não irá ao baile desta noite, por contar comigo em seu castelo depois das 11 horas. Não sei como lhe agradeça essa prova de generosa confiança em mim, nem como lhe peça desculpa por não poder aceitar o seu delicioso convite. O senhor Duque foi o próprio que me pôs na impossibilidade de lhe obedecer, pedindo-me esta manhã para o acompanhar nos salões até a hora em que se retirar, o que provavelmente não há de ultrapassar muito a primeira ou segunda madrugada. Prometendo, antes de receber o graciosíssimo bilhete a que respondo, aceder ao desejo do meu velho amigo, vejo-me obrigado a recusar o mais generoso dos favores de que *jamais se crerá digno*, Senhora Duquesa,

o seu respeitoso criado

F.

Paris, 13 de março de 18..

– Procura entregar à senhora duquesa de Rosières, e com todo o segredo, esta carta, a qual lhe anunciará que a noite de hoje há de ser tranquila para a minha consciência, se não o for para a consciência dela – concluiu Fernando, cuidando ter calçado as apreensões de Azamor, quando na realidade não tinha feito mais do que revelar-lhe um segredo que ele ignorava, e dar-lhe uma nova prova da pureza do próprio coração.

– Estas fidalgas cá da Europa não têm vergonha, não!
– murmurou o criado, pegando na carta e pondo-a no bolso interno do libré.

XIV
MÁSCARA VERDE



C'est alors que l'inevitable catastrophe qu'elle
couve depuis quelque temps brise sa coquille, et
que le jeune premier en sort la bouche en coeur
et le jarret en avant, pour doubler le premier role.¹⁸

A. DUMAS FILHO. *L'homme-femme*.

Quién puso en tu pensamiento
Tan villana aberracion?
Quién puso em tu corazon
Tan torpe consentimiento?¹⁹

JOSÉ ZORRILLA, *El montero de Espinosa*.

Eram mais de quarenta as câmaras e salões que compunham a vasta *galeria de festas dos Filhos de Apolo*, galeria superposta às salas de jogo, de esgrima, de ginástica, ao manejo ou picadeiro, à habitação dos criados e zeladores do palácio, e enfim a outros cômodos térreos deste, cujos fundos abriam-se para uma vasta estufa cheia de plantas orientais e de flores lindíssimas, que formava

18 É então que rompe o invólucro a inevitável catástrofe, cujo ovo a mulher tem andado a chocar até ali. Entra o galã, perna afiambrada e fazendo boquinha, pra suprir o papel do protagonista. A. DUMAS FILHO. *O homem-mulher*, 24 ed.. Paris: Michel Lévy Frères, 1872, p. 82.

19 Quem pôs em teu pensamento / Tão vilã aberração?/ Quem pôs em teu coração / Tão torpe consentimento? JOSÉ ZORRILLA, O monteiro de Espinoza. *Obras de D. José Zorrilla*. Paris: Baudry, Librería Europea, 1847, tomo primeiro, p. 434.

com as salas franqueadas aos sócios e convidados um ambiente de sessenta peças pomposamente adornadas, e dispostas em direções que se cruzavam segundo as naves principais do suntuoso edifício.

De modo que nada mais difícil do que encontrar-se intencionalmente uma pessoa com outra de quem, nas horas de afluência, se houvesse apartado; particularidade comum na Europa aos aposentos destinados aos serões da aristocracia, e por isso mesmo preciosa para quem aí busca furtar-se a alguma indiscreta vigilância.

Isto posto, prossigamos na nossa narrativa. Havia cerca de quarenta e cinco minutos que os esposos brasileiros se tinham avistado pela última vez no baile mascarado, quando De Labriosche, vestido de casaca e encontrando-se com Fernando, que trajava do mesmo modo, diz-lhe que Azamor desejava muito falar a seu amo à entrada dos aposentos térreos.

Crendo em uma nova missiva da duquesa, mas principalmente receando alguma má notícia acerca da saúde de dona Flamínia, que um quase extinto resfriamento retinha em casa, desceu o brasileiro a escadaria em busca do saguão, onde estavam os criados das pessoas que haviam concorrido para aquela festa filantrópica.

– Meu senhor – disse-lhe comovido o liberto, cujos olhos reluziam como duas chispas de fogo na escuridão da cara – deixe Nhanhã por um momento e vá livrar dona Laura, que acaba de ser roubada pelo conde de Perlins!...

– Como – interrompeu Fernando – o conde de Perlins seria capaz disto?! É impossível! Pois Laura não está aqui no baile?!

– Não está, não senhor, foi para a casa de madama Jasmim, a modista. Eu a vi sair com a máscara verde e o dominó que veio hoje, e entrar com ele na carruagem. Se seu Brioche sabe disto!...

– E quem te disse que foram para a casa da modista?

– Desde ontem, meu senhor, que rola um mistério entre a criada de Nhanhã e aquela costureirinha dos cabelos vermelhos... sabe? Eu não falo francês mas entendo tudo.

– E por que não me avisaste a tempo? – disse Fernando com veemência.

– Porque sempre duvidei que sinhá dona Laura acreditasse naquele perverso. Mas não perca tempo, meu senhor, a casa de madama Jasmim é um lugar de perdição, aonde vai gente de toda a qualidade – continuou Azamor, fazendo ademanos expressivos de uma extrema desesperação.

– Pois sobe na carruagem, e vai já avisar à minha sogra – disse-lhe Fernando; – que eu vou tomar o sobretudo, e daqui a pouco estarei em casa da modista, onde te espero com brevidade. Vai depressa!

Sem saber com qual fim, porém guiado por uma instintiva dúvida, galgou de novo as escadas. E antes de pedir no guarda-roupa a sua capa d'inverno, enfiou pelos salões como a procura de alguma prova de que sua cunhada não se esquivara do baile.

Era empresa difícil, se não impossível, ter certeza de semelhante fato no meio do extraordinário concurso de gente, em grande parte mascarada, que enchia os salões do palácio; e já sua alma flutuava em um oceano de dúvidas e hesitações, quando vem a passar-lhe pela frente, sem máscara e radiante de alegria, Laura ao braço do noivo, o senhor De Labriosche.

Um trêmido repentino alterou tão profundamente a fisionomia de Fernando, que um e outro não puderam deixar de lhe perguntar sorrindo-se, se a presença deles o havia assustado.

– Pelo contrário: folgo sempre muitíssimo de os ver juntos e alegres – respondeu-lhes o Provinciano, querendo encobrir a perturbação. – Mas... viram a minha mulher?

– Estava a pouco na sala das camélias – respondeu-lhe Laura.

– Com o conde de Perlines – acrescentou o noivo.

– Não, que Helena trouxe máscara cor-de-rosa, e a dama que estava com o conde tinha-a verde – tornou a moça com singeleza.

– Como – retorquiu De Labriosche – se eu próprio a vi atar ao rosto uma máscara cor da esperança?

Semelhante a uma bala mortífera, esta última frase vibrou na alma do brasileiro, o qual não pode deixar de perguntar a Laura onde estava a máscara dela.

Visivelmente confusa, a moça mediu num instante toda a gravidade de uma situação que ela poucos momentos antes ignorava, e titubeou antes de responder, que a havia atirado pela janela; sem refletir que, em consequência do frio que fazia, não era provável àquela hora nenhuma janela aberta.

– Sim, sim, estava amarrotada – ajuntou De Labriosche, compreendendo a seu turno o quanto houvera imprudente e revelador na parva insistência de um homem como ele – que sempre passou por espirituoso e arguto – a respeito da cor de um simples pedaço de cetim.

Com uma ansiedade cada vez mais pungente, e um milhão de suposições cada qual mais atroz, pediu Fernando na vestiaria a capa e a manta de inverno, desceu as escadas, entrou na primeira sege vazia que encontrou, e dirigiu-se a toda a pressa para a casa da modista, cuja situação conhecia pelas relações de devedor para credor, que tinha com essa legisladora do feminino vestuário, a qual ele estava longe de crer uma infame exploradora de clandestinos amores.

Apenas parou o carro em que ia, abriu-se devagar a porta desta, e uma criada faceiramente vestida, confundindo Fernando com outro cavalheiro ali esperado àquela hora, murmurou-lhe misteriosamente:

– Já aí está; entre e suba ao primeiro andar, que eu o acompanho...

– Aí está quem? – perguntou rápido o brasileiro, imaginando que, acaso, já ali havia chegado dona Flaminia.

– A senhora marquesa de Fourvières. O senhor não vem para ela?

A marquesa de Fourvières era amiga íntima da duquesa, e uma das mais graves e respeitáveis senhoras do conhecimento de Helena. Sua severidade em matéria de moral pública e privada era tal, que Fernando considerava como a castidade personificada, e um exemplo vivo e salutar para sua mulher, em companhia de quem queria sempre vê-la.

– Não – respondeu ele –, eu procuro o conde de Perlins.

– Senhor, o conde não... não está aí.

– Está, que eu o sei! – tornou Fernando apressadamente.

A criada tartamudeou; depois lhe disse mordendo o avental e retorcendo os dedos:

– Se quiser eu vou chamar a dona da casa...; ela é quem sabe.

– Nada! O que eu quero é ver o conde de Perlins, já e já, onde quer que ele esteja!

Aqui a voz do desconhecido assumiu uma expressão de cólera, que não deixava esperança a subterfúgios.

– Eu mesmo nem sei se ele aí está – continuou a rapariga levantando a voz como para chamar a atenção de alguém.

– Silêncio! – respondeu-lhe o estrangeiro lançando-lhe as mãos à garganta. – Ou me dizes onde está esse infame, ou mato-te já como quem mata uma cobra!

A mulher pôs-se a tremer, e ainda que quisesse não poderia falar. Subiu pálida e ofegante até o primeiro andar, e fazendo um momo expressivo de quem resfolegava depois de uma opressão violentíssima, apontou para a porta mais próxima, junto à qual estava no soalho uma luva cor de creme, que o brasileiro apanhou e creu reconhecer.

Ele próprio a havia comprado no dia antecedente. Número, tamanho, cor, perfume tudo lhe delatava a possuidora daquele objeto, que confirmava todas as suas suposições temerárias!

– Senhor conde – disse Fernando em voz clara e batendo na porta, – abra, que o americano amigo do duque de Rosières quer lhe falar!

Um quase imperceptível sussurro, sucedido de um silêncio absoluto foi a resposta que tiveram estas palavras.

– Abra, senhor conde, ou então ponho a porta dentro! – rugiu o brasileiro.

Novo sussurro e novo silêncio.

Torturado por uma ideia insuportável, a ideia de ser vilmente enganado pela mulher a quem adorava; devorado de ciúme, com o coração esmagado por um cúmulo de sentimentos terríveis, e a alma lacerada por um milhão de pensamentos que se lhe sucediam no cérebro com vertiginosa rapidez; e, sobretudo, tendo diante dos olhos a desonra de seu nome, que ele defendera durante tantos anos com uma constância e um heroísmo de que outro, de certo, não fora capaz, havia o infeliz recuado cerca de dois passos, como para lançar-se sobre a porta e arrombá-la, quando o arruído de uma carruagem que parara, e logo depois diversas vozes, fizeram-no suspender o ímpeto do corpo, e escutar anelante.

Era, de um lado, dona Flamínia, que entrava acompanhada de Azamor, do outro a marquesa de Fourvières, que, assustada com aquele inopinado sucesso, preferira chamar pela dona da casa, gritando-lhe de dentro do quarto, onde se achava sem poder sair, que pelo amor de Deus lhe abrissem a porta.

– Chega a tempo – disse Fernando para a sogra –, a onça está na furna, e são necessários muitos caçadores...

– Meu Deus – exclamou dona Flamínia, – será verdade? É mesmo Laura?

– Tranquelize-se – respondeu-lhe Fernando com ar de irônica satisfação –, é a irmã dela. Aqui está a luva que lhe comprei ontem.

– Pelo amor de Deus – murmurou a seu turno a modista –; não arruíne a minha casa! Não grite!

– Cala-te, coisa vil! – respondeu-lhe Fernando. – E depois, dirigindo-se a Azamor: – Arromba-me esta porta! – disse-lhe.

Acabava apenas de ser esta frase pronunciada, que já o ombro do liberto havia penetrado na câmara, desvendando aos olhos de todos um espetáculo digno do realismo romântico parisiense. Uma cama revolta, duas luzes em cima de uma mesa e ao lado de um chapéu e de umas garrafas de champanhe, um homem em desalinho com um punhal na mão e em atitude ameaçadora; fitas e roupas sobre as cadeiras, estas em desordem; no fundo do quarto, meia oculta pelos cortinados do leito, uma mulher antes enrolada do que vestida em roupas tálares de cetim cor de creme, e cobrindo com as duas mãos a máscara que tinha sobre o rosto, como se esta lhe não bastasse para esconder as contrações causadas pela vergonha e pelo medo, tal foi o quadro que se desdobrou aos olhos de Fernando e de quantos o acompanhavam.

– Senhor – disse o conde ao brasileiro –, respeite a casa alheia; recue, ou eu o varo com esta arma!

Azamor estivera calado até então; porém a ameaça proferida contra seu amo, arrancou-lhe dos lábios uma nota curta seguida de um movimento tão rápido do corpo, que ninguém seria capaz de o definir se não visse o conde cair de costas, e o vulto do liberto erguer-se de cima dele a coçar a testa.

Não há arma tão pronta como seja a cabeça humana tangida com a arte do capoeira. Em menos de um segundo o capitão de lanceiros estava desarmado, e sem fala! A pancada havia-lhe feito provar ao estômago um achatamento tão repentino, que uma enorme golfada de champanhe, rebentando-lhe da garganta com um resto de quimo, espargiu-lhe a face, e o peito da camisa.

Naquela postura, com a expressão que a cabeçada derramou-lhe na cara, e meio despido como estava, não parecia mais o conquistador de corações que nos saraus da mágica cidade

dava quinaus de elegância a seus rivais de amores, e ainda menos o ideal das senhoras aborrecidas do prosaísmo conjugal: era simplesmente um bêbado ou um epilético coberto de vômito, e estrebuchando nas mãos de um homem que ele em qualquer outra situação teria certamente desprezado do fundo d'alma.

– Nhô Fernando – murmurou baixinho Azamor –, deixe eu acabar com ele...

– Não mates este miserável, mas vê que não se erga – respondeu-lhe o amo.

– Meu Deus, matai-me! – exclamou a mulher do dominó, caindo desmaiada no pavimento do quarto, enquanto Fernando precipitava-se sobre ela e arrancar-lhe a máscara.

– Ei-la – disse amarga e solenemente o esposo de Helena, olhando fito para dona Flamínia – eis a sua honrada filha, a frequentadora inocente dessas inocentíssimas festas, que a senhora põe nas nuvens como um complemento indispensável à felicidade da gente de bem. Eis a esposa casta e pura, que, não contente de receber incensos nos sagrados tempos do cotilhão, vem agora rezar em companhia deste serafim (apontando para o conde) neste templo de vestais (mostrando com um gesto a casa e a cama em desordem).

– Pelo amor de Deus, não fale assim! Não vê como ela está mal?! – exclamou dona Flamínia.

– Não se inquiete – respondeu-lhe o genro serenamente: – são êxtases de amor!

– Pelo santo nome de Jesus! – tornou a senhora com ar suplicante.

– Nunca ouvi invocar tantas vezes o nome de Deus quanto tenho ouvido hoje neste lupanar!

– Que crueldade! Ela é capaz de morrer ouvindo estes epítetos – disse ainda a mãe de Helena, pondo-se de joelhos e abraçando a filha.

– E que importa ao mundo a vida de uma prostituta?! Para mim, para meus filhos, para o nome que eu lhe dei, para sua irmã, para a reputação da nossa pátria entre os franceses, e até para ela própria, fora mil vezes melhor que morresse agora!...

Fernando quis continuar, mas não pode. De repente, a voz prendeu-se-lhe à garganta, a língua secou-lhe na boca, e os pulmões recusaram-se a obedecer à vontade, para arfarem sob a influência exclusiva da comoção moral. Os lábios tremiam-lhe sem articular palavra, e ele olhava em torno como tresvariado, parecendo quase maravilhado quando seus olhos encontravam a figura negra de Azamor com um joelho sobre o estômago e outro sobre a garganta do conde.

Evitava contemplar Helena, como se temesse abismar-se num orco de dor e vergonha. E quando ela recobrando os sentidos volveu-lhe os olhos e quis lhe falar, ele só pode responder-lhe com um gesto e um grito de horror. Depois voltou às costas àquele monstruoso conjunto de pessoas e objetos que testemunhavam tão terrivelmente a sua desonra. E enquanto o liberto aplicava as palmas das mãos nas faces do capitão de lanceiros, desceu rapidamente as escadas e desapareceu para o lado da rua.

XV
DESFECHO



L'uomo che periva assorto,
E qual nocchiero in mezzo
A un pélago indefel...²⁰

C. NAMERCIO.

Do está la paz que el hombre busca em vano?
Do se oculta el placer, donde el contento?
Dicha!... Placer!... Sarcasmo, vano acento
Com que se engaña, el misero mortal.²¹

JOSÉ A. MAITIN; *El sereno*.

Cerca de uma hora depois da partida de Fernando daquela casa maldita, as três brasileiras regressavam com o liberto para a própria residência.

Chegaram assustadíssimas, principalmente Helena e dona Flamínia, as quais dirigiram-se logo para o gabinete onde costumava Fernando escrever, ler e passar suas noites piores.

Animada pela mãe, ia pronta a culpada para se prostrar perante o esposo desonrado, protestando-lhe o mais profundo

20 O homem que parece absorto / Igual ao timoneiro em meio / a um abismo... C. NAMERCIO.

21 Onde está a paz que o homem busca em vão?/ Onde se oculta o prazer, onde o contentamento? / Felicidade!...Prazer! Vão acento / Com que se engana, o misero mortal! JOSÉ A. MAITIN. *O sereno*.

arrependimento junto à firme resolução de renunciar para sempre a todas as distrações contrárias aos gostos dele. E com a promessa solene de consagrar-se exclusivamente daí por diante à restauração do poema do consórcio, cujas páginas a inexperiência fizera-a rasgar em um momento de síncope moral, mas cuja sublimidade acabava de lhe ser demonstrada pela hediondez do delito, que ela fora levada a consumir por conselho de depravadas amigas, e pela incessante perseguição de um sedutor maldito.

Levava o coração palpitante de susto, a língua trêmula de comoção, o semblante pálido de medo, e as lágrimas geladas pela vergonha e pela dor.

Ao aproximar-se à câmara onde esperava encontrar o ludibriado consorte sentiu-se como esmagada pela humilhação, e quis recuar, porém as forças lhe faleceram, os joelhos vergaram, e para não cair agarrou-se à ombreira da porta e ao braço de dona Flamínia, a qual, apesar de ter piorado repentinamente do incômodo que a retivera em seus aposentos durante alguns dias não cessava de insuflar-lhe coragem, repetindo-lhe que tudo se podia esperar da magnanimidade do genro.

Ah, por certo, a mulher apanhada em flagrante delito de lesa fidelidade é um ser bem desgraçado! Expulsa dos plácidos vergéis da estima de si mesma, não lhe permite Deus que leve em seu exílio, como a esposa do primeiro homem, as consolações do seu companheiro de infortúnio, mas somente o ferrete da desonra, e com ele as maldições e o desprezo do próprio ente a quem se ligou por amor, e em cuja presença jamais poderá figurar senão como o criminoso diante do seu juiz. O mais generoso perdão será incapaz de obliterar-lhe nas faces a nódoa da desonra, nem calar-lhe na alma a voz terrível do remorso.

O homem, porém, do qual esperava Helena esse perdão não estava no seu quarto, e ninguém em casa o tinha visto entrar, o que, aliás, mais de uma vez acontecera. Com uma impaciência mesclada de temor velou a adúltera até a manhã seguinte, na esperança de

o ver regressar menos abalado do que quando desceu as escadas da senhora Jasmim. O dia, entretanto, passou-se longo e tedioso, sem lhe trazer nenhum alívio ao coração, cada vez mais angustiado pela crescente suspeita de alguma resolução sinistra do marido.

Teria este abandonado provisoriamente o próprio lar em busca de momentânea serenidade? Fora derramar no peito dos filhinhos, em eloquentes suspiros, parte da dor que o acabrunhava? Ausentara-se de Paris repentinamente para se esquivar à vergonha que o cobrira de ridículo? Ou buscara no suicídio abafar o pranto de sua alma?

Todas estas suposições acompanhadas de hipóteses contrárias, e receios de toda a espécie, determinaram dona Flaminia a mandar indagar, por onde lhe pareceu melhor, a respeito do destino que tivera o infeliz esposo de sua filha depois daquela noite terrível.

As mais minuciosas pesquisas não lhe deram o menor resultado, e antes começavam a persuadi-la da necessidade de comunicar à polícia os receios de toda a família, quando um agente da ordem pública veio lhe declarar que o brasileiro acabava de ser recolhido a uma das prisões preventivas da grande cidade.

– E por qual razão, meu Deus?! – exclamou consternada a mãe de Helena, em cujo conceito só o assassinato do conde poderia arrastar Fernando a tamanha desgraça.

O guarda não lhe soube responder. O que sabia era que a presença dos parentes do estrangeiro urgia na prefeitura de polícia, onde, aliás, já havia comparecido a senhora Jasmim, de quem souberam da morada dele.

A verdade, porém, era que, em saindo da casa da modista, o desditoso marido tinha-se dirigido a pé ao liceu onde estudava Mário, e que se achando fechado e não obstante a neve que começara a cair, dirigiu-se, igualmente a pé, ao *Sacré Couer*, aonde chegou pela manhã, pedindo logo para ver sua filha Armida, que lhe foi apresentada depois de alguma demora.

Apenas avistou a menina irrompeu em tal pranto, e pôs-se a abraçá-la com tamanha efusão, que os empregados do instituto não puderam deixar de comentar entre si aquele fato significativo.

Caminhando novamente para onde estava Mário, foi seguido por um policial a quem impressionara o semblante exaltado do estrangeiro, cujo trajar aprimorado e cujos sapatos completamente tintos de lama atraíam a atenção dos transeuntes.

Como de entre estes parasse um, que o conhecia de vista, e se pusesse a mirá-lo maravilhado, ele também parou e lhe perguntou “se era a primeira vez que um desgraçado atravessava as ruas de Paris.” Foi então que o policial julgou dever convidá-lo urbanamente para “descansar” na estação de que dependia, e da qual não tardou o desconhecido em ser mandado para o depósito especial, onde estava à disposição dos parentes.

– Ah, és tu Lídia – disse ele serenamente, levantando-se do catre e olhando para Helena, que avistara sem reconhecer à porta da cela, acompanhada de Laura e Azamor –, és tu que me vens consolar no ecúleo do meu tormento, e vazar-me no coração o bálsamo da esperança?... Assenta-te a meu lado, e ensina-me a resignação e o esquecimento. Dize-me antes, porém: ainda te lembras do estudante atarefado a quem mandavas ramalhetes de lírios e açucenas, para distraí-lo das áridas meditações em que procurava a incógnita do problema da existência? Sabes qual é essa incógnita? É um zero enorme! Mil vezes preferira hoje um beijo teu dado com amor, a todas as bibliotecas do mundo, e a toda essa ridícula ciência humana que eu buscava com tanto afã.

– Vem, esplêndida Corália, mulher clássica e formosa, que me prometias um mundo de ventura, enquanto eu te desprezava, crendo poder encontrar na terra o ideal dos meus sonhos; vem explicar-me a oportunidade da poesia na mente dos seres destinados à luta material e ao prosaísmo da vida positiva...

– E tu graciosa Julieta, símbolo da candura e da bondade, que imprimiste na minha alma a primeira ideia do afeto

desinteressado e platônico, por que receias desiludir-me? Não sabes que já fugiram de mim as miragens da credulidade e os enganos da puerícia? Fala-me antes de ti mesma, e explica-me: como enrugou-se a tua face, e murcharam as rosas dos teus seios em tão curto lapso de tempo? Que fizeste tu para vergares tão cedo sob o véu da decrepitude que ora flutua em torno dos teus membros, ameaçando esconder-te para sempre sob os brancos fios de sua trama?

– E tu também, meiga Cesarina, cúmplice dos meus primeiros crimes de lesa castidade, tu, que me ensinaste a deificar a matéria durante os teus arroubos de poesia concreta, ensina-me agora a suportar a estreita túnica em que a natureza colocou o meu espírito indomável. Não me compreendes, filha diletta do mistério e da melancolia, que me banhasse a alma nos lagos da volúpia e do amor, e voltas hoje coroada dos mirtos do monastério para que eu me recorde da minha ingratidão? Perdoa-me e deixa-me imprimir nos teus lábios o selo do meu arrependimento. Eras tu, de certo, a mulher talhada por Deus para minha esposa, e que eu desdenhei por aquela que tinha de esmagar-me aborrecida de me ver durante anos e anos ajoelhado a seus pés. E se no misticismo dos claustros também cabem as satisfações da vingança, vai dizer às tuas companheiras de soledade que és hoje a mais feliz de entre as mulheres.

– Ah, esquecia-me de ti, contemplativa Amanda, inefável conjunto de misticismo e poesia, no qual se abismou minha alma no dia em que sobre ele caiu a pedra do túmulo! Porque não chegaste mais cedo? Iniciada nos mistérios da eternidade, ter-me-ias explicado o problema da minha existência e a utilidade do meu sofrimento; ter-me-ias dito por qual razão a minha primeira impressão neste mundo foi uma dor, e minhas primeiras ilusões, e minhas primeiras esperanças o prelúdio de decepções amargas; porque nasci eu em um ponto determinado do Globo e numa época particular da duração infinita; porque num átomo tão miserável

colocou a natureza um espírito tão ávido, e o dotou de uma curiosidade tão profunda quanto é nele absoluta a impossibilidade de a satisfazer?

– Eu sinto dentro de mim uma sede imensa a requeimar-me o peito, e vejo desdobrar-se ante os meus olhos um ilimitado lago de néctar: entretanto não posso exaurir uma só gota desse enorme tártaro que me circunda... Por que colocou-me Deus nos lábios os lábios do vulcão, se eu tinha de viver rodeado das neves polares? Contemplando as magnificências da criação minha alma sente-se arrebatada de pasmo, e todo o meu ser de profundíssimo amor: por que não deu Ele à natureza inteligência para me compreender e coração para me amar? Por que não tenho eu milhões de sentidos para perceber as coisas, e milhões de braços para as arrebatara ao tempo que as produz e consome? Por que não fui gerado grande como o espaço, durável como a eternidade, e imenso como as aspirações do meu espírito? Eu amo o que passou, o que é, e o que há de ser: para que não me foi concedida a possibilidade de abranger em mim esses três segmentos da realidade? E ainda, na pequenina porção de fenômenos dos quais sou contemporâneo, por que não me permitiu o Autor das coisas abraçar os globos que avisto à noite, e contar minhas mágoas aos seres inteligentes e sensíveis que porventura os povoam?

– Quem teve o direito de impor limites à grandeza do meu espírito e indiferença à imensa ternura do meu coração? Eu amo tudo quanto tem uma existência conforme à felicidade a que aspiro, e quero assimilar-me tudo quanto se manifesta como amável aos meus poucos órgãos de percepção; porque admirando, amando e querendo com tanto entusiasmo e tanto ardor, não possuo eu também a força de incorporar ao meu ser tudo quanto me causa admiração, amor e desejo? Que crime cometi eu para ser um desterrado no meio da pátria universal, e um precito no meio dos fatos de que sou vítima? Diante do universo que se ri da minha pequenez, eu quisera ser um ambiente para contê-lo,

e um só peito imenso para abrigá-lo. E, entretanto, não passo de um ser ambicioso e ridículo, isto é, de um grande desgraçado!... Obrigado a encerrar o incomensurável das minhas aspirações em uma porção insignificante da extensão material, eu tinha ao menos o direito de amar a todas as mulheres que existiram e a todas as que hão de existir, sem encontrar diante de mim nenhuma regra que limitasse esse direito: porque couberam os meus ossos, minha carne e minha inteligência numa crisálida que me esconde a quase todas elas?

– Por que não tiveram meus sentidos mil vezes mais perspicácia, e meus gozos mil vezes mais intensidade? Eu não sou somente um músculo a viver d'endosmose, como o verme dos líquidos corruptos, nem uma célula de cortiça onde a luz nada tem que fazer: o que constitui o meu verdadeiro ser é a inteligência, a vontade, a avidez, as faculdades que de contínuo estão a protestar contra esse existir de verme e de célula. E para que nasci preso nela e agarrado a ele, como o molusco à concha e ao rochedo? O bivalve não tem consciência que lhe revele a humildade da sua existência, nem imaginação que lhe retrace horizontes inatingíveis...

– Não é tudo. No meio dos infortúnios que me servem de berço, para que envelheço eu, e para que hei de morrer? Minha existência devera espalhar-se como centros de atração, de imortalidade e de luz pelos seios da criação, como os átomos pelo espaço: porque foi ela encerrada na unidade de um ser tão mísero, que o mais fugitivo dos seus prazeres é sempre o prelúdio de interminável tédio? E por que, enclausurada assim, ainda aí não achou paz? Filho do infinito e do insaciável impus silêncio a todos os meus anelos, e procurei adormentar as louras quimeras da minha fantasia, para queimar incenso em um só altar, protestando a uma só mulher, mesquinha larva como eu, o imenso amor que desde a adolescência me devora...: Por que razão assim reduzido a pouco menos de uma molécula, sem liberdade nem orgulho, desterrado da verdadeira vida das coisas, não fui eu feliz ao menos

relativamente, e ao contrário, o verme que eu incensava com os eflúvios do meu amor transformou-se lenta e progressivamente em férula para me trespassar?

– E por que, ao menos, vendo-me abatido e cheio de insondável angústia, não iluminou Deus o meu espírito para que eu, duvidando da Providência e da universalidade da Lei Moral, não desconheça a sua... mais que problemática bondade? Ah! quando eu considero essas monstruosas contradições no meio das quais se me deparava em mim próprio um duplo ser: um serafim e um satanás, uma águia e um cágado, um astro e um... escarro; e volto os olhos do meu espírito para o ermo da existência, e considero a impossibilidade de banir da minha mente o infernal concerto, só me pesa o não ter uma força colossal, uma mão enorme e uma potência ilimitada, para aferrar a realidade, esmagar o universo e suprimir os seres!...

– Vai saudosa Amanda, que não tardarei seguir-te – continuou com ar resignado depois de alguma pausa –; vai anunciar um novo banquete aos vermes do teu cemitério; e dize-lhes, que entre os ferozes deleites dessa nova orgia elevem um brinde à ingrata por quem te desprezei.

Tais eram as reflexões que trouxe à mente do pobre tresvariado a presença da esposa infiel, a qual por vezes tentara interrompê-lo, mas a quem foram rapidamente tolhendo a esperança de obter o perdão de que, na verdade, tornavam-na merecedora a sua vergonha e sua profunda mágoa em presença do pungentíssimo espetáculo.

– Não – disse ele com amarga ironia em vendo penetrarem na cela Armida e Mário –, aí estão os serafins que vêm colher o tesouro da paterna vergonha e reclamar o legado da infâmia materna, tesouro e legado com os quais o Misericordioso Autor dos mundos prova frequentemente aos inocentes a infinita justiça que preside à concatenação dos fatos desta triste comédia terrestre,

em que a prostituta está rindo no baile e o desonrado chorando nas galés!...

Depois abraçou-se com os filhinhos, olhou em redor de si, e soltou uma gargalhada tão longa e tão profundamente tétrica, que fazia ouriçar os cabelos, tanto parecia denunciar nele a mais irremediável alienação mental.

O desgraçado havia, de feito, enlouquecido!

XVI

CONCLUSÃO



Abyssus abyssum invocat.²²

DAVID, *Psalmos*.

Ninguém vingará tão bem um marido como o amante de sua mulher.²³

DE BALZAC. *Physiologie du mariage*.

Poucos dias depois dos fatos que acabamos de narrar havia dona Flamínia cessado de existir. A saída repentina dos aposentos onde acabava de curtir um terrível resfriamento, e ainda se deveria conservar por algum tempo, fora-lhe tão fatal quanto os sustos e desgostos causados pelo erro de Helena, cujas imediatas consequências fulminaram-na.

Sucumbiu no meio dos remorsos e das exprobações da própria consciência, levando consigo por única consolação e esperança de que Laura esposaria o senhor De Labriosche, e a fortuna de Helena poria a filha casada e os netos ao abrigo de maiores contingências materiais.

Foi a última ilusão de sua vida. De Labriosche era por demais sensato para não calcular os inconvenientes de uma união conjugal celebrada sob tão maus auspícios, e igualmente positivo

22 Um abismo chama outro abismo. *Los salmos de David y canticos sagrados*. 4 ed.: Madrid: Imprenta Real, 1796, p. 134.

23 *Physiologie du mariage (Fisiologia do matrimônio)*. 10 ed., Paris: Ollivier, Librairie-Editeur, 1837, p. 68.

para deixar de tirar partido da nova situação da estrangeira que ele desejara ardentemente por esposa, mas a quem já não podia tributar a mesma estima. Depois de declarada a loucura de Fernando, só a resistência de dona Flaminia seria um obstáculo à satisfação dos novos desejos do viúvo. Suprimida essa resistência, o que mais lhe restava a fazer se não reduzir à mancebia a cunhada de um doido, órfã de pais, e irmã de uma adúltera? Ainda o sonho de Labriosche não se havia realizado quando já de boca em boca o nome de Laura corria como o de uma simples barregã. Era a calúnia profetizando a verdade.

A história de Helena é menos simples. Mãe de dois filhos tenríssimos nos quais a sua imprevidência privara do natural protetor, órfã de pai e mãe, coberta de ignomínia aos olhos das pessoas que a conheciam, e maiormente entre a chamada “colônia brasileira” – que tinha acompanhado cuidadosamente todos os seus passos desde que ela chegara a Paris –, inexperta na arte de administrar os próprios bens, que a alienação mental do marido, o falecimento da mãe e a ausência da sua pátria colocaram nas mãos de diversos procuradores tão obsequiosos quanto ávidos e infiéis, e por último a sua condição de estrangeira em um país onde os seus patrícios, em geral desocupados e ricos, não deixam passar ensejo de expandir, em virulentos comentários e em contos exagerados acerca de conterrâneos, a inveja característica da nossa raça e a maledicência própria da ociosidade. Todas estas circunstâncias, enfim, juntas à consciência do envilecimento à que chegara, e ao exemplo da amásia do senhor De Labriosche, que começava a ser apontada nas altas regiões da depravação parisiense como uma das mais fulgurantes estrelas, resolveram Helena a implorar a proteção material do conde de Perlines, isto é, do moço apaixonado e melífluo que tantos protestos lhe havia feito de um amor imenso como o céu e durável como a eternidade.

O algoz, porém, que a sacrificara nos altares da impudícia, não tinha a generosidade que lhe atribuía a sua vítima. Acostumado

a triunfar de todas as relutâncias do pudor e do dever, e por isso mesmo à versatilidade dos afetos e dos apetites, não duvidou poluir o templo que pouco antes havia profanado, mandando responder verbalmente à desgraçada, que ele já a havia recomendado aos seus amigos, dos quais o mais particular era o que lhe levava este recado.

E nem se animaria a aparecer-lhe depois da formidável cabeçada e dos arrochos que levava do crioulo, de que resultou ficar sempre com o esterno quebrado, o peito disforme, e, em consequência da nova conformação da caixa torácica e da laringe, a voz sibilante e trêmula.

Ainda mais: ao passo que assim procedia com a mulher que tamanha prova lhe dera do seu amor, e a quem obrigara a descer ao último grau da humilhação e da vergonha, expunha a muitos dos seus companheiros de aventuras, adornando o discurso de quanto epíteto existe na cloaca da retórica plebeia parisiense, os dotes físicos da brasileira, no seu conceito destinados a causarem fanatismo entre os glutões de acepipes exóticos especiais.

Obrigada a vender por preço cada vez mais infamante os devassados tesouros, e a vestir de galas enganadoras o luto de sua alma e as mágoas de seu coração, só lhe restavam os filhos para a consolarem na imensa desventura. Até esse último brasão da sua antiga nobreza lhe foi arrebatado pela justiça humana, perante a qual foram rapidamente caducando todos os seus direitos de natural tutora. Um primo longínquo do general pai de Helena, homem estrangeiro à nossa pátria, porém ao qual as leis francesas davam o direito de tutoria sobre os remotos sobrinhos, os reclamou em nome da moralidade; e para cortar cerce todas as resistências da relapsa não hesitou em ameaçá-la, se resistisse, de a denunciar às competentes autoridades como cultora professa da extrema abjeção feminil.

Enfim, o único moralmente escapo a toda essa ruína doméstica foi Azamor. Com a alma cheia de luto, mas sempre pura como a corrente de Alfeu* no meio da vaga corruptora,

acompanhou o louco ao hospício de Charenton, onde continuou a servi-lo com uma caridade evangélica, até o momento em que, recobrando um instante a antiga lucidez d'espírito na última crise de uma breve enfermidade do corpo, o amado amo perguntou-lhe por Helena, pelos filhos, e expirou-lhe nos braços.

Foi ele próprio, o bom fâmullo, quem, em Paris e no Hotel de Mme. Lafolie, onde pouco tempo antes se haviam hospedado o nosso saudoso poeta Gonçalves Dias* e o distinto escritor Henrique César Múcio*, me confirmou comovido, narrando-os minuciosamente, todos os fatos que compunham a história da infeliz família, e dos quais tinha uma vaga ideia pelo que ouvira contarem pessoas a cuja palavra fora imprudente demasiado crédito.

Tais foram as consequências mais próximas desse longo drama cujo desenvolvimento progrediu, como vimos, à sombra do lar doméstico; mas cujos atores não podiam esquivar-se de um raio da inexorável luz que nunca deixou de iluminar a face dos grandes desgraçados.

Sirvam elas de exemplo àqueles que acima das considerações da honestidade colocam os desejos despertados por impressões passageiras; e particularmente à toda jovem mãe de família, verdadeira sacerdotisa a quem incumbe a augusta missão de tornar feliz o esposo pela contínua prática do dever, preparar a criança para o futuro pelos salutareos exemplos da virtude, e suavizar os pesares da vida doméstica pelas irradiações do amor e da moral beleza.

GUIA DE NOMES

Figuras históricas, entes mitológicos,
lugares e obras de arte



A

ABISAGUE é personagem bíblica, jovem sunamita de grande beleza. Quando o rei David já não se aquecia, por mais que se o cobrisse, devido ao adiantado da idade, seus servos mandaram buscar por toda Israel uma jovem virgem para servi-lo e aquecê-lo. Essa jovem foi Abisague. Ela foi companheira do rei David na sua velhice.

A CARIOCA é um quadro a óleo de Pedro Américo, executado entre 1863 e 1865, quando o autor se encontrava estudando, em Paris. Esta obra foi enviada a Pedro II como presente e prova de seus avanços técnico-artísticos na capital francesa, e que contaram com a simpatia e ajuda imperiais. Pedro Américo fez 2 ou 3 cópias deste quadro, e uma delas, datada de 1882, se encontra no Museu Nacional de Belas-Artes, do Rio de Janeiro. A obra exhibe uma náíade, que se banha nas águas da fonte que abastecia o famoso Chafariz da Carioca. Ver **CANOS DA CARIOCA**.

ALFEU é o *Potamos Theos*, deus do rio, da mitologia grega, filho de Oceano e Tétis. O mito de Alfeu está ligado, como curso d'água, a vários eventos mitológicos; por exemplo, foi em suas margens que Apolo ensinou Melampo a profetizar olhando as entranhas dos animais em sacrifício; ou, ainda, na sua confluência com o afluente Enipeo, por quem a jovem Tiro se apaixonara, e foi onde a jovem terminou violada por Posídon ou Possêidon.

ANDRÉ CHÉNIER ver **CHÉNIER, ANDRÉ**.

ARACNE é figura da mitologia grega. Diz a lenda que Aracne morava em Colofone, na Lídia, e era habilíssima no tecer. Quando diziam que tal arte fora aprendida com a deusa Atenas, respondia, vaidosamente, que a deusa, sim, é que havia aprendido ela. Atenas vem à Aracne e iniciam uma disputa para ver quem tecia melhor. Aracne escolhe por tema o amor dos deuses, e a peça que teceu ficou tão perfeita que Atenas enraiveceu, destruiu a peça e atingiu Aracne com seu pescoço. A deusa, então, transformou-a numa aranha, forçando-a a tecer a vida toda com

a boca, punindo-a pela arrogância de desafiar a deusa. Aracne é citada por Virgílio nas *Geórgicas*, por Ovídio na *Metamorfose*, por Dante no Purgatório (Canto XII) e no Inferno (Canto XVII), por Boccaccio em *De mulieribus claris* (*Mulheres famosas*) e por Giambattista Marino na poesia *Donna che cuce* (*Mulher que costura*).

ARMANDOS faz referência à personagem Armand Duval, do célebre romance *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas, Filho, publicado em 1848. A obra conta a infeliz história de amor da bela plebeia Margarida Gautier com o jovem Armand Duval, da alta burguesia francesa. Pressionada pelo pai de Armand, a bela jovem abre mão de seu amor, dizendo-lhe estar comprometida com outro. Margarida cai em profunda tristeza e adoece de grave tuberculose. Ao fim, Armand descobre o motivo pelo qual ela havia renunciado à paixão, mas é já tarde, pois Margarida Gautier falece.

ASPÁSIA foi mulher de Péricles, participou ativamente da vida cultural e intelectual da Atenas do século V a. C.

B

BALZAC [HONORÉ DE BALZAC, 20.05.1799 – 18.08.1850) é um dos mais conhecidos escritores franceses. Ele se notabilizou por suas agudas observações psicológicas, e é considerado o fundador do Realismo. Sua obra de maior envergadura, *A comédia humana*, traz 95 romances, novelas e contos que retrataram todos os níveis da sociedade francesa da época, em particular a florescente burguesia após a queda de Napoleão Bonaparte, em 1815.

BARBEIRO DE SEVILHA ou *a precaução inútil* (*Il barbiere di Siviglia, ossia L'inutile precauzione*) é uma ópera-bufa, e foi composta pelo italiano Gioachino Rossini, baseado na comédia *Le Barbier de Séville* do dramaturgo francês Pierre Beaumarchais.

BALÃO NADAR. Ver **NADAR**, FÉLIX.

C

CANOS DA CARIOCA, também conhecido como Cano Real da Carioca, levava água das florestas das Paineiras e do Morro de Santa Tereza para o Chafariz da Carioca, próxima ao centro do Rio de Janeiro. A pequena trilha que acompanhava os canos do Aqueduto da Carioca se tornou mais tarde a Rua do Aqueduto, atual Almirante Alexandrino. Escavações recentes encontraram partes do cano a 3,8 m de profundidade, e que foram reunidos em 83 caixas.

CASTA DIVA é uma ária da ópera *Norma*, de Vincenzo Bellini, que estreou no Teatro alla Scala, de Milão, em 26 de dezembro de 1831. *Norma* é considerada, pela crítica especializada, o ponto alto da tradição do *bel canto*.

CHÉNIER, ANDRÉ [ANDRÉ MARIE CHÉNIER, 30.10.1762 – 25.07.1794] foi poeta classicista francês que mais influenciou o Romantismo. Ele foi secretário da embaixada francesa em Londres, e de lá participou com entusiasmo do movimento revolucionário da Bastilha. Pouco depois, através do *Journal de Paris*, passa a condenar os excessos da Revolução, em que critica Jacques Brissot e energicamente a Jean-Paul Marat. Foi preso e condenado à morte pelo Tribunal Revolucionário. Ele se consagrou com obras *Bucoliques* ou *Idylles* (*Bucólicas* ou *Idílios*), *Élégies* (*Elegias*), *Épîtres* (*Epístolas*) e o poema didático *L'Hermès* (*O Hermes*). Sua vida inspirou Umberto Giordano (1867-1948) a compor a ópera *André Chénier*.

CLEÓPATRA VII foi rainha do Egito de 68 a 30 a. C.. Cleópatra é um nome grego muito antigo: na *Iliada*, de Homero, é o da mulher de Meleagro, e na lenda dos Argonautas é o da mulher de Fineu. Os ascendentes de Cleópatra VII eram macedônios, que formaram a dinastia Lágida.

COLÉGIO PEDRO II. Criado em 1837, durante o período Regencial, o Imperial Colégio Pedro II nasceu como resultante da reorganização do Seminário de São Joaquim, proposta pelo Marquês de Olinda. Com a reorganização, o Colégio passou a servir de modelo de formação para as demais províncias. A maioria dos alunos que por lá passou pertencia

à elite econômica e política do país, e eventualmente recebia promissores estudantes sem recursos financeiros. Mesmo com o advento da República, em 1889, o Colégio Pedro II conservou, até meados do século XX, o caráter de instituição-modelo para todo o ensino secundário brasileiro.

CONDE MARFORI ver **MARFORI, CARLOS**.

CRÍTON é um dos diálogos de Platão. *Crítion ou Do dever* é obra que traz a conversa travada entre Sócrates e seu rico amigo Crítion acerca de justiça, injustiça, e a resposta apropriada à injustiça. Sócrates considera que a injustiça não pode ser respondida com a injustiça e recusa a oferta de Crítion de financiar sua fuga da prisão.

CORRENTE DE ALFEU ver **ALFEU**.

D

DÂMOCLES ver **ESPADA DE DÂMOCLES**.

D'ARTAGNANS. D'Artagnan é personagem celebrizada por Alexandre Dumas na obra *Os três mosqueteiros*. Proveniente da Gasconha, D'Artagnan chega a Paris movido pelo ideal de uma nova vida, e ao lado de Athos, Porthos e Aramis acaba se envolvendo em uma série de aventuras.

DAVI [DAVID, c. 1040 a. C. – 970 a. C.] ou *Melekh David* (rei Davi), é o rei de Israel e do povo judaico. A vida de Davi é particularmente relevante para a cultura judaica, cristã e islâmica. No Cristianismo, Davi é mencionado como um ancestral do pai adotivo de Jesus, José, e no Islamismo é conhecido como Daud, profeta e rei de uma nação. Davi é descrito, na Bíblia, como tendo muitos dons, como o da música, da poesia e foi também o criador de salmos penitenciais citados nas sagradas escrituras.

DEBAY, AUGUSTE (1802 – 1890), médico francês, ganhou fama por publicar livros de medicina em linguagem acessível. Em 1840, publicou diversos trabalhos relacionados à fisiologia, sexualidade no matrimônio, higiene e um manual farmacêutico sobre cosméticos e perfumes, entre outros. O mais conhecido livro de Debay é *Hygiène et physiologie du mariage*

(*Higiene e fisiologia do casamento*), que chegou à 172ª. edição em 1888, 40 anos depois da primeira publicação. As obras de Debay reproduziram ideias científicas da época, a respeito da natureza nervosa e quase patológica do sexo feminino, embora exaltasse as qualidades morais e defendesse o poder civilizador das mulheres.

DE LAMARTINE ver **LAMARTINE**.

DE MUSSET ver **MUSSET**.

DESTINO, segundo a mitologia grega, era Moros, deus do destino e da sorte, mas também era o deus das criaturas do tártaro e da morte. A sua personificação era uma entidade cega. Disse Hesíodo, na *Teogonia*, que Moros era filho de Nyx e por isso foi considerado um Daemon (divindade, espírito, que muito se assemelha aos gênios da mitologia árabe).

DIANA é a deusa romana da caça e dos animais selvagens e domésticos, identificada com a deusa grega Ártemis. Filha de Zeus e de Latona (Leto), Ártemis é a irmã gêmea de Apolo. Virgem severa e vingativa, aparece na mitologia como o oposto de Afrodite, e castiga cruelmente todo aquele que lhe faltar com o respeito, transformando-o, por exemplo, em um cervo para ser devorado por seus cães. Em contraposição, recompensa com a imortalidade seus fiéis adoradores, como é o caso de Hipólito, morto por causa de sua castidade.

DOUTOR FAUSTO é o protagonista de uma popular lenda alemã que fez pacto com o demônio, baseada no médico, mago e alquimista alemão Dr. Johannes Georg Faust (1480-1540). O nome *Fausto* aparece em diversos textos literários, e o mais famoso deles na peça teatral de Goethe. Tido como símbolo cultural da modernidade, Fausto é um poema que relata a tragédia do Dr. Fausto, homem de ciência que, desiludido com o conhecimento de seu tempo, faz um pacto com o demônio Mefistófeles, que o enche com a energia satânica insufladora da paixão pela técnica e pelo progresso.

DUMAS FILHO, ALEXANDRE [27.07.1824 – 27.11.1895], escritor francês, é filho ilegítimo de Alexandre Dumas, pai (Dumas Davy de la Pailleterie)

e Marie-Catherine Labay, uma costureira. Dumas Filho seguiu de perto os passos do pai, conquistando fama como autor de livros e peças de teatro. Seu romance mais conhecido é *La dame aux camélias* (*A dama das camélias*). Esse romance é a base para ópera *La Traviata*, de Giuseppe Verdi.

E

ESPADA DE DÂMOCLES. Esta conhecida expressão originou-se de uma antiga parábola moral siciliana, que foi popularizada pelo político e filósofo romano Cícero, no livro *Tusculanae disputationes* (*Discussões tusculanas*), escrito em 45 a.C.. A espada de Dâmocles é uma alusão empregada para remeter a este conto, que representa a insegurança dos que têm grande poder (dada à possibilidade de, de repente, perdê-lo) ou a qualquer sentimento de danação iminente.

F

FAVORITA [LE FAVORITE ou LA FAVORITA] é uma ópera em quatro atos, com música de Gaetano Donizetti e libreto de Alphonse Royer, Gustave Vaez e Eugène Scribe, baseado na peça teatral *Le comète de Comminge* (*O cometa de Comminge*, 1764) de Baculard d'Arnaud. Estreou em 2 de dezembro de 1840 na Ópera Garnier, em Paris.

FEUILLET [OCTAVE FEUILLET, 10.08.1821 – 28.12.1890] foi romancista e dramaturgo francês, membro da Academia francesa, apelidado de “Musset des familles” (Musset das famílias). Entre suas muitas obras, destacam-se *La Vie de Polichinelle et ses nombreuses aventures* (*A vida de Polichinelo e suas numerosas aventuras*), *Palma, ou, La nuit du vendredi saint* (*Palma, ou A noite de Sexta-feira Santa*), *Mariage dans le monde* (*Casamento no mundo*), *Le Divorce de Juliette* (*O divórcio de Julieta*), *Le curé de Bourron* (*O padre de Bourron*), *Honneur d'artiste* (*Honra de artista*).

FISIOLOGIA DO MATRIMÔNIO OU MEDITAÇÕES DA FILOSOFIA ECLÉTICA SOBRE A FELICIDADE E O INFORTÚNIO CONJUGAL [*Physiologie du mariage ou méditations de la philosophie éclectique sur le bonheur et le malheur conjugal*] é uma obra de Honoré de Balzac, publicado em 1829. Ao mesmo tempo ensaio, meditação e narrativa, o texto oscila entre estudo da moral e tratado analítico, e faz parte de um gênero que se desenvolverá, o da fisiologia. Apesar de seu caráter ousado para a época e sua estrutura pouco em linha com o romance balzaquiano, a *Fisiologia* estabelece as bases da *Comédia humana*.

FONTE DE JUVÊNCIO [FONTE DA JUVENTUDE] vem em razão do termo latino *juventus* ou *juventutis*, época ou condição de estar na mocidade. Constante em muitas lendas, as águas da Fonte da Juventude são, como de amplo conhecimento, capazes de restituir a jovialidade a quem delas se servir.

FOULD, ACHILLE [17.11.1800 – 05.10.1867] foi banqueiro francês, orleanista e depois bonapartista. Ele ocupou várias vezes o posto de ministro das Finanças e deputado na Assembleia Constituinte de 1848. Fould foi defensor dos interesses dos banqueiros e financistas franceses. Além das notáveis habilidades financeiras, ele foi conhecido apreciador das artes plásticas. Em 1857, foi eleito membro da Academia de Belas-Artes de Paris.

FRINEIA, cortesã grega do século IV a. C., foi amante de Praxíteles, a quem serviu de modelo para as suas estátuas de Afrodite. Acusada de impiedade, a bela Frineia foi defendida por Hipérides, que a desnudou perante os juízes, garantindo-lhe, desta forma, a inocência.

G

GANOT [PIERRE BENJAMIN ADOLPHE GANOT, 1804-1887] foi físico e matemático francês, e é o autor de dois conhecidos livros didáticos: *Cours de physique purement expérimental* (Curso de física puramente experimental, 1859) e *Traité élémentaire de physique expérimentale et appliquée et de météorologie suivi d'un recueil de 100 problèmes avec*

solutions (*Tratado de ensino fundamental sobre Física Experimental e aplicada e de meteorologia seguida de uma coleção de 100 problemas com soluções*, 1880). As obras de Ganot foram traduzidas para diversas línguas, especialmente para o inglês, alemão, espanhol, holandês e russo.

GONÇALVES DIAS [ANTÔNIO GONÇALVES DIAS, 1823-1864], poeta, advogado, jornalista, etnógrafo e dramaturgo, é um dos grandes nomes do Romantismo brasileiro. Celebrizou-se por haver escrito “Canção do exílio”, um dos poemas mais conhecidos da literatura brasileira, bem como o curto poema épico “I-Juca-Pirama”, e outros tantos versos de verve nacionalista que lhe dariam o título de poeta nacional do Brasil. Além das citadas, destacam-se de sua obra: *Um Anjo* (romance, 1843), “Primeiros cantos” (poesia, 1847), “Os Timbiras” (poesia, 1857, inacabado), *Dicionário da língua Tupi* (1858).

GOTTSCALK [LOUIS MOREAU GOTTSCALK, 08.05.1829 - 18.12.1869] compositor e pianista, foi o primeiro músico erudito norte-americano a alcançar reconhecimento internacional. Ele inovou ao utilizar em suas composições ritmos e temas da música *crioula* e latino-americana. Gottschalk escreveu obras e sinfonias, como *A Night in the Tropics* e *Montevideo* (*Uma noite nos trópicos e Montevideu*). Ele é mais conhecido, porém, por suas peças de piano, algumas das quais com base em lembranças da música que ele ouviu, nos primeiros anos de vida, na Louisiana, como *Le Bananier* (*A bananeira*), *The Bamboula* (*A Bamboula*), *The Union* (*A união*), *Le Banjo* e *The Dying Poet* (*O poeta moribundo*).

GOUNOD [CHARLES GOUNOD, 17.06.1818 – 18.10.1893] foi compositor francês que ficou famoso por suas óperas e composições religiosas. Em 1839, compôs uma cantata (*Ferdinand*) e ganhou o *Prix de Rome*, um prêmio famoso para jovens compositores, que dava direito a uma bolsa de estudos na Itália. Após forte crise pessoal, Gounod recebeu conforto sacerdotal, e passa a alimentar profunda devoção religiosa, que o levou a escrever muitas obras sagradas até a sua morte, incluindo aí a famosa *Ave Maria*. Entre suas composições destacam-se *Fausto* (1859), *La Colombe* (1860), *Romeu e Julieta* (1867), e as peças sacras *Tobias* (oratório), *Pater Noster*, *Missa de Joana D'Arc*.

H

HÉKLA [Hekla] é um dos vulcões mais ativos da Islândia.

HELOÍSA [HELOÍSA DE ARGENTEUIL ou HELOÍSA DE PARÁCLITO, 1090 - 1164] e Pierre Abélard (1079 – 1142) – filósofo escolástico, teólogo e grande lógico francês – protagonizaram uma das mais célebres passagens dramáticas do medievo. A paixão que uniu Abélard à sobrinha do cônego Fulberto, Heloísa, foi severamente punida com a castração dele, e o confinamento dos dois: ela num convento, ele num mosteiro. Mesmo separados à força, mantiveram correspondência constante. Esse amor gerou um filho, Astrolábio (1116 - 1171). O romance com Heloísa de Paráclito ficou conhecido através do relato de Abélard em sua conhecida obra autobiográfica *Historia calamitatum* ou *Abælardi ad amicum suum consolatoria* (*História das minhas calamidades* ou *Carta de consolação de Abelardo para um amigo*).

HENRIQUE CÉSAR MÚCIO ver MÚCIO, HENRIQUE CÉSAR.

HÉRCULES [HÉRACLES] é o mais famoso dos heróis gregos, filho de Zeus e de Alcmena, e que provavelmente inspirou o deus romano Hércules. Considera-se que este mito fora trazido para Roma por colonos gregos da Magna Grécia, que corresponde à parte costeira inferior da península itálica.

HOMME-FEMME ver **LE HOMME-FEMME**.

HONORÉ DE BALZAC ver **BALZAC**.

I

J

JERROLD, WILLIAM [DOUGLAS WILLIAM JERROLD, 1803-1857] foi dramaturgo e escritor inglês, muito popular em seu tempo, apesar de suas peças não terem se mantido no palco. Ele foi dos artistas que lutaram em defesa do drama nativo inglês, esforçando-se para conter a onda de tradução do francês sobre o teatro britânico, no início do século XIX. De sua variada obra, destacam-se: *Black-Eyed Susan* (*Os olhos negros de Susan*, 1829), *The Story of a Feather* (*A história de uma pena*, romance, 1844), *Chronicles of Clovernook* (*As Crônicas de Clovernook*, 1846).

K

L

LE HOMME-FEMME (*O homem-mulher*) é um ensaio de Alexandre Dumas, Filho, publicado em 1878, como reação a uma cobertura da imprensa francesa ao julgamento de um homem que assassinara a esposa “infiel”, de quem havia se separado. Esta obra veio como resposta a um específico artigo que deplorou as leis francesas que fechavam os olhos a tais crimes, pois o assassino fora condenado a meros 5 anos de prisão. O livro causou muito alvoroço em Paris, e em curto espaço de tempo foi reimpresso dezenas de vezes.

LAÍS [LAÍS DE CORINTO, dita A Bela, c. 425 a. C.] é uma conhecida hetairai (cortesã ou prostituta) da Grécia Antiga, provavelmente nascida em Corinto. Laís viveu durante a Guerra do Peloponeso e dela se afirmou ser a mulher mais bonita de seu tempo. Estão entre os seus clientes o

filósofo Aristipo, que lhe dedicou dois escritos, e o campeão olímpico Eubotas de Cirene.

LAMARTINE [ALPHONSE MARIE LOUIS DE PRAT DE LAMARTINE, 21.10.1790 - 28.02.1869] foi escritor, poeta, diplomata e político francês. Seus primeiros livros de poesia (*Primeiras meditações poéticas*, 1820 e *Novas meditações poéticas*, 1823) deram-lhe fama, e influenciaram o movimento romântico na França e no mundo. Entre suas obras, destacam-se *Harmonias poéticas e religiosas* (1830), *Jocelyn* (1836), *A queda de um anjo* (1838), *História da Turquia* (8 volumes, 1855), e a que é considerada sua obra prima do período final *A vinha e a mansão* (1857).

LAROUSSE [PIERRE ATHANASE LAROUSSE, 23.10.1817 - 03.01.1875] foi pedagogo e pedagogista, editor e enciclopedista francês. Credita-se a Pierre Larousse mudanças significativas no ensino na França, quando introduziu algumas técnicas para estimular a criatividade, inteligência e capacidade de raciocínio das crianças. Em 1856, ele lançou, com grande êxito, o *Novo Dicionário da Língua Francesa*, precursor do *Petit Larousse*. Foi sua a iniciativa de publicar uma enciclopédia comparada à enciclopédia *Diderot y d'Alembert*, mas que não fosse dirigida à elite, e sim à sociedade em geral, o que aconteceu 1863, com lançamento *Grande Dicionário Universal* em fascículos, dedicado à glória das ideias republicanas, liberais, progressistas e laicas.

LISBOA, JOSÉ DA SILVA [JOSÉ DA SILVA LISBOA, 16.07.1756 - 20.08.1835], primeiro Barão e Visconde de Cairu, foi economista, historiador, jurista, publicista e político brasileiro. Ele teve destacada participação na Independência do Brasil, e foi responsável por importantes reformas econômicas. Ele escreveu diversos livros, entre os quais *Memória sobre a vida de Lord Wellington* (1815), *Memórias sobre os benefícios políticos de El-Rei Dom João VI* (1818), e na década de 1820 publicou volumes de sua inacabada *História dos principais sucessos políticos do Império do Brasil*.

LISZT [FRANZ LISZT ou LISZT FERENC, em húngaro, 22.10.1811 - 31.07.1886] foi compositor, pianista, maestro, professor e franciscano húngaro. Além de brilhante pianista, compositor e maestro influente, era admirado por ter auxiliado outros compositores, incluindo-se neste rol Richard Wagner, Hector Berlioz, Camille Saint-Saëns, Edvard Grieg

e Aleksandr Borodin. Liszt foi um criador incansável, e deixou extensa obra, em meio a qual se destacam *19 Rapsódias Húngaras para piano*, *Sonata em si menor*, *Sinfonia Fausto*, *Sinfonia Dante*, *Concerto para piano n.º 1*, *Concerto para piano n.º 2*, a valsa *Mephisto n.º 1* e *Poemas sinfônicos*.

M

MADAME DE POMPADOUR [JEANNE-ANTOINETTE POISSON, Marquesa de Pompadour, 29.12.1721 – 15.04.1764, ou Reinette, Rainhazinha, em francês], foi cortesã e amante do Rei Luís XV da França. Ela é tida como uma das personalidades francesas mais emblemáticas do século XVIII. Inteligente, bela e encantadora, os franceses consideravam-na fria no físico e na alma. Era ela que governava Versalhes, concedia audiências a embaixadores e tomava decisões sobre todas as questões ligadas à concessão de favores, de forma tão absoluta quanto qualquer monarca.

MANOEL DE CRISTO GRANGEIRO DE MELO [? - 1856] foi compositor e maestro pernambucano, é o avô paterno de Pedro Américo de Figueiredo e Melo. Junto com os filhos do primeiro casamento, Manoel de Cristo manteve uma orquestra, que se apresentava em diversas festas pelo Nordeste, especialmente em festas religiosas de padroeira em Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

MANON LESCAUT é uma ópera de Giacomo Puccini (22.12.1858 – 29.11.1924), dividida em quatro atos, cujo libreto em italiano tomou por base a novela do Abade Prévost, *L'Histoire du Chevalier des Grieux et de Manon Lescaut* (*A história do cavalheiro de Grieux e de Manon Lescaut*). Esta ópera estreou em 1 de fevereiro de 1893, no Teatro Regio, de Turim, Itália.

MANZONI [ALESSANDRO FRANCESCO TOMMASO MANZONI, 07.03.1785-22.05.1873] foi escritor, poeta e político italiano, um dos mais importantes nomes da literatura de seu país. Foi ainda senador do Reino da Itália. Escreveu *I promessi sposi* (*As promessas de noivos*).

MARFORI [CARLOS MARFORI] foi governador de Madri, intendente do palácio, ministro do Ultramar e ministro da Marinha espanhola, ficou conhecido como amante da rainha Isabel II, da Espanha. Isabel, pouco

popular em Espanha, viveu em Paris com sua corte e seu favorito Marfori, dando esplêndidas festas (nas quais se viu até o xá da Pérsia) e recebendo discretamente o marido, que pensionava.

MARGARIDA DE BORGONHA [MARGUERITE DE BOURGOGNE, 1290 – 14.04.1315], foi Rainha consorte de Navarra desde 1305, e de França, desde 1314 e até à sua morte, através do seu casamento com o rei Luís X de França. Em 1314, ela foi acusada de adultério com Filipe de Aunay, juntamente com a cunhada Branca (com Gautério de Aunay), no chamado caso da Torre de Nesle. Julgados e condenados por crime de lesa-majestade, os irmãos Aunay foram supliciados e executados. As duas princesas tiveram os cabelos raspados, e Branca ficou aprisionada por sete anos, numa fortaleza de Château-Gaillard. Já Margarida, que ocupava um quarto aberto aos ventos no topo da torre da fortaleza, foi encontrada morta, em 1315. Segundo versões, Luís X mandou estrangulá-la.

MARIAGE DANS LE MONDE (*Casamento no mundo*), obra de Octave Feuillet, expressa perfeitamente o conservadorismo moral do Segundo Império francês. Em razão de sua maneira de descrever a vida, de modo elegante e lúcido, de sua representação de personagens femininas, sua análise da psicologia e sentimentos de membros da boa sociedade, bem como o estilo de sua prosa, visto como excelente, discreto e espiritual, garantiram-lhe boa apreciação do público feminino.

METRA [JULES-LOUIS-OLIVIER MÉTRA, 02.06.1830 - 22.10.1889] foi compositor e maestro francês, conquistou muita fama e prestígio graças às valsas, polcas, mazurcas e quadrilhas que compôs. São de sua autoria as valsas *Le tour du monde*, (*Volta ao mundo*), *Valse des roses* (*Valsa das rosas*), *Gambrinus*, *La nuit la sérénade* (*Serenata noturna*). Entre 1872 e 1877, ele dirigiu os bailes da Opéra-Comique, a orquestra de Folies Bergère, para a qual compôs muitos balés, incluindo o conhecido *Les Volontaires* (*Os voluntários*). De todos os compositores franceses do período, Metra foi, certamente, o mais popular.

MÚCIO, HENRIQUE CÉSAR [HENRIQUE CÉSAR MUZZIO, 1831-1874] foi médico, oficial intérprete, arquivista e secretário do Conselho Naval, secretário do Governo de Minas Gerais, escritor e poeta. São da lavra deste escritor carioca *Grinalda de flores poéticas* (1854), *Operações de*

trépano (1858), *Correspondência de Machado de Assis* (1860), *A noite no castelo* (1861).

MUSSET [ALFRED LOUIS CHARLES DE MUSSET, 11.12.1810 - 02.05.1857], poeta, novelista e dramaturgo francês, é uma das personalidades mais conhecidas do período romântico. Afirma-se dele que foi *o mais clássico dos românticos e o mais romântico dos clássicos*. De sua lavra destacam-se *A ma mère* (*A minha mãe*), *A Mademoiselle Zoé le Douairin* (*A senhorita Zoé le Douairin*), *Chanson de Barberine* (*Canção de Barberine*), *La mouche* (*A mosca*), *Contes* (*Contos*), a novela autobiográfica *La Confession d'un Enfant du Siècle* (*A confissão de uma criança do século*).

N

NADAR, FÉLIX é o pseudônimo de Gaspard-Félix Tournachon [05.04.1820 - 21 .03. 1910] fotógrafo, caricaturista e jornalista francês. Nadar foi caricaturista do jornal ilustrado *Le Charivari* em 1848, e criou, em 1849, a *Revue comique* (*Revista cômica*) e o *Petit journal pour rire* (*Pequeno jornal para rir*). Nadar construiu, em 1863, um enorme balão de ar quente, com cerca de 6000 m³, chamado *Le Géant* (*O Gigante*), o que inspirou Júlio Verne a escrever *Cinq semaines en ballon* (*Cinco semanas em um balão*). O interesse de Nadar pela aeronáutica levou-o a criar e presidir a The Society for the Encouragement of Aerial Locomotion by Means of Heavier than Air Machines (*A Sociedade para o Estímulo à Locomoção Aérea por Meios mais Pesados que Máquinas a Ar*), e com Júlio Verne como secretário.

NAPOLEÃO III [CHARLES-LOUIS-NAPOLEON BONAPARTE, 1808–1873], sobrinho de Napoleão Bonaparte, foi presidente da Segunda República, de 1850 a 1852, e imperador da França de 1852 a 1871.

NINON DE L'ENCLOS [ANNE NINON DE L'ENCLOS ou NINON DE LANCLOS, 10.11.1620 – 17.10.1705] foi cortesã, escritora e patrona de artes em França. Mulher de letras, Ninon de L'Enclos professava ideias epicuristas, conhecia o italiano e o espanhol, citava os grandes autores clássicos e era versada em ciências. Ela colecionou, durante toda a vida, muitos amantes, ao ponto de ser chamada mais tarde por *Walpole* (nossa

senhora dos amores). Símbolo da mulher culta e independente, rainha dos salões parisienses, Ninon de L'Enclos é tida como precursora da mulher livre e independente.

P

PÁTROCLES ou **PÁTROCLO** é, na mitologia grega, uma das personagens centrais de a *Ilíada*, de Homero, primo e, para alguns, amante de Aquiles. Pátroclo e Aquiles lutaram ao lado dos gregos na Guerra de Troia. E quando Aquiles se recusou a lutar contra os troianos, por causa de diferenças com Agamênon, Pátroclo envergou a armadura de Aquiles, com o seu consentimento, e em combate morre, golpeado por Heitor, filho de Príamo, rei de Troia.

PAULO DE KOCK [CHARLES PAUL DE KOCK, 21.05.1794 – 29.08.1871) foi destacado romancista francês do século XIX. Kock obteve muita fama, principalmente entre as camadas mais populares: ele era conhecido como *o romancista das cozinheiras*. Os críticos da época, porém, diziam que Paul de Kock escrevia obscenidades e seu único objetivo era o lucro. São de sua lavra *Le cocu* (*O coitadinho*, 1831), *Le barbier de Paris* (*O barbeiro de Paris*, 1827), *Madame Tapin* (*A viúva Tapan*, 1868).

PHYSIOLOGIE DU MARIAGE ver **FISIOLOGIA DO MATRIMÔNIO**.

PINAUD [ÉDOUARD PINAUD, 29.12.1810 – 1868] foi um famoso perfumista francês e inventor de conhecida brilhantina que levou seu nome. Pinaud foi um homem de negócios muito bem-sucedido. Ele fundou a Companhia Casa de Perfumes e Cosméticos Pinaud, em 1830, em Paris.

POLIXENA, segundo a mitologia grega, era princesa de Troia. Há versões segundo as quais Polixena, prometida em casamento a Aquiles após o saque a Troia, atrai o lendário herói e ele morre pelas mãos de Páris, que disparou uma flecha a seu calcanhar, que foi guiada por Apolo. A *Ilíada* não fala, porém, da morte de Aquiles. Há versões que dizem ter sido Polixena entregue a Agamênon, que a entregou a Neoptólemo, que a assassinou sobre o túmulo de Aquiles, seu pai.

POPPE é termo italiano que designa “mamas”, “seios”.

PRADIER [JEAN-JACQUES PRADIER, 23.05.1790 – 04.06.1852] foi um escultor francês nascido na Suíça, e celebrizou-se por seu trabalho em estilo neoclássico. Pradier foi aluno de Jean Auguste Dominique Ingres, e em 1827 tornou-se membro da Academia de Belas-Artes e professor da École des Beaux-Arts. Ele foi amigo dos poetas românticos Alfred de Musset, Victor Hugo e Théophile Gautier. Peças famosas de Pradier são as figuras da Fama do Arco do Triunfo, as figuras decorativas na Igreja da Madeleine e doze vitórias dentro da cúpula dos Inválidos, em Paris.

Q

R

RAFAÉIS faz referência a Raffaello Sanzio [1483–1520]. Considerado o “príncipe dos pintores” pela aristocracia romana e pela corte papal, Raffaello é o melhor representante do Classicismo renascentista. Durante o papado de Júlio II e Leão X, realizou uma série de pinturas nas câmaras do Vaticano. Segundo o biógrafo Giorgio Vasari, a fama e o prestígio deste artista eram tão grandes que o papa Leão X chegou a dizer que iria fazê-lo cardeal.

RUBINSTEIN é o sobrenome de duas grandes personalidades russas da música do século XIX, os irmãos Anton Grigorievich Rubinstein (28.11.1829 – 20.11.1894) e Nikolai Grigorievich Rubinstein (02.06.1835 – 23.03.1881). Anton Rubinstein foi pianista, compositor e diretor de orquestra. E Nikolai Rubinstein foi pianista e compositor, e amigo íntimo do compositor Piotr Ilich Tchaikovsky.

S

SANDEAU [LÉONARD SYLVAIN JULIEN SANDEAU, 19.02.1811 – 24.04.1883], romancista e autor dramático francês, deixou cerca de 50 romances e peças teatrais de muito sucesso. Na juventude conheceu Aurore Dupin, o futuro George Sand, com quem escreveu a novela *Rose e Blanche*, ou *La Comedienne et la religieuse* (*Rosa e Branco*, ou *A comediante e a religiosa*), que aparece em 1831. Entre suas obras, estão *Madame de Sommerville* (1834), *Marianna* (1839), *Mademoiselle de Kérouare* (*Senhorita de Kérouare*, 1840), *Docteur Herbeau* (*Doutor Herbeau*, 1841).

SUSANA é personagem do Antigo Testamento. Casada, a bela judia Susana foi acusada, e falsamente, por libidinosos observadores que a desejavam, após ter ela se banhado no jardim sem suas damas-de-companhia. Quando Susana toma o caminho de casa, eles a pressionam e ameaçam denunciá-la por adultério, por se encontrar com um jovem no jardim caso ela não concorde em entregar-se a eles. Ela se recusa, é presa, e prestes a ser executada por promiscuidade, um jovem chamado Daniel interrompe o julgamento, gritando que os dois anciãos acusadores deveriam ser questionados para que não se matasse uma inocente, salvando, assim, a bela jovem. A dramática história de Susana inspirou pintores, como Rubens, Van Dyck, Tintoretto, Rembrandt, Tiepolo e muitos outros.

STRAUSS é o nome de conhecida família austríaca de músicos. O mais famoso foi Johan Strauss II, que se dedicou à composição de valsas que se tornaram muito populares. Suas valsas mantêm certa semelhança com as produzidas por seu pai, Johan Strauss, marcadas por introdução lenta e ricos detalhes orquestrais. Incluem-se entre suas conhecidas composições *Vozes da primavera*, *Sangue vienense*, *Vida de artista*, *Contos dos bosques de Viena*, *Vinho, mulheres e música*, *Valsa do Imperador*, *Rosas do sul*. Sua obra de maior sucesso é *O Danúbio azul*, que se transformou, praticamente, no hino de Viena.

T

TIRTEU [século VII a. C.] foi escritor grego, e compôs cantos de guerra e elegias. A poesia de Tirteu teria incentivado os espartanos na obtenção da vitória na Segunda Guerra da Messênia.

TERMUSA ou **THERMUSA** figura na História como exemplo de concubina que, em razão de sua beleza, virou esposa de um rei. O imperador romano Augusto César entregou como presente diplomático ao rei Fraates IV, da Pártia (hoje, nordeste do Irã), a romana Thermusa. Fraates encantou-se com a sua beleza, e fez dela sua concubina, depois sua legítima esposa. O rei da Pártia teve um filho com ela, Phraataces.

U

UGO FOSCOLO [NICCOLÓ UGO FOSCOLO, 06.02.1778 - 10.09.1827] foi poeta e escritor, um dos principais literatos do Neoclassicismo e do Pré-Romantismo italianos. Em sua produção se destacam duas linhas literárias principais: uma de direção neoclássica, como se verifica em *A Luigia Pallavicini caduta da cavalo* (*Luigia Pallavicini caiu do cavalo*) e *All'amica risanata* (*A amiga curou*), e o poema inacabado *Le Grazie* (*O obrigado*), e outra romântica, como nos sonetos *In morte del fratello Giovanni* (*Na morte do irmão Giovanni*), *A Zacinto*, *Alla sera* (*À noite*), e o poema *I Sepolcri* (*Os sepulcros*). Também na corrente romântica se inclui *Ultime lettere di Jacopo Ortis* (*Última carta de Jacopo Ortis*), romance de caráter autobiográfico, considerado o primeiro romance italiano moderno.

V

VISÃO DE SÃO PAULO [A VISÃO DE SÃO PAULO] é uma composição a óleo executada por Pedro Américo, quando em sua segunda temporada de estudos na Europa, de 1866 a 1869. Neste período, o artista pintou também *São Marcos* e a cabeça de *São Jerônimo*.

VISCONDE DE CAIRU. Ver **LISBOA, JOSÉ DA SILVA.**

VICTOR HUGO [VICTOR-MARIE HUGO, 1802-1885] foi romancista, poeta e prosador francês. A riqueza imagística e formal de sua lírica fez dele o maior poeta romântico francês e um dos seus mais brilhantes prosadores, bem como o mentor do romantismo em seu país. O período mais fértil de sua produção literária ocorreu após o golpe de 1851, que o levaria ao exílio por mais de 15 anos, parte dos quais na ilha inglesa de Guernsey. De sua fértil vida literária, destacam-se *Les châtiments* (*Os castigos*, 1853), *Les misérables* (*Os miseráveis*, 1862), *Les travailleurs de la mer* (*Os trabalhadores do mar*, 1866), *L'Homme qui rit* (*O homem que ri*, 1869).

W

WILLIAM JEROLD ver **JERROLD, WILLIAM.**

X

Y

Z

Títulos da Coleção Nordestina

A Coleção Nordestina foi criada em 1999, e reúne, a cada ano, um título publicado por cada uma das editoras universitárias do Nordeste brasileiro, editando ou reeditando obras representativas da produção intelectual da região, preferencialmente nas áreas de Literatura, Ciências Sociais, Antropologia e Folclore. O objetivo é constituir, no futuro, um repositório bibliográfico da Arte, da Cultura e da Ciência regionais, apto a preservar esse patrimônio e difundi-lo permanentemente, em âmbito nacional.

01 - Joaquim Nabuco: abolição e a república

Manuel Correia de Andrade

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

02 - A ciência e os sistemas

Pedro Américo

Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUEPB

03 - A Escrita da História na Casa de Sergipe - 1913/ 1999

Itamar Freitas (Org.)

Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

04 - Flor de romances trágicos

Luis da Câmara Cascudo

Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

05 - História da minha infância

Gilberto Amado

Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

06 - Cancioneiro Geral

Martins Napoleão

Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI

07 - Cartas Literárias

Adolfo Caminha

Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

- 08 - Imagens de um Tempo em movimento - Cinema e Cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)**
Maria do Socorro Silva Carvalho
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 09 - Canais e Lagoas**
Octávio Brandão
Editora da Universidade Federal da Alagoas/EDUFAL
- 10 - Cordéis**
Patativa do Assaré
Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC
- 11 - Frei Caneca: acusação e defesa**
Socorro Ferraz (org.)
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE
- 12 - Zé Limeira: o poeta do absurdo**
Orlando Tejo
Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB
- 13 - Um códice setencista inédito de Gregório de Matos**
Fernando da Rocha Peres e Silvia la Regina (Orgs.)
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 14 - Os Índios Tupi-Guarani na Pré-História, suas invasões do Brasil e o Paraguai, seu destino após descobrimento**
Moacyr Soares Pereira
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL
- 15 - A Ciência e os Sistemas: Questões de História e Filosofia Natural**
Pedro Américo
Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB
- 16 - Macau**
Aurélio Pinheiro
Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN
- 17 - Os Portugueses no Brasil - Estudo Histórico e Crítico (séc. XVI ao séc. XIX)**
Felisberto Freire
Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

18 - Cancioneiro Geral Vol. 2

Martins Napoleão

Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI

19 - O conto em 25 baianos

Cyro de Mattos (Org.)

Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz- EDITUS/UESC

20 - Antecipações

Gilberto Freyre

Editora da Universidade Estadual de Pernambuco/EDUPE

21 - Naufrágio e prosopopéia

Afonso Luiz Piloto e Bento Teixeira

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

22 - Horto

Auta de Souza

Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

23 - Apontamentos de Folclore

Frederico Edelweiss

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

24 - Maceió de outrora (Org. e apresentação de Raquel Rocha)

Felix Lima Júnior

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

25 - José Lins do Rego: modernismo e regionalismo

José Aderaldo Castelo

Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

26 - Delírio da Solidão

Jader de Carvalho

Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

27 - O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social

Thales de Azevedo

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

28 - Contos

Adolfo Caminha

Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

- 29 - O bangüê nas Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional**
Manoel Diegues Júnior
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL
- 30 - Nossa Senhora dos Guararapes**
Bernardino Freire de F. A. e Castro
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE
- 31 - História do Modernismo em Alagoas**
Moacir Medeiros de Sant'ana
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL
- 32 - Economia pernambucana no século XVII**
Manoel Correia de Andrade
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE
- 33 - O Príncipe de Joinville na Bahia, na Ilha de Santa Helena e no Golfo da Guiné**
Waldir Freitas Oliveira
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 34 - Dias e noites**
Tobias Barreto (Org. Luiz Antonio Barreto)
Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS
- 35 - Aves de arribação**
Antonio Sales
Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC
- 36 - Memórias: antes que me esqueça**
José Américo de Almeida
Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB
- 37 - Termos tupi na geografia de Sergipe**
Armino Guarani
Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS
- 38 - Antologia panorâmica do conto baiano - século XX**
Gerana Damulakis (Org.)
Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC /EDITUS
- 39 - Como melhorar a escravidão**
Henry Koster (trad. Prefácio e notas:
Nelson Patriota - estudo introdutório Manuela Carneiro da Cunha)
Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

40 - Naufrágio e prosopopéia

Afonso Luiz Piloto e Bento Teixeira

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

41 - Acusação e Defesa

Frei Caneca

Editora da Universidade de Pernambuco/EDUFPE

42 - O Catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social

Thales de Azevedo

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

43 - O Engenho de Açúcar no Nordeste

Manuel Diegues Júnior

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

44 - O Brasil, o Poder e o Povo

Miguel Arraes de Alencar

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

45 - Ação da Bahia na obra da independência nacional Braz do Amaral

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

46 - Reisado Alagoano

Théo Brandão

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

47 - Gestos e Vozes de Pernambuco

Luiz Delgado

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

48 - A literatura de cordel no nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral

Julie Cavignac

Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

49 - Os Cinemas da Bahia 1897-1918

Silio Boccanera Júnior

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

50 - A mestiçagem. no Brasil

Arthur Ramos

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

51 - Cachaça: contos

Francisco Julião

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

52 - Utopia Armada

Dirceu Lindoso

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

53 - O Theatro na Bahia da Colônia à República (1800-1923)

Sílio Boccanera Júnior

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

54 - Paremiologia Nordestina - 2ª. Edição Ampliada

Fontes Ibiapina

Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI

55 - Nelson Chaves - O homem além do tempo: A palavra de um cientista que amava sua terra e sua gente.

Maria Christina de Almeida Costa e Eunice Salzano Lago.(Org.)

Editora da Universidade de Pernambuco/EDUFPE

56 - Resistência Indígena no Piauí Colonial: 1718-1774 - 2ª. Edição

João Renor F. de Carvalho

Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI

57 - A Língua do Nordeste - 4ª. Edição

Mário Marroquim

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

57 - Gestos e Vozes de Pernambuco

Luiz Delgado

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

58 - A Pré-Revolução Brasileira

Celso Furtado

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

59 - Casa e Balcão: os caixeiros de Salvador (1890-1930)

Mário Augusto da Silva Santos.

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

60 - Costumes Africanos no Brasil

Manuel Querino

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

61 - A Testemunha na História e no Direito

Jayme de Altavila

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

62 - Poemário de Cordéis v.1

Pedro Nonato Costa

Editora da Universidade Federal do Piauí /EDUFPI

63 - Matas do Sertão de Baixo

Isaías Alves

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

64 - O Sertão

Carlota Freitas

Editora da Universidade Federal do Piauí /EDUFPI

65 - Arquitetura colonial baiana: alguns aspectos de sua história

Robert C. Smith

Editora da Universidade Federal da Bahia /EDUFBA

66 - Folclore Negro das Alagoas

Abelardo Duarte

Editora da Universidade Federal de Alagoas / EDUFAL

67 - Universidade e democracia

Luis de Magalhães Melo

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

68 - Artigos e Crônicas de Edgar Barbosa. Volume I (1927-1938)

Organização, seleção, apresentação e notas de Nelson Patriota

Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

69 - Contos Reunidos

Aramis Ribeiro Costa

Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz /EDITUS

**70 - Portugueses na Bahia na segunda metade do séc. XIX:
emigração e comércio**

Tania Risério d'Almeida Gandon

Editora da Universidade do Estado da Bahia /EDUNEB

71 - Plínio de Almeida: obra reunida

Flávio J. Simões Costa (Org.)

Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz /EDITUS

72 - O Teatro de Anchieta

Joel Pontes

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

73 - Fernão Cabral de Ataíde e a Santidade de Jaguaripe

José Calasans

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

74 - Instrução Pública e Instituições Culturais de Alagoas & outros ensaios

João Craveiro Costa

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

75 - Bêabá da Bahia - Guia Turístico

José Valadares Ilustrações de Carlos Thiré

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

76 - Notas dominicais: tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818

L. F. de Tollenare

Editora da Universidade de Pernambuco/EDUPE

77 - Brados Retumbantes de uma vida: trajetória de Pedro Jaime, o primogênito de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe

Maria Helena Alencar Guarani Valença de Araripe

Editora da Universidade Estadual do Ceará/EDUECE

78 - População e açúcar no nordeste do Brasil

Manuel Diégues Júnior

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

79 - História da Faculdade de Direito

Clóvis Beviláqua

Editora Universitária da UFPE/EDUFPE

80 - Ecológico

Cyro de Mattos

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

81 - Quase Biografias de Jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro

José Calasans

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

82 - Culturas Negras do Novo Mundo

Arthur Ramos

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

83 - Recife, o Carangueijo, o Viaduto

Denis Bernardes

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

84 - Os Analphabetos

João Gumes

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

85 - Navegação a vapor na Bahia oitocentista (1839-1894)

Marcos Guedes Vaz Sampaio

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

86 - As vilas do ouro: sociedade e trabalho na economia escravista mineradora (Bahia, século XVIII)

Albertina Lima Vasconcelos

Editora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB

87 - O triunfo de Sosígenes Costa

Cyro de Mattos e Aleilton Fonseca (Org.)

Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/EDITUS

Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS Editora

88 - Minelvino trovador apóstolo

Jorge de Souza Araújo

Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/EDITUS

89 - Cancioneiro do cacau 2ª edição

Cyro de Mattos

Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/EDITUS

90 - A História de Alagoas e o Baixo São Francisco

Moreno Brandão

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

91 - A História das Idéias de Paulo Freire e a Atual Crise de Paradigmas

Afonso Celso Scocuglia

Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

92. O Holocausto

Pedro Américo Figueiredo de Melo

Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

- 93 - A Praia - Espaço da Sociabilidade**
Thales de Azevedo
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 94 - História dos Mares da Bahia**
Cyro de Mattos (Org.)
Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/EDITUS
- 95 - José Dantas de Andrade, Dantinhas, Zé das Antas: um olhar sobre o campo e a cidade**
Jorge de Souza Araújo
Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/EDITUS
- 96 - Gregório de Matos e Guerra: uma re-visão biográfica**
Fernando da Rocha Peres
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 97 - Margarida, Margaridas**
Ana Paula Romão de Souza Ferreira
Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUEPB
- 98 - O Anjo da Morte contra o Santo Lenho: poder, vingança e cotidiano no sertão da Bahia**
Isnara Pereira Ivo
Edições UESB
- 99 - O Sábio e a Floresta: A extraordinária aventura do alemão Fritz Müller no trópico brasileiro**
Moacir Werneck de Castro
Editora da Universidade Estadual da Paraíba - EdUEPB
- 100 - A província**
Tavares Bastos
Editora da Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL
- 101 - Cultura e Educação nas Alagoas - 6ª edição**
Elcio Verçosa (Org.)
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL
Editora da Universidade Estadual de Alagoas/EDUNEAL
- 102 - O Sampauleiro: romance de costumes sertanejos - 2ª edição**
João Gumes
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

103 - Augusto dos Anjos e sua Época - 2ª edição

Humberto Nóbrega

Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUEPB

104 - História das Alagoas

Craveiro Costa

Editora Cesmac

105 - Retalhos de Infância (1955-1961)

Maria Lúcia Marques Cruz e Silva

Editora da Universitária Tiradentes / UNIT 2019

106 - Amor d'esposo: narrativa histórica - 2ª edição

Pedro Américo Figueiredo de Melo

Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUEPB

EU

Este livro foi diagramado pela Editora da UFPB em 2019,
utilizando a família da fonte Minion Pro e Stag. Impresso em papel
Pólen Soft 80 g/m² e capa em papel Supremo 250 g/m².

Assim como *O holocausto*, o primeiro dos romances de Pedro Américo de Figueiredo e Melo – também republicado na Coleção Nordestina, em 2018 – a reedição de *Amor d'espôso: narrativa histórica* configura importante resgate bibliográfico: primeiro, por ser testemunho privilegiado de um tempo de nossa história, depois por revelar valores e intenções de seu autor, expressos nas ações de suas personagens. Este romance, urdido no melhor estilo do folhetim ultrarromântico, conta a história do casamento de Fernando e Helena, que é ameaçado por fortes influências de costumes estrangeiros, e que levam a família a fim desditoso.

ISBN 978-85-237-1425-3



9 788523 714253